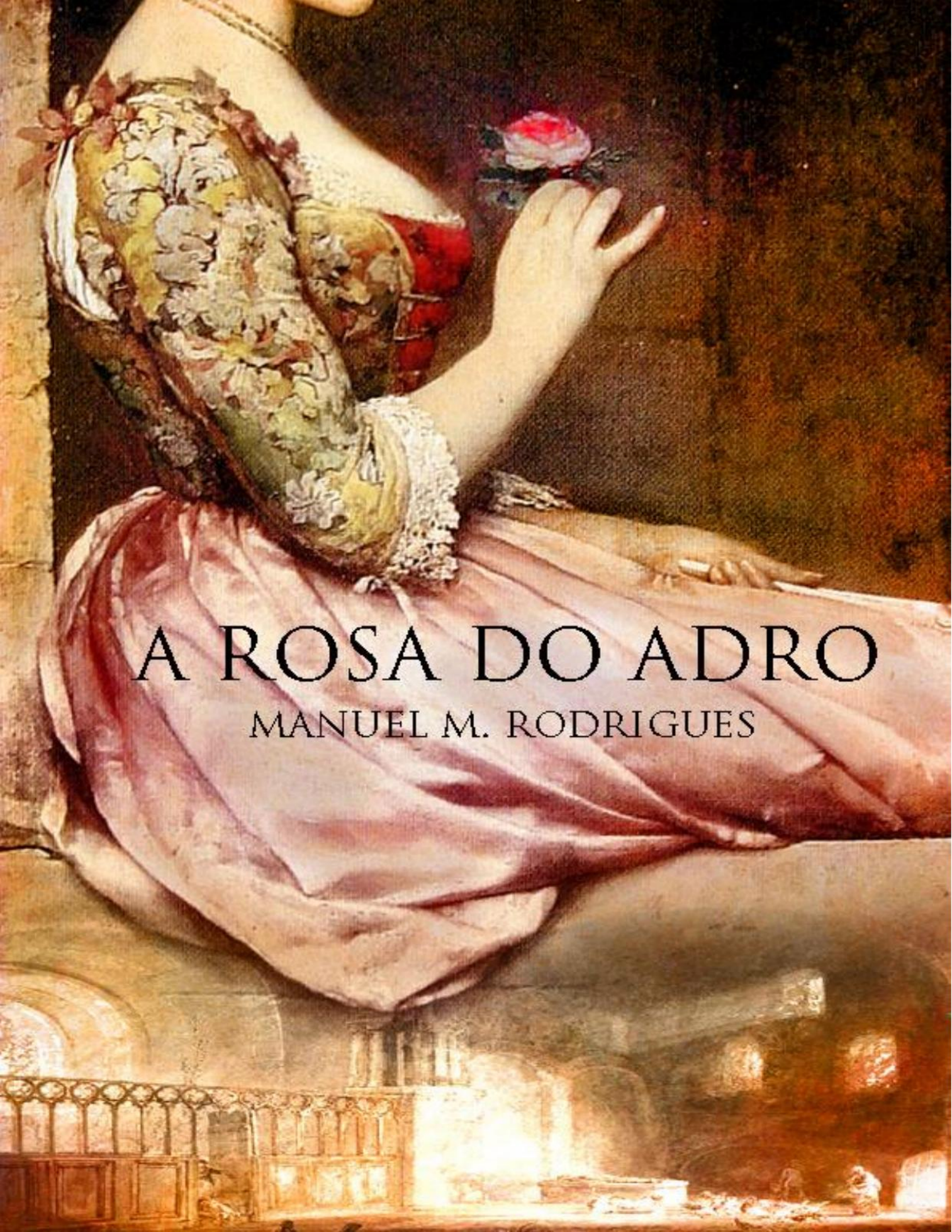

A ROSA DO ADRO

MANUEL M. RODRIGUES

A ROSA DO ADRO

MANUEL MARIA RODRIGUES

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

CAPÍTULO 1

A umas cinco ou seis léguas do Porto, e no fundo montanhoso de uma colina, surge, como por encanto, de entre as bouças de pinheiros e carvalhos, a pequena mas pitoresca aldeia de... forma ela um gracioso montão de pequenas casas, com as suas paredes brancas de neve e os seus telhados vermelhos de sangue, sobrepujados por outras tantas chaminés, das quais respiram de vez em quando uns rolos esbranquiçados de fumo, que se desfazem nos ares ao mais leve sopro da viração.

Do centro deste interessante grupo sobressai, majestosa, uma igreja de modesta e simples arquitetura, do cimo da qual se ergue, desafogada, uma grande cruz de granito, que eleva para o céu os seus toscos braços enegrecidos pelo tempo e pelos anos.

É belo e cheio de poesia tudo aquilo!

Aquele acervo de modestas habitações, tão estreitamente aconchegadas umas às outras, assemelham-se a pobres e tímidas fugitivas que, abandonando pressurosas o bulício das cidades, ali vieram apertar-se num terno abraço, procurando a paz e o descanso eterno em derredor daquela carinhosa mãe, que as abriga com a sua sombra e as protege do alto com os braços abertos, como para as livrar de qualquer perigo.

Depois, ao longe, lá se levanta ainda sobre a relva dos campos uma ou outra casa, que parece espreitar invejosa, por entre a folhagem verdejante do arvoredo, aquela feliz fraternidade das suas companheiras.

Enfim, as pequenas florestas, as viçosas planícies, as pitorescas encostas da colina, os estreitos e límpidos regatos serpenteando por toda a parte, o trinado alegre das aves na alvorada, o canto monótono e sentido do pegureiro, ao pôr do Sol, quando conduz os rebanhos, o mugido lastimoso das vacas que pascem, e uma outra infinidade de harmonias da natureza em toda a sua plenitude de rusticidade, dão àqueles lugares um aspeto de paz e felicidade inconcebíveis.

Em uma das pequenas casas que mais se aconchegavam à igreja, e distanciada desta apenas por um pequeno largo, a que chamam adro, habitava em outro tempo, em companhia da sua avó, única parente que então lhe restava, a mais alegre, linda e engraçada rapariga daqueles arredores.

Chamava-se Rosa, e tinha apenas dezoito anos.

Não era uma dessas corpulentas mocetonas, de faces vermelhas e roliças, de grandes olhos castanhos e cabelos de azeviche, de que o nosso belo Minho nos dá tão apreciáveis exemplares. A Rosa do Adro, como lhe chamavam, era, muito ao contrário, alta e de compleição delicada; tinha o rosto um pouco comprido, as faces aveludadas e cobertas de um ligeiro rosado, os lábios finos e vermelhos, os dentes pequenos e brancos, os olhos cor do céu, umas vezes travessos, outros meigos e de uma languidez angelical, os cabelos louros e nédios, e as mãos e os pés pequenos e bem conformados.

Era um conjunto de belezas e graças que enfeitiçavam os olhares mais descuidados e indiferentes.

Fazia gosto vê-la ao domingo, na missa do dia, vestida com a sua saia baeta-crepe, a cabeça caprichosamente envolta num lenço de cambraia, cuja alvura mais deixava sobressair o alourado dos seus cabelos e o rosado das faces, os virgíneos seios cuidadosamente recatados por um grande lenço de flores vermelhas, simetricamente encruzado, e cujas pontas vinham unir-se, por um nó, atrás, na cintura delicada e flexível, já apertada por um colete de fustão amarelo, salpicado de pequenas flores encarnadas, os braços cobertos até aos pulsos pelas mangas largas de uma camisa alvíssima e os pequenos pés semi-calçados num as apuradas chinelas de duraque com biqueiras de verniz.

Quando ela e a sua avó, dirigindo-se para a igreja, apareciam no adro, um rumor surdo, uma exclamação de alegria exalava-se de todas as bocas.

"Aí vem a Rosa do Adro!" — diziam.

E, no mesmo instante, todos os olhares, todas as atenções se projetavam na graciosa rapariga, que, com o sorriso nos lábios, ia atravessando os grupos de povo, respondendo com um gracejo às lisonjas dos velhos, às banalidades

amorosas dos rapazes, e aos elogios, nem sempre sinceros, das vizinhas e amigas.

E, enquanto os sons da campainha não chamavam à oração, reunia-se a um qualquer grupo de raparigas, com as quais conversava, entretanto que a sua avó, entrando no templo, ia ajoelhar diante do altar da nossa Senhora, a fazer-lhe as suas costumadas orações e a pedir-lhe mil bênçãos para a querida neta.

Terminada a missa, Rosa entretinha-se no adro a conversar os rapazes, que, azafamados, e depois de uma renhida questão de "primeiro vou eu e depois irás tu", procuravam à porfia ocasião propícia de se lhe aproximarem, esforçando-se cada um por captar-lhe mais provas de simpatia e amor.

Ela, porém, sem escolha nem deferência, com todos falava, com todos se ria, sem contudo demonstrar a mais leve predileção por qualquer deles.

Depois, à tarde, quando os rapazes e raparigas vinham reunir-se em frente da sua pequena habitação, formando aí um dos seus prediletos bailados, era Rosa, entre todas, a

que mais se distinguia, já pela sua voz sonora e engraçados improvisos, já pelo garbo e requebros sedutores com que dançava.

Passados os domingos, pela semana adiante, era sempre a mesma, alegre e folgazã.

Sentada à pequena janela da sua casa, trabalhando, a sua voz melodiosa não deixava sequer um momento de se fazer ouvir, indo o seu eco perder-se ao longe, nas quebradas dos montes; e, se qualquer campónio passava e lhe dirigia alguma graça inocente, ela sempre risonha, não o deixava sem uma resposta zombeteira, com o que ele se ia vangloriado de contente.

Não havia esfolhada, sarau ou festa para que não fosse convidada, sendo sempre a mais obsequiada em toda a parte onde aparecia.

Finalmente, a Rosa do Adro era a alegria e o enlevo de toda a gente. A rainha, o tudo daqueles lugares.

Quanto ao seu viver doméstico, era ele o mais simples e regular possível.

Só com a sua avó, não carecia de grandes haveres para se sustentar a si e a ela.

Não tinham o mais pequeno rendimento, mas o trabalho de Rosa dava o suficiente para que ambas pudessem viver sem privações de espécie alguma. A bela rapariga era costureira de profissão, e, como por aqueles arredores não havia quem, melhor do que ela trabalhasse ou fizesse um vestido, uma jaliota, uma capa ou outro qualquer adorno feminino, não lhe faltava por isso nunca que fazer.

Além disso, como tivesse um gosto especial para aquele género de trabalhos, tornara-se de há muito a mais acreditada modista do pequeno mundo elegante da localidade, sendo ela a que inventava as modas e as punha em prática nas obras que lhe mandavam fazer, consistindo tais novidades em dar esta ou aquela forma a qualquer objeto de vestuário, e em aumentar ou diminuir uma prega, um folho ou uma fita num a saia, vestido, ou capa.

Relativamente a namoros, como geralmente se diz, Rosa não tinha nenhum certo. Falava com a mesma afabilidade e com o mesmo agrado para todos os rapazes da aldeia, sem contudo patentear mais pronunciada deferência por

qualquer deles. O seu coração, despreocupado e juvenil, parecia inabalável e insensível aos mais ternos olhares e às mais ardentes declarações, e isso dava incentivo a algumas pessoas de a acoimarem de presunçosa e soberba.

Rosa, porém, nada disso tinha: o seu coração, ainda pouco impressionável e talvez um tanto leviano, não era de fácil contento; entre os rostos dos rapazes que lhe faziam a corte não encontrara até então uns olhos que lhe impressionassem profundamente a alma, nem vira entreabrir-se uns lábios que proferissem duas palavras que lhe soassem sonoramente ao coração.

Havia, porém, de chegar-lhe um dia a sua vez.

CAPÍTULO 2

Cerca de um quarto de légua distante da igreja, e por detrás de um pequeno monte coberto de castanheiros velhos, estendia-se a rica herdade chamada do Capitão, nome que lhe viera dos avoengos do atual possuidor, o Sr. José da Costa, o mais abastado lavrador daquelas redondezas, homem honrado em toda a aceção da palavra, um pouco rude, sim, mas que nem por isso deixava de exercer, havia oito anos, com toda a consciência e retidão, o importante cargo de juiz eleito da freguesia, sendo, além disso, juiz, mesário ou irmão de quantas confrarias e irmandades ali existiam.

Tinha ele um filho, único herdeiro dos seus haveres, chamado Fernando, a quem, por mera deliberação sua, mandara aos catorze anos para o Porto estudar preparatórios para se formar em medicina.

Fernando, que não passara até então de um pobre rapaz, sem ilustração nem pretensões, acostumou-se depois por

tal forma aos hábitos da cidade e àquela vida livre e risonha de estudante, que dentro em pouco tempo tornara-se o mais alegre, espirituoso e casquilho de todos os seus condiscípulos, pois que para tudo lhe dava de sobra a recheada bolsa do seu pai, sempre aberta às suas mais pequenas necessidades e exigências.

Apesar disso, Fernando não desaproveitava o tempo, e, como era dotado de uma bela inteligência e aplicado ao estudo, tornara-se ao mesmo tempo um aluno distinto nas aulas que frequentava, recebendo por vezes, com grande contentamento dos seus pais, algumas distinções e prémios pelo seu bom aproveitamento.

Aos vinte e três anos achava-se já matriculado no quarto ano da Escola Médica, tendo até ai dado provas bem patentes da sua feliz vocação para a carreira a que se destinava.

É nesta época que precisamos travar com ele conhecimento.

Terminara o ano letivo, e Fernando, depois de fazer os competentes actos, viera passar o resto das férias junto da

sua família, a quem no ano antecedente não visitara por causa dos seus trabalhos, tomando-se por isso a sua visita mais apetecida e festejada.

Seus pais receberam-no, como de costume, de braços abertos e com as lágrimas nos olhos, revendo-se com ufania naquele esbelto rapaz, que fazia o orgulho da família, não só pelo seu comportamento exemplar como pela posição distinta que em pouco deveria ocupar na sociedade.

— Estás um rapaz como um cravo — dizia a boa da mãe do estudante, olhando-o de alto a baixo e com esses bigodes assim retorcidos à moda dos sobrados... — Aquelas senhoritas lá do Porto não hão de ter folgado nada contigo, hem, que digo eu?

Fernando limitava-se a responder àqueles gracejos maternos com um ligeiro sorriso, enquanto que o seu pai exclamava com um ar bondosamente sério:

— Anda, meu tratante, que me estás por um bom par de moedas; ainda assim, louvado Deus, não tens sido dos piores, não, porque enfim sempre estudaste e aproveitaste o tempo, que é o que eu desejava; lá do mais, vocês são

rapazes, gostam de figurar e de estroinar... é verdade, eu na vossa idade fazia o mesmo; vamos, não tens sido dos piores... Para o ano, se Deus quiser, já teremos um cirurgião cá na aldeia, não é verdade?

— Assim o creio, meu pai — respondeu o rapaz. — Para o ano termino o curso, e então já terá um filho médico-cirurgião.

— Eh, eh, eh! — respondeu o José da Costa, rindo-se — um médico-cirurgião, dizes tu; diz antes um mata-gente! Eh, eh, eh!

— Oh, meu pai!...

— A propósito — continuou o pai de Fernando, rindo-se. — Tu já serás capaz de dar aí um remédio para um doente cá da casa?

— Então quem é que está doente?

— Ora quem há de ser? É a pobre da nossa égua preta, que deu aqui há dias um tropeção e ficou com uma perna aleijada; já a levei ao ferrador, mas o diabo tanto lhe fez como nada.

Fernando, ao ouvir estas palavras, soltou uma estrepitosa gargalhada.

— Tu de que te ris? — perguntou o José da Costa um pouco sério por aquela desconsideração às suas palavras.

— Pois o pai mandou-me aprender a curar gente, ou burros? — retorquiu Fernando, por entre uma nova risada.

— Não julguei que houvesse a menor ofensa no meu pedido...

— É com efeito um belo elogio à minha ciência: querer fazer de um médico-cirurgião um alveitar!...

— Está bom, homem, fico entendendo — respondeu o pai do rapaz, meio atrapalhado.

No entanto atalhou Fernando, compadecido da ignorância do seu pai, — vamos lá ver a égua por ser coisa cá da casa, mas fique sabendo que eu não estudo há oito ou nove anos para curar bestas; essa clínica deixamo-la a quem de direito pertence.

Fernando examinou a parte afetada do animal, mandou buscar um medicamento à farmácia da aldeia, ligou a perna

doente, e, para terminar a história, daí a quatro dias a égua estava completamente curada e caminhava com todo o desembaraço.

Foi a primeira vitória alcançada pelo novo filho de Hipócrates.

Prossigamos agora na nossa narração, interrompida por este episódio.

CAPÍTULO 3

Fernando era inegavelmente um belo e simpático rapaz. De estatura um pouco mais do que regular, tinha o rosto levemente anguloso, a tez branca, tendendo um tanto para o pálido, os olhos grandes e expressivos, os cabelos pretos e naturalmente anelados, e o pequeno bigode, da mesma cor dos cabelos, era luzidio e nédio como uma tira de azeviche.

Além destes dotes físicos, que de per si já o recomendavam aos olhos de qualquer filha de Eva, Fernando, que possuía formas bem contornadas tinha um gosto particular no modo de trajar, era engraçado no dizer, e um desafetado abandono nos movimentos completava os predicados necessários para o extremarem da trivialidade de certo dandismo que nem se aprecia pelos dotes do corpo nem pelos do espírito.

No primeiro domingo que sucedeu ao dia da sua chegada, foi ele, em companhia dos seus pais, ouvir missa à igreja da

aldeia, e tornou-se por essa ocasião o alvo de todas as atenções e de todos os elogios do povo da freguesia, que aí estava reunido.

Era isso sempre de costume todas as vezes que o jovem vinha de férias, com a diferença, porém, de que havia dois anos, última ocasião em que estivera na aldeia, não apresentava ele um desenvolvimento de formas e de atrativos como agora.

A Rosa do Adro não foi também nesse dia indiferente à admiração geral, e por entre os grupos de povo que coalhavam o adro, lançou um olhar furtivo para a graciosa figura de Fernando, que se destacava no meio de toda aquela gente, e não pôde deixar de comentar de si para consigo:

"É na verdade um bonito rapaz!..."

Mas, dito aquilo, os olhos distraíram-se-lhe imediatamente para as outras pessoas, e nem o coração nem a mente sofreram o mais leve abalo com aquele pensamento que, como um raio, lhe atravessou a imaginação.

Não sucedeu, contudo, outro tanto ao jovem facultativo, que, ao fitar de longe a graciosa rapariga, exclamou meio assombrado, dirigindo-se a sua mãe, que estava próxima:

— Quem é aquela jovem loura, que está acolá? — e indicava a Rosa do Adro, que nessa ocasião se ria no meio de um grupo de raparigas.

— Oh! — respondeu a mãe de Fernando — pois tu não a conheces?

— Tenho ideias daquele rosto, mas não sei...

— É a Rosita do Adro.

— Pois na verdade aquela lindíssima rapariga é a Rosa do Adro?! — exclamou Fernando, não podendo ocultar a sua admiração.

— E, sim; mas que espanto é esse? Quem te ouvisse havia de dizer que tu não vens aqui há dez anos.

— Efetivamente encontro-a tão demudada, que decerto não a reconheceria se não mo dissessem. Há dois anos, quando cá estive, era uma criança, já encantadora, sim, mas agora encontro-a uma mulher perfeita!...

— Pois é o que vês; em verdade aquele corpo e aquela boniteza deitou-a ela há dois anos a esta parte; é a melhoria destes arredores e pena é ser tão pobre...

Fernando, desde aquele momento, não mais perdeu de vista a sedutora aldeã.

Ao toque da sineta, o povo entrou no templo, e Fernando, em todo o tempo que durou a cerimónia do santo mistério, não desfitou, sequer um momento, o olhar do rosto que tanto o impressionara.

Terminou a missa; o rapaz, ao sair, aproximou-se de Rosa, e com o sorriso nos lábios exclamou:

— Se há pouco não me dizem quem tu eras, Rosa, quase que não te conhecia.

— Porquê, Sr. Fernandinho? — perguntou ela.

— Porque, da última vez que estive aqui, eras tu uma criança, e venho agora encontrar-te uma mulher bela e encantadora como um serafim, capaz de endoideceres a cabeça a um velho, se lhe lançasses um desses olhares magnéticos... feiticeiros.

— Ora, o senhor Fernandinho está decerto a gracejar com uma pobre rapariga.

— Gracejar, eu? — atalhou o jovem com seriedade. — Mas vamos a saber: como tens passado?

— Graças a Deus, sempre bem; o Sr. Fernandinho, creio que tem igualmente gozado de boa saúde...

— Felizmente assim sucede.

— Além disso, cada vez mais bonito... mais...

— Ah, também caçoas comigo?

— Oh, meu Deus, pois eu caçoo consigo, dizendo a verdade?!... Visto isso, o senhor também escarnecia de mim há pouco...

— Maliciosa!...

— Pois sim, sim, serei o que quiser.

— Ainda moras ali, na mesma casa?

— Ainda, sim; mas porquê uma tal pergunta?

— Porque amanhã, quando for à caça, desejo vir fazer-te uma visita.

— Uma visita, a mim!

— Então não queres?

— É demasiada honra, Sr. Fernandinho.

— Pois virei, a não haver nisso comprometimento para ti.

— Não o compreendo...

— Sim, quero dizer que poderia ver-me algum teu conversado, e depois...

— Conversados?... São todos os rapazes da aldeia.

— Entre eles não há algum mais teu predileto?

— Creio que não...

— Alegro-me muito com isso — concluiu Fernando com intenção. — E agora, que não posso demorar-me mais porque meu pai já me espera, digo-te adeus, até amanhã, sim?

— Até quando quiser, Sr. Fernandinho.

O jovem retirou-se, mas pelo caminho foi sempre cabisbaixo e como que embebido em reflexões estranhas.

Dar-se-ia o caso de que o belo rosto da rapariga tivesse impressionado seriamente o seu coração'?

É o que veremos no decorrer desta simples narração.

Quanto à Rosa do Adro, dir-se-ia que as palavras de Fernando em nada lhe tinham feito mudar a sua habitual alegria, e bem depressa pareceu até esquecê-lo.

CAPÍTULO 4

Não sei o que se passou no coração de Fernando durante o resto daquele dia; o que é certo é que, no dia seguinte, logo que acabou de jantar, subiu apressadamente ao seu quarto, substituiu a roupa ligeira que trazia por uma própria de caça, lançou mão de uma bela espingarda de dois canos, que no dia antecedente se entretivera a limpar e preparar, desceu a um quarto onde estava a matilha, chamou dois cães e pôs-se a caminho em direção à igreja.

Fernando ia visivelmente preocupado.

Com a cabeça baixa e os olhos no chão, parecia que um pensamento qualquer lhe dominava todas as faculdades mentais, e, se alguma vez levantava distraidamente a vista, era só para medir a distância que o separava ainda daquela torre que alvejava ao longe entre a folhagem do arvoredo, como se fosse o ponto principal da sua excursão.

Assim caminhou durante alguns minutos, até que, achando-se já próximo da igreja, parou repentinamente, como se uma força oculta lhe detivesse os passos.

É que aos seus ouvidos tinham chegado as harmonias de uma voz fresca e sonora, cujas vibrações ecoavam suavemente na sua alma, a ajuizar por um sorriso alegre que lhe deslizou nas faces.

Fernando deteve-se a escutar, como enlevado, aquela voz, que cantava:

Quem me dera amar um dia,

Se eu tivesse um peito amigo

Ter amor, ter afeição,

Que me desse um tal amor...

Ser escrava, dar a vida

Eu, então, igual afeto

Por um terno coração.

Em seu peito ia depor.

O canto cessou, e Fernando, continuando a sorrir-se, exclamou:

— Vá, sejamos também poeta.

E, começando de novo a caminhar, foi cantando esta resposta àquelas duas quadras:

Se tu queres amor. ó bela.

Não te esquives, não me negues

Dou-te amor, amor bem puro;

Esse amor, almo prazer;

Se tu juras ser só minha,

Dá-me a vida; neste mundo

Será belo o teu futuro.

Sem amor não há viver.

A Rosa do Adro, pois era ela que, segundo o seu costume, trabalhava, junto da janela, embalsamando de contínuo os ares com a fragância dos seus cantos, ao ouvir resposta tão adequada e proferida por voz para ela estranha, debruçou-se um pouco sobre o peitoril, e, ao avistar Fernando, que caminhava risonho para aquele sítio, soltou uma desenvolta gargalhada, exclamando ao mesmo tempo:

— O Sr. Fernandinho... Ora esta!

— Eu mesmo, minha flor; pensas que só tu sabes coisas bonitas?

Fernando chegara em frente da janela, sobre a qual se reclinava a alegre rapariga, e, levando graciosamente a mão à aba do chapéu, continuou:

— Boas-tardes, Rosa.

— Salve-o Deus, Sr. Fernandinho — respondeu ela.

— Então que tal achas as minhas cantigas?

— Oh, muito lindas, muito lindas; estava quase capaz de o desafiar para a primeira esfolhada que por cá houvesse.

— E eu estou pronto a aceitar com o maior gosto o torneio.

— Pois na verdade atrever-se-ia...

— E porque não?

— Ainda assim, Deus me defendesse de tal; estava bem servida se fosse cantar consigo ao desafio... O Sr. Fernandinho, que tanto sabe... Eu decididamente ficava mal.

— Ficarias ou não; mas vamos a saber: estás pelo contrato?

— Qual contrato?

— Pelo das cantigas que há pouco trocámos?

Rosa, a esta inesperada pergunta, estremeceu involuntariamente, e um leve rubor lhe coloriu as faces; depois, encarando em Fernando um olhar sedutor, exclamou com essa franqueza tão característica, às vezes, nas filhas do povo:

— à fé de quem sou, lhe juro, Fernandinho, que, se o senhor fosse tão pobre como eu, aceitava...

— Então gostas de mim, Rosa?

— O senhor nunca me deu motivos para o contrário — respondeu a rapariga, baixando modestamente os olhos, como se aquela resposta a embaraçasse.

— Pois ouve, Rosa, eu morro por ti!... Se soubesses o sentimento que despertaste no meu coração...

A sedutora rapariga, a estas palavras, sentiu faltar-lhe completamente a audácia que até aí nunca a abandonara em momentos críticos como aquele; deixou pender a cabeça para o peito e exclamou tristemente:

— E de que vale isso, Fernandinho? O senhor só deve gostar daquelas que, pelos seus haveres e pela sua posição, se lhe possam igualar.

— Louca! — respondeu o jovem em tom apaixonado — pois crês o meu amor tão mesquinho, que precise dessas vaidades para se alimentar?

— Não falemos mais nisso — atalhou Rosa, cada vez mais perturbada. — Diga-me: vai para a caça, não é verdade?

— Vou, sim — respondeu Fernando com mau humor, por ver fugir-lhe ocasião tão azada para satisfazer o motivo principal da sua visita.

— Então não se esqueça de trazer-me uma peça da sua caça, não?

— Satisfarei da melhor vontade o teu pedido, e adeus até à volta.

— Vá na paz do Senhor, Fernandinho.

O jovem retirou-se desgostoso por não ter podido atingir o alvo a que mirava: de declarar a Rosa, francamente, a paixão que o abrasava e seguiu o seu caminho malcontente de si próprio.

Sem ter bem a consciência do que fazia, logo que Fernando partiu, debruçou-se maquinalmente sobre o peitoril da janela, e seguiu-o com o olhar até o ver desaparecer na volta de um caminho, depois retirou-se e, como se a presença daquele homem lhe tivesse sugerido um pensamento doloroso, ficou por instantes abstraída.

Um observador atento que tivesse seguido por um instante as diversas contrações daquele rosto, ainda há pouco tão

alegre e despreocupado, vê-lo-ia umas vezes iluminar-se com um gesto de funda tristeza, ora tingir-se com o vivo carmim das rosas, ora assombrear-se com a palidez do lírio.

Como o rosto é o mais saliente objetivo da alma, inegavelmente no intimo do coração daquela rapariga passava-se alguma coisa de extraordinário e de desconhecido para ela.

E, na verdade, aquelas poucas palavras que Fernando proferira, mas que exprimiam muito, tinham impressionado a estouvada rapariga; sentia, pela primeira vez na sua vida, arrastar-se pelo magnetismo dessas maviosas frases, e no íntimo da alma perguntava-se a si própria se semelhante mal-estar de espírito era o começo desse sentimento a que chamavam amor.

A resposta era um estremecimento do coração, uma dessas sensações que dizem mil venturas e mil pesares; e Rosa, em cujo peito pulsava um coração, virgem, mas capaz de uma grandiosa afeição, começava a entregar-se a ela quase cegamente e a experimentar os primeiros sintomas de uma dessas paixões extraordinárias que conduzem ao desespero e à morte quando não são correspondidas como merecem.

Rosa passou o resto daquela tarde toda entregue aos seus pensamentos, e ao escurecer, como de costume, deixou o trabalho e veio encostar-se à ombreira da porta.

Pela primeira vez na sua vida, Rosa sentiu naquele momento afastar-se-lhe o espírito de todas as sensações terrenas para elevar-se às infindas regiões do idealismo.

Fitava os seus belos olhos no azul do céu, e parecia querer penetrar com a vista os arcanos daquele mundo misterioso; e, em cada nuvem que esvoaçava nos ares e em cada estrela que mal começava a fulgir, dir-se-ia tentar ler uma palavra que soasse sonoramente à sua alma, ou procurar uma revelação que esclarecesse as trevas em que se achava envolvido o seu coração.

Permanecia assim esquecida havia longo tempo, deixando-se embriagar pelas doçuras daquele delicioso êxtase, quando um pequeno incidente veio fazer voltar o pensamento para o objeto real das suas sensações.

Sentira ao longe o latir de alguns cães e uma voz alegre que cantava uma toada que ela nunca ouvira a nenhum dos pastores das suas vizinhanças.

Por certo aquela voz era a de algum desconhecido, e o desconhecido não podia ser outro senão Fernando, que a essa hora devia voltar da caça.

Este pensamento fê-la estremecer de secreta alegria e de viva ansiedade.

Alongou a vista pelo caminho donde parecia partir o som da voz, e, forcejando por penetrar as sombras em que o espaço se envolvia, esperou com angústia a chegada daquele que se lhe tornava já tão querido.

Passados poucos momentos, Rosa distinguiu um vulto que se encaminhava para o sítio em que ela estava, e reconheceu Fernando.

Subiu então de ponto a sua comoção. O corpo estremecia-lhe a cada momento, e o coração batia-lhe apressado, irrequieto; quis retirar-se para dentro de casa, para ocultar aos olhos de Fernando o segredo da sua alma, que bem claro se patenteava nas convulsões do rosto, mas não o pôde fazer; uma força oculta parecia retê-la naquele lugar.

Abandonou-se então ao acaso; esforçou-se por dominar as palpitações do coração, compôs-se um ar de indiferença e

esperou.

Fernando, passados alguns minutos, acercou-se dela e, com um malicioso sorriso de esperançado triunfo, exclamou:

— Boas-noites, minha Rosa.

— Boas-noites, Sr. Fernandinho — respondeu, com a voz mal segura.

— Esperavas há muito por mim, não é verdade? — continuou o rapaz, sem intenção.

Esta pergunta, que noutra qualquer ocasião não teria produzido na travessa rapariga o menor efeito, naquela, quase a deixou muda de espanto, por ver que o segredo mais íntimo do seu coração fora decerto adivinhado.

Pois que queriam dizer aquelas palavras, senão que ela, esperando por Fernando, lhe dava nisso já a primeira prova de interesse e quem sabe se de amor?

Esta simples reflexão, que como uma sombra lhe passou rápida pela mente, teve-a, por um momento, quase traída. Conteve-se, porém, e, ainda um esforço para se dominar, respondeu, com mal disfarçada indiferença:

— Eu não o esperava, Sr. Fernandinho.

— Não me esperavas! — retorquiu o rapaz. — Então que fazias aqui a esta hora?

— Bem se vê que o senhor desconhece os nossos hábitos, ou pelo menos os meus.

— Não te compreendo...

— Eu lhe explico: nós outras, as raparigas que trabalhamos em casa, costumamos deixar o trabalho logo que a noite começa, e vimos depois descansar um pouco para junto da porta; as que têm conversados esperam por eles e entretêm-se algum tempo a falar-lhes; as que os não têm divertem-se com as raparigas das vizinhanças.

— Visto isso, tu, que não estás a divertir-te com as tuas companheiras, esperas decerto pelo teu conversado, não é assim? — e Fernando proferiu estas últimas palavras, dando à voz uma inflexão de tristeza.

— Oh, meu Deus! — respondeu Rosa em tom magoado. — Pois eu não lhe disse já que não tinha conversado algum?

— Juras-mo, Rosa? — exclamou Fernando com exaltação.

— Que loucura!... Pois que necessidade tinha eu de mentir-lhe?

— Bem, fico satisfeito. Agora cumpre-me satisfazer o teu pedido: aqui tens esta galinhola; foi a única peça de caça que pude hoje matar.

— Ora esta!... Pois o Fernandinho tomou a sério o meu pedido?

— E porque não?

— Mas o que lhe disse foi por simples brinquedo.

— Fosse o que fosse... Aceitas ou não?

— Aceito para não o desgostar.

— Ora ainda bem; estava a ver se, depois de tanto trabalho...

— Então não havia caça? Esforçou-se muito só para me obsequiar?

— Caça havia até de mais; mas eu é que estava de uma infelicidade atroz. Não sei se deva atribuir isso à falta de exercício, se a outro qualquer motivo. O que é certo é que todos os tiros me falhavam, e, se não fosse o teu pedido,

Rosa, juro-te que tinha pegado em espingarda e pólvora e atirado tudo para o inferno.

— Não sei como pagar-lhe tantos sacrifícios, Sr. Fernandinho.

— É bem fácil satisfazeres o teu desejo. Deveras queres recompensar-me?

— Decerto, mas infelizmente não vejo com quê.

— Vejo eu...

— Oh! então peça; se for coisa que só dependa de mim...

— Olha, Rosa, dá-me o teu coração, a tua vida, e eu ficarei bem recompensado — exclamou o jovem em tom apaixonado.

— Não brinque com essas coisas, Sr. Fernandinho — respondeu a rapariga, tristemente.

Momentos depois, Fernando parava em frente da janela onde estava Rosa, e levava jovialmente a mão ao seu largo chapéu, acompanhando este movimento com as palavras:

— Boas-tardes, branca Rosa...

— Deus lhe dê as mesmas, Sr. Fernandinho — respondeu ela, ainda um pouco comovida.

— Tua avó ralhou-te ontem à noite pela minha causa? — Continuou ele.

— Nada, Sr. Fernandinho, não me disse a mínima coisa, e até me parece que não soube que o senhor esteve aqui.

— Ainda bem; ser-me-ia de bastante pesar se sofresses o mais leve desgosto pela minha causa.

— Olhe, Sr. Fernandinho, tenho aqui uma coisa para lhe dar; é a paga do seu presente de ontem. Uma recompensa bem insignificante, não é verdade?... Mas eu não tenho outra melhor — e, dizendo isto, entregou ao mancebo o ramalhete que pela manhã tinha colhido.

Fernando olhou-o por um momento, levou-o aos lábios e exclamou:

— É muito lindo este ramo e estimo-o por vir das tuas mãos... Ah, mas ainda assim não é com flores que se retribuem paixões!

A jovem corou levemente, mas, fingindo não perceber o sentido daquelas palavras, encaminhou a conversa para assuntos estranhos.

Depois de um curto diálogo, Fernando retirou-se, continuando o seu passeio.

Ao fim da tarde, quando voltava, notou com desgosto que a janela da casa estava fechada e que Rosa não se achava, como na tarde antecedente, encostada à ombreira da porta.

Esperou ainda alguns minutos, mas, como não aparecesse, retirou-se bastante pesaroso e quase descrente das esperanças que havia nutrido a respeito do amor que ambicionava.

CAPÍTULO 5

Decorreram seis ou sete dias depois dos sucessos que deixamos narrados.

Durante este espaço de tempo nada se passou de notável, a não ser o completo silêncio que ambos os jovens se tinham guardado sobre os sentimentos das suas almas.

Rosa, desde a última tarde em que Fernando lhe patenteara o seu amor, evitava toda a ocasião de se achar a sós com ele e fugia arteiramente ao mais simples galanteio que tentava dirigir-lhe.

Nunca mais fora descansar, ao anoitecer, para junto da porta, e, de tarde, quando o esbelto caçador passava alguns minutos em frente da sua janela, a conversa era sempre de uma frieza e seriedade bem patentes.

Quem os tivesse observado nalguns desses curtos diálogos, diria que entre um e outro não existia a menor afeição.

E, contudo, Rosa, apesar da sua simulada indiferença, amava Fernando, e amava-o com um amor excessivo, mas concentrado. E a prova mais manifesta desse amor era que a pobre rapariga, desde muito, vivia triste e pensativa, como se um pesar oculto lhe trouxesse enlutado o coração.

A sua voz alegre e sonora já não ecoava tantas vezes na imensidão daqueles prados; e, se por um momento esse canto ainda se fazia ouvir, era sempre monótono, triste e repassado de amargura. O sorriso dos lábios, a alegria que transpirava de todos os seus movimentos mudara-se em dolorosa languidez e inação.

A Fernando, porém, não passara despercebida aquela repentina mudança, e, como perfeito conhecedor do coração feminino, chegara quase a convencer-se de que Rosa efetivamente o amava em extremo, mas que por motivos que ele ainda não pudera alcançar, procurava ocultar-lhe esse amor à custa dos maiores sacrifícios.

Em vista disto, o jovem não desesperou do seu intento, e, agora mais do que nunca, procurava momento oportuno de poder arrancar-lhe do peito esse segredo que ela tanto se obstinava em confessar.

A ocasião desejada chegou enfim.

Uma tarde, Rosa, ou por acaso ou porque realmente sentisse a necessidade de desabafar as angústias do seu coração, aproveitara-se da saída da sua avó, que fora a casa de uma vizinha que se achava enferma, e viera, como antigamente, sentar-se, depois de terminado o trabalho, na soleira da porta, esperando desta vez com viva ansiedade a chegada de Fernando.

Este não se fez esperar por muito tempo, e, apesar da escuridão já crescente da noite, Rosa pôde distingui-lo ao longe, por entre as sombras que envolviam o caminho.

É escusado descrever os receios, os júbilos e os estremecimentos do coração da pobre rapariga ao lembrar-se do que iria passar-se naquela entrevista, da qual proviria talvez ou a sua desventura perpétua ou o começo da série de felicidades e enlevos que tinham feito as delícias dos seus sonhos virginais.

Passados momentos, Fernando aproximava-se da habitação, e, ao dar com os olhos no objeto dos seus constantes

cuidados, não pôde calar no peito um grito de expansiva alegria.

— Bravo! — exclamou, correndo para ela — até que enfim pude pilhar-te, minha esquiva andorinha.

Rosa, que percebeu a intenção daquelas últimas palavras, procurou ainda encobrir e salvar a fraqueza do passo que tinha dado, e respondeu com mal simulada indiferença:

— Não sei donde provenha essa sua admiração, Fernandinho; como minha avó saiu há pouco para casa de uma vizinha que está bastante mal, vim para aqui enquanto ela não chega.

— Pois tu estás só, minha Rosa?!... — interrogou Fernando com júbilo. — Ó felicidade das felicidades!...

— Jesus, Sr. Fernando, — atalhou ela com dissimulação — parece que enlouqueceu! Não vejo motivo para tanta expansão.

— Cala-te, Rosa; tu não sabes que, desde a última tarde que estivemos neste mesmo lugar, tenho debalde procurado encontrar-te outra vez só, sem isso me ter sido possível?

— Mas eu não compreendo ainda para quê...

— Rosa — prosseguiu o jovem com seriedade — , deixemo-nos de rodeios: os momentos são-nos preciosos e, antes que a tua avó venha, como da outra vez, roubar-me a preciosidade destes poucos instantes, é preciso que nos declaremos.

A jovem não respondeu; sentia-se mais que nunca alanceada por essas pulsações do coração que só experimentam aqueles que verdadeiramente amam, e, apesar dos esforços que fazia para dominar a sua angústia, via-se a pouco e pouco na impossibilidade de ocultar por mais tempo esse segredo da alma, essa paixão imensa que lhe agitava os castos seios.

Fernando, que percebera de um relance a causa daquele silêncio, pareceu ganhar novas forças, e, dando à voz a mais pronunciada expressão de ternura, continuou:

— Vamos, minha Rosa, terminemos com isto; nada de simulações; aqui, neste mesmo lugar, não há muito te declarei francamente quais eram os sentimentos do meu pobre coração; disse que te amava, que foste tu a primeira

mulher que me fez estremecer de amor e que a retribuição desse afeto, da tua parte, seria para mim a suprema ventura; todas essas declarações, todos esses protestos, tos faço ainda neste momento. Rosa, por quem és, tira-me desta horrível incerteza; um único gesto, uma só palavra tua, e ficarei satisfeito; não prolongues por mais tempo o horrível martírio em que estou.

E o jovem calou-se, esperando que Rosa, vencida finalmente por aquelas palavras, lhe respondesse. Ela, porém, continuava a conservar-se muda, com a cabeça pendida para o seio, como querendo ocultar a ansiedade que se lhe patenteava em todos os gestos.

— Então — atreveu-se ainda o jovem com acento resignado — nada me respondes, Rosa? Não serei digno de uma só palavra tua?

— Sr. Fernandinho... — exclamou ela afinal, tentando ainda disfarçar a sua agitação.

— Ora vamos, minha querida filha, sê franca; não faças tão desesperados esforços para me ocultares o teu amor. De que vale isso? Torturas-te, e torturas-me. Olha, minha

louca, eu sei o que se passa na tua alma; sei que também se insuflou no teu coração esse sentimento sublime e terno, sei que...

— Meu Deus — interrompeu Rosa — quem lhe disse tanto?...

— Ninguém, louquinha, ninguém, adivinhei-o eu!...

— Adivinhou?!...

— Sim, e admiras-te disso? Ora diz-me: porque é que já não cantas como outrora, e por que, quando isso sucede, a tua voz é sempre repassada de tristeza e de amargura? porque vives tão recolhida e taciturna? porque foges de mim e evitas todas as minhas frases de amor?...

Decorreram alguns minutos de profundo silêncio. Afinal, Rosa, como se acabasse de tomar uma resolução desesperada, levantou a cabeça com impetuosidade, lançou um olhar ardente ao jovem e exclamou com a voz ainda mal segura:

— Pois bem, Fernandinho, tudo isso é verdade, e seria loucura negá-lo. O senhor diz que me tem amor, que a sua felicidade depende de mim. Pois ouça: eu também o amo,

também senti no coração um não sei quê de irresistível que me impeliu para si desde o momento em que declarou ter-me um amor sincero; tentei desviar de mim, quanto pude, essa afeição que senti pelo senhor, fiz os mais inauditos esforços para lhe ocultar o que se passava no meu peito, fugi-lhe muitas vezes para não me trair, e estava resolvida, por fim, a morrer com o meu segredo. Afinal, como fraca que sou, deixei-me vencer, e digo-lhe: Amo-o!... Agora, que da minha própria boca ouviu esta confissão, não me escarneça; perdoe-me... eu sou uma desgraçada... — E não pôde continuar: uma torrente de lágrimas abafou-lhe a voz.

Fernando, delirante de felicidade, tomou-lhe as mãos, que cobriu de beijos, e continuou com exaltação:

— Ah, minha querida Rosa, eu escarnecer-te, eu perdoar-te de quê? Vamos, sossega. Para quê tantas lágrimas e tantas angústias'? Ora diz-me: porque é que tanto forcejavas em ocultar-me o teu amor? Acaso duvidas de mim?

— Ouça, Fernandinho — respondeu a jovem com os olhos ainda marejados de lágrimas — , eu sou uma pobre rapariga, que tenho apenas, por únicos bens de fortuna, os

meus braços; vivo do meu trabalho e, faltando-me ele, tornar-me-ei talvez tão desgraçada que morrerei à míngua, porque à minha querida avó já lhe faltam as forças com que poderia ajudar-me no granjeio do pão quotidiano. O Sr. Fernandinho, pelo contrário, é rico, é o morgado de uma casa que Deus beneficiou com avultados haveres, e, desta forma, que poderei eu esperar do senhor? Diz que me ama, que me tem uma amizade sincera, mas afinal que valerá isso se daqui a pouco me abandonará, para dar o seu coração e talvez até o seu nome a outra mais digna do que eu? É este o motivo porque tentei sempre afastar de mim o seu amor, e que me obrigou a ocultar-lhe até hoje o segredo mais íntimo da minha alma; por fim, como vê, não pude ser superior a mim própria; fui fraca de mais para poder vencer os impulsos do coração e confessei-lhe tudo. Conheço que sou indigna do seu amor; vejo até que cometi uma grande imprudência em o amar, porque é imensa a distância que nos separa. Mas a culpada, ainda assim, não fui eu... Oh, perdoe-me! Eu sou uma insensata...

— Que loucura a tua, Rosa! — atalhou Fernando. — Pois que fizeste tu para me pedires perdão? Não duvides sequer

um momento da pureza dos meus sentimentos; não te arrependas desse amor que me votaste, porque todas as tuas dúvidas me mortificam e me desesperam. Dizes que não és digna dos meus afetos, que és pobre, e que um dia te trocarei por outra!... Como te enganas, minha pobre criança!... Pois quem será digna de mim, senão tu, a quem amo tão loucamente? Que me importa que tu sejas pobre? Acaso não me deu a Providência o bastante para vivermos felizes? Olha, minha Rosa, para mim possuis tu os dotes mais preciosos que uma mulher pode ambicionar. As tuas riquezas são esses olhos, que roubaram a cor azul do céu; são esses cabelos de ouro; são esses lábios finos como pétalas de uma rosa; são essas faces de cetim; são finalmente os sentimentos desse teu coração virgem. Aparta, pois, de ti tão tristes apreensões; ama-me desassombradamente e com todas as forças da tua alma, porque eu também te amo muito!

A pobre jovem ouvira como extasiada aquela linguagem ainda desconhecida para ela, mas que tão direita lhe ia ao coração, e, ao levantar o rosto purpureado para Fernando, exclamou com ar de descrença:

— Ah, Sr. Fernandinho, prouvera a Deus que essas últimas palavras fossem verdadeiras...

— Sempre a dúvida, sempre a dúvida! — atalhou Fernando em tom amargurado. — Não haverá meio de te convencer de uma vez para sempre da pureza dos meus afetos e da sinceridade das minhas promessas?

— Perdoe-me, Fernandinho; mas há felicidades tão imensas, há venturas tão supremas, que uma pobre rapariga como eu, quando chega a pensar nelas, olha-as mais como um sonho do que como um facto que possa realizar-se. Daí partem todas as minhas dúvidas, todos os meus receios.

— Pois impele-os para longe de ti, minha Rosa; e, se queres provas mais convincentes, pede-me o maior dos sacrifícios, porque te obedecerei como um escravo; dessa forma não te restará a mais pequena dúvida do meu amor, amar-me-ás sem receio, e convencer-te-ás da realidade de todas essas felicidades e venturas que crês impossíveis. Rosa, por quem és, não dilaceres este meu pobre coração com a descrença e a dúvida; jura que me amas; abre-me sem receio a tua alma; deixa-me ler nela os inefáveis gozos

que a anseiam. Diz-me, querida filha: tu amas-me?... Tu queres-me muito?

Estas palavras, proferidas com uma suprema ternura, acabaram de render a pobre jovem que, por entre contínuos soluços, exclamou fora de si:

— Se o amo, meu Deus!... se lhe quero!... Amo-o, sim; amo-o como nunca amei neste mundo e quero-lhe mais que à minha própria vida! Nunca senti os enlevos que neste momento me extasiam o coração. Como é belo o amor!... Diga-me, Fernandinho, repita-me muitas vezes que me ama também, ainda que eu creia impossível que sinta no coração quanto eu sinto...

E a desvairada rapariga, sem a consciência do que fazia, deixou pender a cabeça sobre o peito de Fernando, ocultando nele as lágrimas incessantes que lhe resvalavam dos olhos.

O jovem estudante, também louco de felicidade, comprimiu ao seio aquele corpo flexível e delicado que se lhe abandonava, e exclamou com voz que bem demonstrava os transportes que lhe iam na alma:

— Agora, sim, meu anjo, agora vejo quanto amor há nesse peito; já me não resta a mais pequena dúvida... Sei que me amas e é isso o bastante para que a minha felicidade seja completa. Rosa, filha da minha alma, ergue esse rosto, deixa-me admirar bem de perto todos os encantos que o enfeitiçam... Como és linda, querida!... Como te ficam bem essas lágrimas no aveludado das faces!... E dizias que não eras digna do meu amor!... Pobre louca!... Pois quem há aí que possa resistir a tantas graças, e que não fique fascinado ao contemplar-te?...

E, proferindo estas palavras, o apaixonado jovem erguia entre as mãos a cabeça da vencida rapariga, e, enlevado em muda contemplação, ora lhe enxugava as lágrimas que se deslizavam dos olhos languidamente amortecidos, ora lhe afagava o rosto, ora lhe anediava os louros cabelos que em desalinhadas madeixas lhe caíam sobre os ombros.

Rosa, como esquecida de si própria e como dominada pelas visões de um sonho, abandonava-se cegamente a todas aquelas carícias sem proferir a mínima palavra, sem dar o mais pequeno sinal de enfado, e os seus belos olhos,

naquele momento de uma expressão encantadora, fitavam-se com ternura no rosto do mancebo.

Depois de alguns minutos passados naqueles ternos enlevos, Fernando interrompeu o silêncio com estas palavras:

— Vamos, minha Rosa, sossega, basta de lágrimas! Fala-me do teu amor, dos transportes da tua alma, do nosso futuro de venturas, de tudo finalmente que diga respeito à felicidade que hoje começamos a gozar. Diz-me, meu anjo: Consideras-te agora verdadeiramente feliz?

— Oh! sim, muito! Parece-me que uma nova existência se abriu para mim; diga-me muitas vezes que me ama, repita-me a todos os instantes essa palavra mágica que me faz estremecer de alegria o coração. O Fernandinho ama-me muito, não é verdade?

— Amo-te, sim, louquinha, amo-te o quanto é possível amar-se na Terra.

— E não quererá nunca outra mulher para sua esposa, não foi o que me disse?

— Sim, sim, és tu a única que será capaz de me fazer verdadeiramente ditoso.

— Como havemos de ser felizes!... Unidos para sempre!... Olhe, Fernandinho, há de depois estar sempre junto de mim, repetindo a todos os momentos que me quer muito, que não vê outra mulher senão a mim, e que sou para si a mais bela de quantas há, não é verdade?

— Assim sucederá. Imagina que delicioso porvir nos aguarda!...

— Ah, Fernandinho, e se o senhor um dia se aborrecesse de mim? — interrompeu ela subitamente.

— Eu aborrecer-me... Acaso desvairas, Rosa? — atalhou o enamorado jovem com sinceridade.

— Ah, Santa Virgem, se tal sucedesse, parece-me que morreria de pesar; dizem que os homens são tão ingratos...

E, como se aquele triste pensamento lhe magoasse profundamente o coração, as lágrimas começaram de novo a brilhar-lhe nos olhos e o peito a arfar-lhe de angústia.

Fernando, comovido, fora de si, apertou-a com delírio nos braços, e, num desses momentos em que o amor venda os olhos ao decoro para só obedecer a essa atração, natural, irresistível, imprimiu-lhe nos lábios um beijo ardente!

O primeiro beijo, infinito, cego, delirante como a paixão que o concebeu!

Ao sentir o contacto daqueles lábios, Rosa estremeceu toda, como se tivesse recebido um choque elétrico. Desprendeu-se subitamente dos braços que a cingiam, e, encarando o jovem com um olhar cheio de dignidade, exclamou com voz mal segura:

— Fernandinho, vejo que abusa demasiadamente da minha fraqueza e que a continuação da minha presença neste lugar pode ser-me bem fatal... A noite já vai alta, minha avó não poderá tardar e por isso é melhor separarmo-nos.

Fernando, que compreendeu o verdadeiro sentido daquelas palavras, acusou-se secretamente da cegueira de que se possuíra e da falta que acabava de cometer, e exclamou como arrependido:

— Perdão, Rosa, perdão! Sei a imprudência que cometi! Deixei-me arrastar pelos impulsos do coração, mas, apesar disso, nada temas; esse beijo que te dei foi como o selo eterno do meu amor; vamos, não te retires assim despeitada; diz que me perdoas, jura ainda que me amas e não queiras que eu parta com o desespero no coração. Rosa, perdoa-me.

— Não tenho de que perdoar-lhe, Fernandinho; a culpada fui eu — respondeu ela comovida. — O que eu temia era que o senhor se esquecesse dos seus deveres...

— Nada tinhas a temer de mim, Rosa; amo-te muito para que ousasse... Mas diz-me: Não afrouxou por isso o amor que disseste ter-me, não é verdade?

— Oh, não, não! Este fogo que me abrasa o peito só a morte o poderá extinguir, juro-lho.

— Obrigado, minha querida, obrigado. E, agora que já me não resta a mais pequena dúvida do teu amor, retiro-me porque a noite já vai bastante adiantada, e a tua avó pode vir surpreender-nos. Antes, porém, de nos separarmos, tenho que fazer-te um pedido: de hoje em diante começa

para nós uma nova época de venturas e por isso espero que não perderás um só momento de nos podermos encontrar a sós, para falarmos, sem receio, do nosso amor e do nosso futuro: recomendo-te também que nunca te esqueças das tuas promessas.

— Descanse, Fernandinho; era já impossível deixar de o amar...

— Adeus, Rosa, até amanhã.

— Adeus.

Os dois amantes apertaram ternamente as mãos, e Rosa, apoderando-se instintivamente de uma das de Fernando, levou-a aos lábios, e, talvez sem ter bem a consciência do que fazia, imprimiu-lhe um beijo, murmurando:

— Que amor este, meu Deus!...

Depois, como arrependida ou envergonhada da sua fraqueza, fugiu para casa, enquanto que Fernando, com passo vagaroso, caminhava para a sua habitação, com o pensamento suavemente preocupado pelas cenas que tinham ocorrido.

Quem o seguisse de perto teria ouvido, num momento, proferir em voz baixa estas palavras:

— Parece que a amo realmente!... Mas Deolinda?...

Durante todo o tempo da entrevista dos dois jovens, alguém, uma única pessoa, tinha sido testemunha ocular de tudo quanto se passara entre eles, e ouvira decerto todo o colóquio.

Esse alguém era um homem, que, encoberto pelo tronco de um velho álamo que havia próximo da casa de Rosa, e favorecido pela escuridão da noite, assistira imóvel como uma estátua, e sustendo até a própria respiração, àquela cena de amor, que faria a inveja de muitos entes desgraçados que nunca conseguiram sequer apertar a mão do anjo dos seus sonhos.

Esse homem, logo que os dois amantes se retiraram, saiu cautelosamente do seu esconderijo, encaminhou-se para em frente da porta da habitação, e, postando-se alguns minutos em frente dela, estendeu os braços em ar de desespero ou ameaça, acompanhando este movimento de algumas palavras impercetíveis, depois do que se retirou

com passos pouco firmes e a cabeça pendida para o peito como subjugado por uma grande dor.

CAPÍTULO 6

No dia seguinte, pouco depois do meio-dia, parava em frente da janela de Rosa um dos rapazes que mais assiduamente faziam a corte à travessa rapariga, e a quem esta igualmente parecia ligar mais consideração que a nenhum outro.

Tinha ele cerca de vinte e dois anos, era alto, bem proporcionado de formas, feições simpáticas, e possuía além disso umas maneiras engraçadas e agradáveis.

Chamava-se António, e era jovem de um padre que habitava uma herdade não longe da igreja, e ao serviço do qual estava desde criança.

Quanto ao seu carácter e costumes, eram eles os melhores possíveis. Alegre, franco, serviçal, de um comportamento irrepreensível e inimigo de rixas, soubera por todos estes dotes conquistar a estima de todo o povo da freguesia.

No momento em que estacara em frente da janela de Rosa, dir-se-ia que um pesar oculto, um sofrimento qualquer, lhe torturava a alma, a ajuizar pela palidez do rosto e pela tristeza que lhe ensombrava as feições.

A bela aldeã, com a face reclinada sobre a mão, tão abstraída estava que não dera pela chegada do rapaz, que, com os olhos fitos nela, parecia esperar com angústia o despertar daquele embevecimento, pouco vulgar na gentil rapariga.

Passados momentos, Rosa levantou maquinalmente a cabeça, e, dando de rosto com António, não pôde reprimir uma pequena exclamação de espanto, contrafazendo ao mesmo tempo o rosto com um leve sorriso.

— Estavas aí, António? — perguntou ela naturalmente.

— Cheguei mesmo agora, Rosa — respondeu o jovem com ar amargurado.

— Já me 'não lembra que te visse. Por onde tens andado?

— Por aí...

— Talvez entretido com novos amores, não é verdade?

— Os meus amores... és tu só, Rosa — respondeu António, baixando os olhos.

— Pois não o parece; dantes ainda vinhas por aqui vezes a miúdo; mas, de um certo tempo a esta parte, não há quem te veja...

— Isto pouco te deve custar; ia até jurar, se tal fosse preciso, que desejarias muito não me veres mais junto de ti.

— Tu enlouqueceste, António!? Por acaso tenho eu deixado alguma vez de te demonstrar que sou tua amiga?!

— Sim, minha amiga... mas, infelizmente, há agora outro a quem melhor dispensas essa amizade.

— Estás enganado; com tão bom modo falo para ti como para outro qualquer...

— Não mintas, Rosa!

— Então tu...

— Olha, Rosa — atalhou o rapaz, um esforço — , deixemo-nos de mais dissimulações: tu a quem queres mais

do que a ninguém é ao filho do Capitão. Ora aí está a verdade.

— E o que há nisso de extraordinário?

— É que lhe tens já uma amizade cega — continuou António, sem atender àquela resposta.

— Mas o que há nisso de extraordinário? pergunto outra vez! — exclamou a jovem com mau modo.

António, a estas palavras, sentiu-se estremecer de despeito; cravou na rapariga um olhar que não se poderia conhecer se era de ódio, se de desespero, olhar que ela suportou com o maior sangue-frio, e exclamou um pouco fora de si:

— O que há nisso de extraordinário, perguntas tu? É que só agora conheci o quanto me tens sido falsa...

— Falsa, eu? — respondeu a rapariga, soltando uma fina gargalhada. Pois dar-se-á o caso que eu algum dia te declarasse essa amizade que tu Imaginaste. para assim me falares?

— Nada me disseste a tal respeito, é verdade, mas a maneira como sempre me trataste, a preferência que me

davas, é o que me fez supor...

— Pois foi uma má suposição, meu António. Tive-te sempre em muita conta, é verdade; preferia-te sempre a outro qualquer, não o nego; mas tudo isso não passava de uma simples afeição, filha dos nossos primeiros anos.

— Visto isso, tenho sido iludido até hoje? — murmurou o pobre rapaz, esforçando-se por conter a sua comoção.

— Não que eu te iludisse; tu é que te iludiste.

— Tens razão, Rosa; eu nunca deveria ter aspirações à tua estima; sou um pobre enjeitado...; não tenho sequer um palmo de terra...; além disso, não sei dizer essas palavras arteiramente estudadas com que se prendem os corações...

— António! — exclamou a Rosa do Adro, sentindo afluir-lhe o sangue no rosto. — Não sei a quem te referes; desejava que te explicasses.

— Quero falar desse senhor que por aqui costuma passar todas as tardes; antes de ele vir lá do inferno, tu eras muito outra do que hoje és; falavas para todos, com todos te rias, dançavas, cantavas e vinhas sempre alegrar as nossas festas com a tua presença; agora, porém, dá-se

bem o contrário; foges de todos nós, já poucas vezes se ouve a tua voz alegre, e passas horas e horas encostada à janela a olhar para a Lua, como se visses nela o retrato do Sr. Fernando, que é todo o teu feitiço!... Estás servida, rapariga; crê nas suas promessas, toma-lhe uma amizade cega e depois verás o pago que ele te dá...

Rosa não pôde ouvir mais. Ferida no íntimo do coração por ouvir falar assim daquele que já lhe era tão caro, levantou-se impetuosamente, encarou o jovem com um aspeto cheio de desprezo e exclamou encolerizada:

— Nunca, nunca consentirei que na minha presença fales assim de uma pessoa a quem estimo; não tenho culpa das tuas tolices, e além disso sou nova, solteira, e por isso posso entregar o meu coração, e a minha alma até, a quem muito me aprouver; quanto a ti, não te faltam raparigas que te mereçam; eu é que nunca poderei retribuir-te a afeição que mostras ter-me.

António ficou como petrificado ao ouvir aquelas palavras. Sabia que Rosa já amava muito o seu rival, mas não tanto. Aquela revelação tão franca, tão clara, sentiu fugir-lhe a derradeira esperança, deixou pender a cabeça, sem sequer

ter forças para fugir da mulher que lhe tinha talvez, desde esse momento, envenenado toda a existência, e assim permaneceu por muito tempo, não se atrevendo a encarar aquele rosto que vira ainda há pouco tão demudado pela exaltação de um amor ardente, incrível.

Rosa, passado o primeiro ímpeto, quase se arrependeu amargamente do mal que havia produzido com a sua resposta precipitada, e teria decerto cedido aos impulsos da sua bondosa alma, pedindo perdão ao atribulado rapaz, se não o visse repentinamente levantar para ela o olhar magoado e entreabrir os lábios para falar.

Efetivamente, António, depois de travar consigo uma luta desesperada, procurou acalmar as angústias que lhe torturavam o coração e, em tom quase suplicante, exclamou:

— Perdão, Rosa, se te ofendi, mas não era esse o meu intento; deves convencer-te de que as minhas palavras não são mais do que um vivo reflexo dos bons sentimentos que nutro por ti. Se eu não temesse uma desgraça!... Assalta-me um triste pressentimento.

— Pressentimento!?... E de quê? — perguntou Rosa com curiosidade.

— Não sei... mas vaticina-me o coração que Fernando nunca será digno do teu amor; é quase impossível que ele te ame como mereces!

— Como te enganas, meu António! Era preciso nunca o ter visto, nunca o ter ouvido, para assim pensar; Fernando ama-me com desinteresse, e esse amor tornar-nos-á a ambos completamente felizes. Ele assim mojurou.

— Palavras vãs, coisas que se dizem, mas que se não sentem. E, mesmo que assim fosse, por muito que ele te ame, o seu amor não será mais sincero e desinteressado do que o meu; além disso, ele é rico e aspirará também a uma esposa que o seja igualmente. Quanto a ti, pobre Rosa, o seu único fim é perder-te... e depois abandonar-te...

— António!... — exclamou a rapariga, começando de novo a agastar-se.

— Vamos, não te zangues. Eu bem sei que estas verdades são amargas e que soam mal a um coração apaixonado; mas, afinal, quais são as garantias que possuis

de que não suceda o que prevejo? Comigo, bem sabes, não se dariam esses receios porque te quero pura e santamente; além disso, as nossas sortes são quase iguais: tu és pobre e eu também o sou; a minha única ambição, pois, era unir-me a ti, partilharmos juntos da nossa pobreza, mas vivermos, apesar disso, felizes, como felizes vivem os anjos do Céu. Tu, porém, não o entendes assim; tens mais altas ambições, porque sabes o que vales... Olha, minha Rosa, acredita nas palavras desse baldevinos e verás como ele te recompensará tanto amor!... Prevejo-te um fim bem triste!...

— Basta! — interrompeu Rosa, vermelha de cólera — nem mais uma palavra! Ouvi-te silenciosa, sim, mas com raiva e o desespero no coração, por tantas insolências; vejo que o despeito e o egoísmo é que te fazem assim falar; mas que me importa isso? Acaso quererás obrigar-me a deixar esse rapaz, em tudo muito diferente de ti e de todos esses teus companheiros, incapazes de compreenderem sequer a mais leve pulsação de uma alma como a que sinto agitar-se sob este seio? Pois bem... Já que a tanto me obrigaste, ouve: Nunca te amei como talvez julgaste; dei-te sempre a

preferência a todos os outros rapazes, porque te tinha amizade de irmã, porque quase fomos criados juntos, e também porque te extremas bastante de todos esses rapazes da aldeia; essa amizade, porém, é que nunca se transformou em amor, nem tal poderá suceder, porque... Deus não o quer. Quanto a Fernando, amo-o como se pode amar nesta vida; quero-lhe mais que à minha própria existência, e este sentimento, que nasceu tão rápido no meu coração, nunca poderá extinguir-se. Poder-me-á ele ser infiel e quebrar um dia os juramentos que fez?... Não o creio; Fernando tem uma boa alma e seria incapaz de cometer uma tal perversidade!... Mas, ainda assim, se ele um dia me deixasse, não me deveria eu considerar bem feliz por me ter amado sequer uma hora que fosse? Vês, portanto, qual é o meu propósito: amá-lo-ei enquanto a vida me fizer pulsar o coração. Quanto a ti, bem conheces que nunca te poderia amar, e por isso faz por esquecer essa afeição que dizias consagrar-me, e trata-me como se tratasses uma estranha.

— Ah! E foi ele quem, num só momento, me roubou todas as esperanças, toda a felicidade do meu futuro... Oh!

amaldiçoado!...

— Não o arguas de nada, António; se alguma culpa há, é toda minha; disse que me queria muito, que só eu podia fazer a sua felicidade; acreditei-o, aceitei-lhe os seus protestos e entreguei-lhe o meu coração.

— Dessa forma é forçoso perder qualquer esperança que eu ainda pudesse nutrir, não é verdade?

— Seria escusado repetir o que já te disse.

Estas palavras foram para o pobre jovem o último golpe. Inclinou a cabeça para o peito e ocultou o rosto entre as mãos, como se quisesse esconder as angústias e o desespero que o alanceavam. No meio das torturas em que se debatia, brilhara-lhe nos olhos um lampejo sinistro, terrível, ameaçador, como se do íntimo da alma houvesse feito um juramento de insaciável vingança. De repente, porém, esse fogo extinguira-se, e, encarando Rosa com um aspeto de amargurada resignação, murmurou tristemente:

— Como sou desgraçado, meu Deus! — e duas lágrimas escoaram-se-lhe, vagarosas, pelas faces pálidas.

Rosa pareceu comover-se, e, cedendo a um impulso de compaixão, aventurou-se a dizer:

— Então que é isso, António? Assim desesperas por um mal que não tem cura! Olha, meu amigo, há muitas raparigas na aldeia! escolhe uma de entre elas, ama-a muito e verás como me esqueces e como serás feliz.

— Impossível, Rosa, impossível. Acaso ignoras ainda o que é o amor? Deves sabê-lo porque também amas. Só tu poderias fazer-me completamente feliz!... Esta estranha afeição que te devotei não nasceu ontem nem há dois dias: amo-te desde criança, desde aqueles dias felizes em que ambos, na solidão dos montes, passávamos aí horas esquecidas em inocentes brinquedos, em enlevos infantis. Como éramos felizes nesses tempos!... Afinal tudo passa!... Para mim, Rosa, está tudo acabado! Possas tu ao menos ser feliz e Deus permita que nunca se realizem as minhas tristes predições.

Ao terminar estas palavras, Rosa, que voltara um pouco o rosto para o lado direito de onde estava, soltou um pequeno grito de alegria.

António também se voltou para o sítio que Rosa fixava com tanta atenção e sentiu-se empalidecer.

Ambos tinham visto Fernando, que, com a espingarda ao ombro e seguido de dois perdigueiros, se encaminhava para aquele lugar.

— Aí vem o Sr. Fernando — disse António a meia voz. — Retiro-me. Adeus, Rosa.

— Não — atalhou ela — , agora fica; não vá ele persuadir-se que evitaste a sua presença e dar isso motivo a suposições menos justas.

— Sim, tens razão; não queres comprometer-te; efetivamente podia persuadir-se que não era só ele que merecia as tuas boas graças.

E ambos esperaram ansiosos a chegada de Fernando: Rosa, com alegria nos olhos, e António com um ar frio e indiferente que forcejava por simular.

Decorridos minutos, o jovem caçador acercava-se dos dois, e, apesar de os saudar com ar prazenteiro, relanceou-lhes um olhar perscrutador e desconfiado, como se tentasse

adivinhar na expressão das suas fisionomias o que se passara antes da sua chegada.

— Peço desculpa — disse António, com intenção. — Entretinha-me um pouco a gracejar com este papagaio, que faz a alegria de nós todos; porém, como agora o Sr. Fernando chegou, retiro-me para me não tornar importuno.

— Isso é graça, rapaz! — respondeu Fernando, parecendo perceber o verdadeiro sentido daquelas palavras. — Deixa-te estar à vontade; creio que tanto eu, como tu, ou como outro qualquer, tem direito a captar as boas graças da pérola desta aldeia; quem ficar vencedor na contenda, que seja feliz, porque eu, pela minha parte, não me zango com isso.

— Tem razão, Sr. Fernando; gosto de o ouvir assim falar; mas do que deve estar certo é que eu nunca tal tentei nem tentarei, e para prova ela que o diga. É certo que entre nós existia de há muito uma certa amizade...

— Amizade?!... — interrompeu o rapaz, fitando o rosto impassível e sereno de Rosa.

— Sim, uma amizade livre de qualquer ambição... uma amizade de irmãos, de crianças...

— És já mais feliz do que eu, António: as afeições que se conseguem nos primeiros anos da mocidade são ardentes, sinceras...

— Engana-se, Sr. Fernando: essas afeições duram apenas até uma certa idade, até ao dia em que se não conhece no mundo outro ente mais caro, ou se não ouvem juramentos mais acreditáveis, mas menos verdadeiros que as simples declarações que se trocam durante esses primeiros dias de inocentes enlevos. Muitas vezes, Sr. Fernando, a mulher que acompanhámos nos primeiros alvores da vida, e que parecia querer-nos tanto, chega a detestar-nos, a aborrecer-nos do íntimo da alma, desde que uma nova afeição lhe nasceu no peito.

Ao que parece, achas-te ferido desse mal, não é verdade? Ora vamos: sê franco e explica-te mais claramente; parece-me ver uma segunda intenção nas tuas palavras...

— Pois bem! Quer que seja franco? Aí vai tudo sem rodeios. O Sr. Fernando é namorado de Rosa e ela ama-o

tão cegamente que quase chega a aborrecer todas as pessoas que dantes lhe mereciam alguma consideração e confiança; eu conto-me no número dos queixosos. O Sr. Fernando procurou agradar-lhe e conseguiu-o; foi uma grande vitória, e tão grande, que até hoje nenhum rapaz da aldeia a pudera alcançar; do que, porém, nunca me persuadi foi que o senhor chegasse a inspirar-lhe uma paixão tão intensa!... Tive ainda há bem pouco uma prova do que afirmo, porque ela quase chegou a mostrar-me desejos de nunca mais me falar, a mim que até há bem pouco tempo gozava de toda a sua estima e a quem ela dava toda a preferência! Quer saber ainda mais? Eu fui tão louco que chegara a acreditar até que ela me amava e que se daria, como eu, por muito feliz, se um dia Deus juntasse os nossos destinos e as nossas almas!... Como me enganei!... Enfim, não era eu o predestinado para tantas venturas!

— Talvez te iludas, António — respondeu Fernando, secretamente orgulhoso por aquelas palavras. — Sonda bem o coração de Rosa e talvez encontres nele um

desmentido às tuas suposições; as aparências muitas vezes enganam.

— Oh, não me enganam estas! O Sr. Fernando matou para o mundo o coração desta pobre criança e fechou-lhe até os sentimentos de amizade para todos nós...

— Parece que a amas muito, não é verdade?

— Amei-a, sim; para que negá-lo? Esta afeição começou quase no berço.

— E já não a amas?

— Talvez não; quem sabe? Há bálsamos para todas as feridas. Não haverá também um para esta que me dilacera a alma?

— Deves aborrecer-me bastante!...

— Não sei pelo quê...

— Por ter roubado o coração que julgavas pertencer-te, se é que to roubei.

Estas palavras emudeceram António por alguns minutos, e nesse espaço pareceu meditar a resposta que deveria dar. Ergueu afinal a cabeça com ímpeto, cravou no seu

interlocutor um olhar calmo, mas expressivo, e respondeu com exaltação:

— Não o aborreço. Chegaria, porém, a odiá-lo de morte, se... (Interrompeu-se para lançar um olhar de mágoa para a pobre rapariga, que no meio deste diálogo se conservava opressa e receosa, esperando com viva ansiedade o final dele.)

— Se as suas intenções, Sr. Fernando, fossem menos puras e se o seu amor se tornasse a causa da infelicidade deste pobre anjo!

— Ah, se são esses os teus receios, então alimento desde já a certeza de que terei em ti o meu melhor amigo, não é assim?

— Quem sabe?...

— E porque não? Acaso duvidas de que eu seja capaz de fazer a felicidade desta rapariga?

— Duvido.

— Duvidas?! E porquê?

— Porque... porque o senhor nunca lhe dará o nome de esposa.

— Cautela, António! Olha que me ofendes com os teus loucos preconceitos.

— Ofendi-o?! Não o julgava... É verdade que há coisas que custam sempre a ouvir; receou talvez que as minhas palavras fossem frustrar todos os seus planos. Ah, sossegue, tal não há de suceder. Rosa ama-o demasiado para que o seu amor se abale com estas minhas tolices, como talvez o senhor lhes chame.

— É de mais! Emprazo-te para que declares imediatamente o verdadeiro sentido das tuas palavras! — E, dizendo isto, o jovem sentia afluir-lhe todo o sangue ao cérebro, começando a experimentar a falta de serenidade que conservara até ali.

António, pelo contrário, conservava-se impassível e sereno, brincando-lhe apenas nos lábios um sorriso irónico e quase provocador.

— Pois bem! — exclamou ele — Já que assim o quer, sejam;' francos. O Sr. Fernando tem um único ponto de

vista neste amor; conseguiu já bastante, isto é, fazer-se amar ardentemente por esta rapariga: foi o mais difícil; agora o resto, o mais fácil, é abusar do seu afeto e da sua inexperiência para a lançar no caminho da desgraça, roubando-lhe o mais precioso dote — a honra! — Está agora satisfeito?

A esta nova provocação, Fernando perdeu completamente a paciência.

— Infame! — exclamou ele encolerizado — Vais pagar com a vida os insultos que acabas de dirigir-me!

E, recuando alguns passos, engatilhou e levou à cara a espingarda, dispondo-se a dispará-la contra o seu rival, quando Rosa, fora de si, exclamou com voz suplicante:

— Fernando, por quem é, pelo nosso amor lhe peço que se contenha!

Estas palavras produziram no jovem o efeito que era de esperar: deixou pender os braços, olhou com indizível ternura para Rosa, e, voltando-se em seguida para António, que durante aquela cena se conservara imóvel como uma

estátua, não perdendo nem sequer por um momento o sangue-frio que sempre conservara, exclamou:

— Agradece a Rosa o não estares a esta hora na eternidade. Agora peço-te que te retires imediatamente; a tua permanência aqui poder-nos-ia ser a ambos bem fatal. Vai, mas previno-te que te livres de repetir-me qualquer expressão das que acabaste de proferir.

— Retiro-me, Sr. Fernando — respondeu António, com gravidade — , não porque tema as suas ameaças; a morte, para mim, neste momento, ser-me-ia talvez um grande alívio; retiro-me, sim, porque não quero agravar mais este incidente, e porque também temo exaltar-me. Pela última vez, repito-lhe: a desgraça de Rosa será a sua morte. Nunca se esqueça destas palavras.

E, saudando com um simples aceno de cabeça os dois amantes, retirou-se com passos vagarosos, mas firmes.

Fernando seguiu-o com a vista até o ver desaparecer ao longo do caminho, depois, voltando-se para Rosa, exclamou com um sorriso forçado:

— Iria jurar que este pobre diabo endoideceu, não te parece?

Rosa nada respondeu, contentando-se apenas em dirigir ao seu interlocutor um olhar aflitivo.

— Não me respondes? — continuou o rapaz, franzindo um pouco as sobrancelhas. — Acaso darias crédito às sandices desse miserável, ralado de ciúmes e de despeito?

— Oh, não, não o acreditei — respondeu a rapariga. — Confio muito no seu amor, Sr. Fernando, para que duvide sequer um momento...

— Ainda bem. Mas diz-me: qual é a causa dessa tua consternação'?

— Nem eu mesma o sei. Esse pobre rapaz, antes de o Sr. Fernando chegar, já me tinha dito tanta coisa...

— Provavelmente tudo no teor do que acabo de ouvir.

— É verdade; conquanto as suas palavras não pudessem operar em mim senão tédio e despeito, ainda assim algumas delas impressionaram-me profundamente!...

— Imagino a quanto o teria levado o seu desespero; mas diz-me ainda: antes de mim era ele o teu namorado?

— Não, Sr. Fernando, nunca nos declarámos a mais leve afeição; no entanto tratava-o com mais urbanidade do que a nenhum outro, e foi isso decerto o que o fez persuadir que eu lhe tinha um verdadeiro amor. Enganou-se completamente.

— Outra pergunta: posso saber os motivos que se davam para essas provas de deferência?

— Motivos muito simples: em primeiro lugar porque, como o Sr. Fernandinho sabe, fomos criados quase juntos, e em segundo porque notei sempre nele alguma coisa que o distinguia de todos os outros rapazes da aldeia: possui uma certa inteligência, tem maneiras agradáveis, enfim, reúnem-se nele qualidades que o extremam da maioria da gente do campo. — Também eu notei isso mesmo ainda há pouco. Não é vulgar encontrar aldeões que se exprimam como ele. Viveu algum tempo na cidade?

— Não, Sr. Fernando, nunca saiu destes sítios. Este rapaz ficou, segundo dizem, órfão de pai e mãe, de tenra

idade. O Sr. padre Francisco teve pena dele, levou-o para sua casa e deu-lhe uma boa educação, ensinando-o a ler e escrever, e tencionando até ordená-lo padre. O rapaz, porém, começou desde logo a mostrar uma pronunciada negação para tal ministério e não cessava de lhe demonstrar o quanto mais lhe aprazia a vida do campo. O Sr. Padre Francisco fez-lhe por fim a vontade e teve-o sempre na sua companhia, tratando-o mais como próximo parente do que como seu servo. É de então que datam as nossas relações, porque, como o Sr. Padre Francisco estimava muito meus pais, e a casa da escola era bastante distante destes sítios, admitira-me também como sua discípula, e assim fomos educados ao mesmo tempo. Depois a família da Sra. baronesa, que habitou aqui muito tempo, acabou de nos aperfeiçoar, graças à amizade que nos tinha a ambos. A Sra. baronesa tratava do pequeno António, cultivando-lhe o espírito com largas conversas e leituras, e a sua filha, a Sra. D. Deolinda, encarregou-se de mim, ensinando-me a pronunciar bem as palavras e a fazer alguns bordados, que eu nunca saberia, se não fosse ela. Pobre menina! Depois que daqui saiu nunca mais tive notícias dela nem da sua mãe. Era tão minha amiga!... Não

queria morrer sem a tornar a ver. O Sr. Fernandinho, como tem estado sempre no Porto, há de tê-la visto muitas vezes; deve estar uma senhora...

— Tenho-a visto, tenho — atalhou Fernando, tentando desviar a conversa para outro assunto. — Mas vamos ao que me interessa: tu não tornarás a lembrar-te do que há pouco disse esse tresloucado rapaz, não é verdade? Decerto que não esfriou com isso o amor que me tinhas.

— Oh, não, não! Amo-o muito, muito, muitíssimo; o que eu temo é pelo Sr.

Fernandinho.

— Por mim, como?!

— Receio que a alucinação desse rapaz o leve a cometer algum atentado contra o senhor.

— Nada receies, minha boa Rosa; eu me prevenirei contra qualquer ataque. É verdade: tua avó está em casa?

— Está no quintal a trabalhar; foi uma providência o ela não ter ouvido o que há pouco se passou; é muito amiga de

António, e, se soubesse que eu lhe tinha causado algum desgosto...

— E ao meu respeito ainda não te disse coisa alguma?

— Nada absolutamente: persuade-me que estas nossas relações não são mais do que mero passatempo.

— Ainda bem. Agora, minha Rosa, retiro-me e espero encontrar-te à noite quando voltar.

— Satisfá-lo-ei em tudo, porque o amo.

— És um anjo!

E, acercando-se da pequena mão que Rosa lhe estendia da janela, apertou-a entre as suas, osculou-lha ardentemente e retirou-se.

CAPÍTULO 7

São decorridos perto de quinze dias, depois das cenas que deixamos descritas.

Durante esse tempo nada se passou de notável, a não ser os progressos que fazia de dia para dia o amor dos dois jovens.

Dir-se-ia que já não havia forças humanas capazes de separar aqueles dois corações tão cheios de douradas esperanças.

Fernando não deixara um só dia de ir visitar a linda aldeã; além disso, já não era só à porta da habitação e debaixo da janela que faziam as suas mútuas promessas.

Rosa, pretextando ir a casa desta ou daquela amiga, avisava antecipadamente Fernando, e por isso não era raro encontrá-los ou no meio de um atalho mais escuso, atrás de uma sebe, ou ainda sentados junto ao tronco de uma árvore, confiando um ao outro o segredo íntimo dos seus

anelos, dos seus receios e das suas dúvidas, objetos que fazem sempre o assunto principal das conversas de dois amantes.

Estes amiudados encontros e misteriosas conversas não tinham, porém, passado despercebidos a meia dúzia de vistas curiosas e de espíritos chocarreiros, nascendo daí umas certas conversas em voz baixa, que principalmente as mulheres trocavam quando à noite se juntavam às portas umas das outras ou se encontravam casualmente.

O que sem dúvida já de há muito se dizia, em voz alta e sem rebuço, era que a Rosa namoriscava o filho do Capitão, como chamavam a Fernando.

As relações dos dois jovens eram, pois, já sabidas por toda a aldeia e isso dava motivo a ditos e comentários mais ou menos maliciosos, mas quase sempre malévolos.

Os invejosos e maldizentes, falando dos amores de Rosa, concluíam sempre as suas conversas com sentenças como esta:

— Chegou ao que queria. Os rapazes da lavoura já lhe não serviam: agora porém, deve estar satisfeita: um

morgado rico, e além disso cirurgião, não era coisa para desprezar. Coitada! Está bem servida! Persuade-se talvez que o filho do Capitão a quer para alguma coisa, nem que ele não tivesse melhores caras, nem raparigas ricas... E o que é certo, é que a delambida anda já tão emproada, que não dá palavra a ninguém; parece até fugir da gente

Está servida! O filho do Capitão há de casar com ela, quando o mundo se acabar. Nem que o Sr. Fernando fosse algum tolo.

Os supersticiosos diziam:

— A rapariga, segundo asseveram, anda doida pelo rapaz; não digo nada para não errar, mas aquela amizade não pode ter bom fim. O filho do Capitão é rico e dentro em pouco terá uma linda posição, além disso é estudante, e isto de estudantes, nem pintados... Enfim, pode ser que a rapariga lhe calhasse e que venha a casar com ela, mas duvido muito. Deus ampare aquela boa rapariga e a livre de alguma desgraça... O mundo está de uma forma que devemos sempre julgar o pior. Têm-se por aí visto tantos exemplos...

Finalmente, os bondosos desinteressados exclamavam com convicção:

— Aquilo é mocidade, e por isso deixem-nos divertir. O morgado, enquanto por ali anda, quer passar o tempo, e faz muito bem; ela é nova e solteira, e por isso está no seu direito de dar trela a quem quiser. Daqui a dois dias aborrecem-se ou zangam-se por dá cá aquela palha, e cada um trata de procurar outro norte. Aquilo não vale nada; deixem-nos divertir...

Eram estas as três opiniões em que se dividia a população da aldeia, advertindo que o número dos supersticiosos era maior, porque as suas ideias tendiam mais para o mal.

Relativamente aos pais dos dois amantes, a avó de Rosa, conquanto todos os dias lhe soprassem aos ouvidos algumas chufas e ditozinhos maliciosos, não lhes dava a mínima importância, e, como os bons e desinteressados, não se opusera às relações da sua neta, porque não via nelas mais que um passatempo próprio da sua idade.

O pai de Fernando, esse, ria-se quando em tal lhe falavam, e exclamava com o melhor bom humor:

— Deixem-no divertir-se; está no seu tempo, e nós, quando tínhamos a mesma idade, fazíamos outro tanto. Ao menos o demo do rapaz não teve mau gosto; ela não é rica, não, mas também é a melhoria destes arredores. Que converse, pois, com quem quiser, enquanto por aqui anda, porque eu não me importo com isso; estou até em dizer que dentro em pouco deixa-a e agarra-se por aí a outra.

Os ditos e as chicanas continuavam, porém; e tal vulto tomou a maledicência, que a avó de Rosa vira-se obrigada a tomar o caso a sério e a dirigir a semelhante respeito algumas palavras a sua neta.

Um dia, à hora de jantar, logo que terminou a refeição, a avó de Rosa, com aspeto grave, interrogou sua neta por estas palavras:

— Minha filha, será verdade o que por aí se diz ao teu respeito, isto é, que tu namoras o filho do Capitão?

A esta pergunta inesperada, e a primeira que a sua avó lhe dirigia sobre tal assunto, Rosa sentiu-se enleada, mas não pôde mentir; com os olhos baixos e as faces avermelhadas, respondeu com firmeza:

— É verdade, minha avó; persuadi-me que já o sabia. Sabia-o, é verdade, mas queria ter a certeza...

— Diz-me: é certo também que o amas muito?

Esta nova pergunta acabou de perturbar a jovem a ponto de não poder responder senão com uma torrente de lágrimas.

Foi isso o bastante para sua avó adivinhar o que se passava no seu coração.

— Minha filha — continuou a boa da velha, não podendo também conter a sua comoção — , as tuas lágrimas são a mais clara prova do teu amor para com esse rapaz; foste demasiadamente precipitada, mas o mal ainda se pode remediar. Devias saber que o Sr. Fernando, além de ser rico, não é nenhum jovem da lavoura, como muitos outros que por ai há, e isso deveria ser motivo para tu repelires, com todas as tuas forças, os seus desejos ou os protestos de amizade que te fizesse. Foste, pois, leviana na escolha: ouviste-o, acreditaste-o e consagraste-lhe o teu amor. De há muito sabia eu dessas relações, mas nunca me tinha oposto a elas, porque não julgava que tomassem tanto vulto nem

dessem tanto que falar e criticar na aldeia; ainda para mais, ignorava que tu em tão pouco tempo pudesses ganhar-lhe uma tal afeição!... Mas, como já disse, estamos ainda em tempo de tudo remediar; bem sabes o que se tem dito por aí, e portanto é necessário que termines tais relações e que nunca mais tornes a falar a esse rapaz.

Rosa ouvira impassível os conselhos da sua avó, mas, às últimas palavras, as suas faces de novo se inundaram de lágrimas. A pobre velha, também cada vez mais comovida, afagava-lhe o rosto, e, quando a viu mais sossegada, exclamou em tom quase suplicante:

— Vamos, Rosa, sê forte; o teu amor está ainda em princípio, e por isso melhor se poderá atalhar; são dois ou três dias de saudade e de tristezas, mas depois esquecê-lo-ás. É necessário este sacrifício, minha filha, e, se não me queres dar um grande desgosto, faz-me o que te peço. Crê que o Sr. Fernando nunca casaria contigo, porque ele apenas o que deseja é passar algum tempo e divertir-se; tu, como mulher que és, não pensas assim, e daqui a pouco ter-lhe-ias uma afeição que poderia trazer consigo graves consequências.

Vamos: fazes-me o que te peço? Nunca mais te importarás com esse rapaz?

Rosa meditou algum tempo e afinal respondeu a custo:

— Farei tudo quanto puder para a não desgostar, minha avó.

Estas palavras foram recebidas com a maior alegria pela velha: abençoou sua neta e confortou-a durante alguns momentos, para melhor a dissuadir daquela paixão.

Por uma notável coincidência, Fernando, nesse mesmo dia, quando ia a sair de casa, foi chamado pelo seu pai, que, com o seu costumado bom humor, exclamou:

— Vem cá, meu maroto; diz-me uma coisa: é verdade que tu conversas a Rosita do Adro?

— Não o nego, meu pai; mas a que vem essa pergunta'?

— É porque se fala muito nisso na aldeia: todos dizem que os teus fins para com ela não são nada bons.

— É uma falsidade, meu pai; juro-lhe que...

— Não jures nada. Olha: fazes-me uma coisa?... Deixa em paz a pobre rapariga e tapa assim a boca a essas

línguas danadas.

— Mas eu é que não tenho nada absolutamente com o que dizem, e, portanto...

— Vamos, Fernando, eu sei o que são rapazes, e ainda melhor sei o que tu és; deixa lá a rapariga sossegada e não faças por aí alguma das tuas.

— Perdoe-me, meu pai, mas não acho bonito abandonar uma rapariga sem ter para isso o mais pequeno motivo. São coisas que se não devem fazer.

— Visto isso, não a queres deixar, não é verdade? Pois bem: faz lá o que quiseres, contanto que não me dês por aí algum desgosto, e o que te aconselho é que tenhas tento na bola; olha que isto aqui não é o Porto, onde vocês fazem toda a casta de maroteiras. Depois a Rosita é uma pobre rapariga... Enfim: juízo é que eu te recomendo, e vai com Deus; tu já não és nenhuma criança, para que não saibas o que fazes... Vai, vai e diverte-te.

— Sossegue, meu pai, não há de ter de que se queixar — respondeu Fernando, saindo e dirigindo-se, como de costume, para a habitação de Rosa.

Logo que ali chegou, a jovem debruçou-se sobre o peitoril da janela, e com ar misterioso e a voz comovida exclamou em tom quase impercetível, como se temesse que as suas palavras fossem ouvidas no interior da habitação:

— Vá para a bouça do Corado e espere-me lá um pouco, que eu vou já falar-lhe, não me demore aqui sequer um momento.

E, antes que o rapaz, boquiaberto, lhe perguntasse o motivo daquela comoção, retirou-se precipitadamente da janela, deixando Fernando ainda mais estupefacto.

Sem atinar com o motivo daquele ar misterioso, o jovem obedeceu ao último pedido e encaminhou-se para o lugar indicado.

A bouça chamada do Corado ficava algumas centenas de passos distante da igreja, para o lado do sul.

Era um extenso terreno atapetado de mato grosso e cerrado, partido apenas em diversas direções por pequenos caminhos ou atalhos, que davam saída para os campos vizinhos e para a estrada que atravessa a aldeia.

Por entre o mato elevava-se um sem-número de pinheiros bravos, de larga copa, entremeando-se por meio deles algumas outras árvores de menor porte, que no seu todo formavam à primeira vista uma extensa e impraticável floresta.

À direita de um dos atalhos que atravessavam a bouça, e um pouco distante, havia um pedaço de terreno coberto de viçosa relva, disposto quase em círculo e cerrado por um grande número de pequenas árvores, apresentando, pela sua disposição natural, um como pequeno bosque, por detrás do qual se levantava uma espécie de parede formada pela ramagem emaranhada de grande número de espinheiros e outras plantas bravias, que impediam a vista para o resto da bouça.

Foi neste aprazível lugar que Fernando entrou, e pela escolha que fizera dele dir-se-ia não lhe ser desconhecido, nem aquela a primeira vez que ali penetrava.

Sentou-se no tronco de uma árvore que ali se achava, encostou a ele a espingarda e esperou, enquanto que os dois cães que sempre o acompanhavam farejavam por entre o mato.

Passados poucos momentos, o jovem ouviu latir os cães, sinal evidente de que alguém se aproximava ou atravessava a bouça, e levantou-se para ver quem seria.

Efetivamente viu ao longe, caminhando por um atalho, um homem cujas feições não pôde a princípio distinguir, pela distância que o separava dele, mas, afinal, quando se aproximou mais, reconheceu António, o jovem do padre.

Era efetivamente o desventurado rapaz, que, com a enxada ao ombro e a cabeça pendida para o peito, caminhava vagarosamente, parecendo estranho a tudo que o cercava.

Passou a alguma distância do local em que Fernando estava, e tão abstraído ia, que nem sequer parecera dar pela presença do rapaz, que, meio desconfiado, seguia com curiosidade a direção que ele levava. Apenas, ao sentir o latir dos cães, António relanceara sobre eles um olhar tão rápido, que nem o próprio Fernando o notou.

Afinal, Fernando, logo que o viu desaparecer por entre o labirinto de árvores, tomando um caminho oposto àquele em que se achava, voltou para o seu lugar, exclamando de si para consigo:

— Pobre rapaz!... à fé de quem sou, que tenho dó dele!... E há quem diga que o coração do homem não seja capaz de uma grande paixão, incurável até!... Engano! E a prova é esse pobre diabo, para quem parece terem morrido todas as alegrias desta vida, pelo simples facto de Rosa o ter repudiado. Pobre rapaz!... Ninguém o vê senão triste e acabrunhado, fugindo de toda a gente e afastando-se sempre de todos os passatempos que outrora faziam a sua alegria. Mas afinal o que lhe hei de fazer? Ceder-lhe o meu lugar e abandonar-lhe essa rapariga, por quem ando louco de amores? Isso nunca! Que sofra com paciência, que arraste como puder a cruz que tanto lhe pesa, ou então... que se deixe de ser tolo: coração ao largo e está tudo acabado. Demais, a ele não lhe faltam aí raparigas que lhe possam matar saudades, enquanto comigo se dá exatamente o contrário. Deixar a minha querida Rosa, isso é que de forma alguma; mas também devo perguntar a mim próprio: Amá-la-ei eu como ela merece? Nem eu sei, mas parece-me que sim. Não há dúvida: isto que sinto no coração, o interesse que me inspira, as horas que passo a pensar nela, não pode ser senão um amor ardente e infinito, mas não tão louco como o desse infeliz rapaz E, em

verdade, quem haverá aí que, ao vê-la tão sedutora, não se sinta morrer de amores por ela? às vezes custa-me a compreender como a natureza possa reunir numa mulher tantas belezas. E onde eu a vim encontrar!... Aqui, no meio destes vales, cercada de fisionomias estúpidas e grosseiras... Ah, mas é também nestes lugares onde esses seres se criam e desenvolvem, puros dessas paixões mesquinhas que depravam a vida logo aos primeiros anos... É realmente uma bela rapariga, bem digna de ser amada. Eu próprio não me arrependeria nunca de lhe ter consagrado uma viva afeição... Mas Deolinda, a filha da baronesa?!. Ah! é verdade... Pobre Deolinda! Já me tinha esquecido dela.

Novo latir dos cães veio quebrar o fio destas cogitações. Levantou-se de novo, e, olhando ao longo do pinhal, distinguiu Rosa, que precipitadamente se dirigia para aquele mesmo lugar, parecendo recear ser vista por alguém.

Deixemos Rosa aproximar-se de Fernando e vejamos o caminho que António tomara, depois que aquele o vira desaparecer.

António, ao embrenhar-se na bouça, ouvira latir os cães, e, pelo simples relancear de olhos que lhes lançara, conheceu serem de Fernando, e daí coligiu que ele estava no pequeno bosque. Por isso passou avante sem fazer o mais pequeno reparo que pudesse trair as suas tenções, e, logo que se viu fora do alcance da vista do seu rival, deixou o caminho que parecia levar, retrocedeu à direita, e avançou naquela direção, não lhe servindo de empecilho o mato e as urzes, que decerto tinham de molestá-lo.

Ao vê-lo naquela desabrida carreira, dir-se-ia um louco fugindo à perseguição de algum suposto fantasma.

Em poucos momentos achou-se perto do pequeno bosque em que Fernando estava. Parou então, e, contendo o rumor dos seus passos e até a própria respiração, começou de novo a caminhar vagarosamente, parando afinal do outro lado da sebe formada pelos espinheiros, e dispondo-se a escutar e a ver tudo quanto se passava no sítio de que apenas o separava aquela pequena barreira.

Quanto a Rosa, à medida que se ia aproximando do lugar em que Fernando a esperava com viva ansiedade, os dois perdigueiros, conhecendo-a, cessaram os latidos, e,

acostumados às suas carícias, correram para ela, saltando-lhe em derredor e lambendo-lhe as mãos.

Rosa, porém, tão aflita parecia estar, que, não dando pelas carícias dos pobres animais, nem sequer lhes dirigira um olhar de agradecimento.

Quando chegou perto de Fernando, o seu primeiro movimento foi lançar-se-lhe nos braços, derramando incessantes lágrimas. Era a primeira vez que a pobre rapariga se abandonava assim àquele a quem tanto amava, depreendendo-se desse facto o quanto sofria naquele momento e quão grande era a necessidade que sentia de um peito amigo em que desabafasse as mágoas que a alucinavam.

Fernando, sem atinar ainda com a causa de tantas angústias, cingiu-a ternamente ao coração, e, tentando sossegá-la, exclamou:

— Rosa, anjo da minha vida, que querem dizer essas lágrimas? Quais são os motivos de tantas angústias? Responde-me, conta-me tudo; e não me faças morrer de impaciência.

Rosa tentou responder, mas a voz morreu-lhe na garganta, e uma nova torrente de lágrimas lhe inundou as faces.

Fernando, cada vez mais comovido, continuou com voz meiga, afagando-lhe o rosto e enxugando-lhe as lágrimas:

Vamos, minha querida, não chores mais... Sossega e senta-te aqui.

E tomando-a pela mão, fê-la sentar junto a si no tronco em que antes permanecera.

Rosa, depois de sossegar um pouco, graças às carícias e súplicas de Fernando, limpou ainda duas grossas lágrimas que lhe rolavam pelo rosto e exclamou afinal com voz pouco segura:

— Sr. Fernandinho, é preciso separarmo-nos: sou forçada a deixá-lo.

A estas palavras imprevistas, o jovem como que sentiu despenhar-se o mundo sobre ele, tal fora o seu assombro, e encarou Rosa com um olhar desconfiado e perscrutador. A pobre rapariga, com os olhos fitos no chão, parecia querer ocultar o choro que de novo lhe humedecera as pálpebras.

Passado o primeiro momento de torpor, Fernando, pegando-lhe nas mãos, exclamou fora de si:

— Tu que disseste, Rosa?... És forçada a deixar-me?!...

— Sim. Sr. Fernando; nunca mais poderemos ver-nos.

— E quem no-lo impede? Oh, não, não! Parece-me que nem a morte poderá desunir-nos! Mas diz-me: que motivo tão imperioso te força a separares-te de mim'?

— Eu lhe conto: Como o Sr. Fernandinho talvez não ignore, as nossas relações têm dado bastante que dizer na aldeia; não há grande nem pequeno que não tenha deixado de falar do nosso amor com mais ou menos malevolência, mas todos prognosticando-me uma série de infelicidades e desgraças. A minha avó, a quem por fim não foram estranhos esses ditos, pediu-me hoje, com as lágrimas nos olhos, que o deixasse, mostrando-me a inconveniência destas relações aos olhos do mundo, pela distância que nos separa um do outro e pela impossibilidade, talvez, de podermos ser um do outro. Não ousei sequer rebater-lhe tais ideias, e afinal...

— E afinal? — interrogou Fernando com ansiedade.

— Afinal prometi anuir ao pedido que me fazia.

A esta resposta, o jovem ergueu-se de um salto, colocou-se em frente de Rosa, e, cruzando os braços, exclamou em tom irónico:

— Com efeito, Rosa, estou admirado do teu procedimento; dizias amar-me, juraste-me esse amor e por fim escarneces dos sentimentos mais puros do meu coração, traindo todas essas promessas!... Eis como são as mulheres: só amam quando não há sacrifícios afazer, mas, logo que eles aparecem, o amor evapora-se!...

— Sr. Fernando — atalhou a rapariga, desfeita em lágrimas. — por piedade, não diga isso; não duvide do amor que lhe jurei!

— Que não duvide do seu amor, quando acaba de me dar a prova mais convincente de que nunca me teve a mais leve afeição!... São escusadas mais explicações, e o melhor é terminarmos isto por uma vez, deixo-a livre, pode retirar-se! De hoje para o futuro suponha que nunca me conheceu; seja feliz com as suas novas conquistas, mas o que lhe

aconselho é que nunca engane ninguém como me enganou a mim! Adeus!

E, dizendo isto, deu alguns passos para se retirar, quando Rosa, levantando-se impetuosamente, agarrou-se-lhe aos braços, exclamando com desespero:

— Por compaixão, Fernandinho, não me deixe assim. Ouça-me primeiro e depois julgue-me.

— Pois bem: fale.

— O Sr. Fernando diz que eu não o amo, que nunca o amei!... Oh, não, mil vezes não. Juro-lhe pela salvação da minha alma, por tudo quanto há de mais sagrado, que ainda não deixei sequer um momento de lhe consagrar toda a minha existência, todos os afetos da minha alma. É verdade que prometi a minha avó deixá-lo, mas sabe se eu teria forças para cumprir tal promessa? Ah, Sr. Fernandinho, muito mal me julgou!... Diga: não haverá um meio qualquer de continuarmos estas relações sem darmos motivo a que se fale delas, ocultando-as aos olhos de toda essa gente e até aos da minha própria avó? Ordene, diga o que é preciso fazer, que estou pronta a obedecer-lhe como uma escrava.

Agora, Sr. Fernandinho, pergunto-lhe se ainda terá alma para deixar-me e se crê no meu amor.

Fernando olhou ternamente para aquele rosto, em que transluzia todo o fogo de uma verdadeira paixão, e, beijando a cara da bela rapariga, dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

— Ora vamos, minha querida Rosa, fui na verdade bastante precipitado em te julgar; mas que queres? Quando se ama como eu te amo e se chega a duvidar por um momento do amor daquela a quem devotamos a nossa felicidade, o nosso futuro até, não podemos reter no coração o despeito que isso nos causa e dizemos quanto nos vem à cabeça; porém, tu perdoas-me, não é assim?

— Se lhe perdoo! — respondeu ela, apertando freneticamente, entre as suas, as mãos de Fernando.

— Muito bem. Agora sentemo-nos outra vez e discorramos sossegadamente sobre os meios que devemos empregar para fazer persuadir essa caterva de imbecis de que terminaram as nossas relações. Não é isto o que pretendes?

— É; sobretudo o que eu desejava era não desgostar minha avó; está tão velha e quer-me tanto, que dar-lhe qualquer desgosto seria matá-la.

— E já te lembraste de algum meio?

— Não, por enquanto.

— Vejamos então se descobrimos.

Fernando pareceu meditar. Ao cabo de alguns minutos interrogou a sua amante pelas seguintes palavras:

— Rosa, tu disseste amar-me, não é assim?

— Jurei-lho.

— E por este amor serás capaz de fazer um sacrifício?

— Obedecer-lhe-ei em tudo como uma escrava, já lho disse.

— Bem. Ora responde-me: O extremo do teu quintal dá para uma bouça que tem entrada pelo caminho da azenha, não é verdade?

— E.

— O muro que separa o teu quintal dessa bouça é apenas da altura de um homem, se tanto...

— Do lado direito, junto ao castanheiro grande, é ainda mais baixo.

— Melhor ainda. Pois é aí no teu quintal, que poderemos falar todas as noites, sem ninguém o saber.

— No quintal?!...

— Sim. Ouve o meu plano: de hoje para o futuro, o nosso amor terminou aparentemente, isto é, eu deixarei de passar à tua porta e ainda que nos encontremos, não nos dirigimos uma só palavra, nem sequer um olhar, de modo que toda a gente se persuada que efetivamente as nossas relações terminaram. Todas as noites, porém, por volta da uma hora, entrarei na bouça e saltarei daí ao teu quintal, e, a um sinal convencionado — um assobio que imitará o canto de uma ave, por exemplo — , tu agasalhar-te-ás, abrirás a porta do teu quarto com toda a cautela e dirigir-te-ás para junto do castanheiro, do fundo do quintal, onde me deves encontrar. Creio ser este o único meio e o mais seguro de que podemos lançar mão.

Rosa ficou pensativa por algum tempo e o seu silêncio foi interpretado por Fernando quase como uma recusa.

— Então não respondes? — perguntou Fernando. — Acaso recusarás?

— Oh, não, não! Nada recusarei, porque prometi obedecer-lhe; mas, se alguém vem a saber...

— És louca, minha Rosa! Pensas que eu não procederei com toda a prudência'?

— Pois bem: entrego-me nas suas mãos, Sr. Fernandinho; quero dar-lhe todas as provas de que o amo como nenhuma outra o amaria.

— Obrigado, Rosa, pela tua dedicação. Amanhã, pois, comecemos as nossas novas entrevistas. Agora vai para casa, porque já te demoraste bastante e pode tua avó dar pela tua ausência.

— Tem razão, Fernandinho, retiro-me. Adeus, até amanhã. Muito cuidado e segredo é o que lhe peço.

— São desnecessárias essas recomendações, amor. à uma hora, não te esqueças.

Apertaram-se as mãos; Rosa retirou-se e em breve desapareceu por entre o labirinto do pinhal. Poucos momentos depois, Fernando também se afastou, tomando o caminho oposto àquele que Rosa seguira, para não suscitar desconfianças, no caso que fosse encontrado por alguém.

António, pelo seu turno, logo que os dois desapareceram, também saiu do esconderijo.

Na sua cara, sulcada por duas profundas rugas, mostrava-se a palidez medonha dos cadáveres.

— Desgraçada!... — exclamou ele, caminhando vagarosamente. — Como se deixa arrastar para o inferno da desventura!... Insensatos! Julgaram que ninguém os ouvia, como se não houvesse no mundo um ente que vigiasse noite e dia os seus passos!... Oh! continuarei agora a velar mais do que nunca.

CAPÍTULO 8

No dia seguinte, por volta das onze horas e meia da noite, a herdade do Capitão estava imersa no mais fundo silêncio.

E, a não ser o reflexo de uma luz que brilhava nas vidraças de um dos quartos do lado norte, dir-se-ia que tudo ali repousava.

A janela que assim resplandecia no meio das densas trevas que cercavam o resto da casa era a do quarto de Fernando, e o vulto deste, destacando-se de vez em quando no meio da claridade, denotava que o jovem ainda se não havia deitado.

Penetremos no quarto.

Algumas cadeiras antigas, um leito de pau-preto da mesma idade dos outros móveis, uma meia-cómoda com toucador, duas pequenas mesas, sobre uma das quais se via um relógio, uma outra colocada no meio do aposento, cheia de livros em desordem, eis a decoração singela daquele

quarto, não mencionando dois ou três cabides pregados na parede, vergando sob o peso de alguma roupa.

Fernando, que havia algum tempo passeava de um para o outro lado do aposento, sentara-se afinal junto da mesa dos livros, e, pegando num deles, abriu-o ao acaso e permaneceu algum tempo com os olhos fitos nas duas páginas que tinha diante de si, parecendo ler. De vez em quando, porém, olhava com impaciência para os ponteiros do relógio e depois dir-se-ia continuar a leitura interrompida.

Estes movimentos contínuos, do relógio para as páginas do livro, repetiram-se por muitas vezes num curto espaço de tempo, até que, afinal, a campainha soou doze badaladas. Fernando, que parecia esperar com ansiedade aquela hora, estremeceu ao ouvir os primeiros sons, e, levantando-se precipitadamente, dirigiu-se a um cabide e tirou dele um capote, com o qual se cobriu, exclamando:

— Ora até que enfim! Parecia que não chegava hoje a meia-noite e que o Diabo se entretinha a reter os ponteiros!...

Abriu em seguida uma das gavetas da cómoda, tirou um par de pistolas de dois canos, metendo cada uma delas nos bolsos do casaco, depois de as ter examinado cuidadosamente, pôs na cabeça um chapéu preto de abas largas, apagou a luz, e, saindo do quarto, começou a caminhar com todo o cuidado, para não ser pressentido, por um corredor estreito que terminava numa escada de pedra, que descia para um pomar.

Chegado ao fundo da escada, encaminhou-se para uma pequena porta que dava para a estrada, e, depois de a ter aberto com uma chave de que ia munido, saiu, seguindo ao longo do caminho que levava à igreja.

Pouco mais de um quarto de hora depois, Fernando, entrando no pinhal do Corado, parou junto ao muro do quintal de Rosa, e, depois de lançar um rápido olhar em volta de si para se certificar de que ninguém o observara, levou os dedos à boca e extraiu alguns silvos compassados, que semelhavam perfeitamente o piar monótono de um mocho. Subiu depois ao muro, que saltou de um pulo, encaminhou-se para junto do grande castanheiro e sentou-se num tosco banco de madeira que ali havia.

Minutos passados, o rapaz, auxiliado pelo luar que fazia, viu escoar-se pela porta que dava para o quintal um vulto branco, que se encaminhava para o sítio em que ele se achava.

Era Rosa, que, ao sinal convencionado, saíra de casa, vindo ao encontro do amante, que a recebeu nos braços.

Naquele momento os corações dos dois jovens batiam apressadamente.

Estremeciam eles de receio ou de felicidade? Nem os dois amantes saberiam responder a essa pergunta, se lha dirigissem então.

Sabê-lo-á, porém, explicar aquele que, em noite amena e linda, sentiu arfar junto ao seu um coração que conseguiu tornar cativo; aquele que viu uns dedos finos e brancos ondear-lhe distraidamente os cabelos, soltos ao capricho da aragem; aquele, finalmente, que teve uma das horas mais felizes dessa época de amor de permanecer a sós, e de noite, junto àquela que uma vez disse com efusão: Amo-te!

Ah, felizes tempos da mocidade, como perpassais rápidos!

Fernando sentia-se também um pouco comovido naquele momento de suprema felicidade. Forcejou, no entanto, por se sossegar a si e a Rosa, exclamando com a mais terna inflexão:

— Meu querido anjo, não estejas inquieta, porque nada tens a recear. Senta-te aqui e conversemos.

Sentaram-se ambos no pequeno banco de madeira e, com as mãos enlaçadas, assim permaneceram durante alguns momentos em contemplativo êxtase.

A noite estava realmente bela. A limpidez do céu, o fulgor das nuríades de estrelas, o luar claro, refletindo-se na folhagem das árvores e na relva das campinas, davam àquela cena um aspeto fantástico e arrebatador.

Rosa, naquele momento, parecia mais sedutora do que nunca. Um raio da Lua, atravessando a custo a ramagem do castanheiro, batia-lhe de frente no rosto, deixando ver-lhe as faces afogueadas, o olhar meigo e não sei quê de fascinador, que enlouquecia.

Foi num desses momentos de muda contemplação que Fernando, arrebatado, louco, sem a consciência do que

fazia, cingiu ao coração o corpo flexível da sua amante, cobrindo-lhe as faces de frenéticos beijos.

— Como és linda! — exclamou ele. — Para que te fez Deus tão formosa, anjo da minha vida?

Rosa, trémula de susto, desenvencilhou-se a custo dos braços de Fernando, e, com as lágrimas nos olhos, mas a voz firme e clara, aventurou as seguintes palavras:

— Fernandinho, amo-o muito, é verdade; e a prova mais clara desse amor é o ter acedido a passar algum tempo aqui a sós consigo. Calculei bem esse passo e sei quão perigoso é para mim; no entanto, apelo para o seu brio e generosidade. Fernandinho, por quem é, respeite a minha honra e não abuse da fraqueza de uma mulher que se lhe abandonou cegamente!

E, ao proferir estas palavras, a pobre rapariga rojou-se aos pés de Fernando, sufocada pelo choro.

O jovem pareceu cair em si, e, levantando-a com ternura, fê-la sentar outra vez, dizendo:

— Nada temas de mim, Rosa. Apesar de muitas vezes não podermos sofrear os impulsos da paixão que nos

devora, tornar-me-ei bastante forte para os domar e respeitar-te. Para o teu próprio sossego, vou fazer-te um juramento que te porá a salvo de qualquer eventualidade: Rosa, meu querido anjo, perante ti e perante Deus que nos ouve, juro-te que, desde este momento, te considero minha esposa e que a minha mão, o meu futuro, a minha vida, a ninguém mais pertencerão senão a ti, suceda o que suceder!...

— Oh! obrigada, Fernandinho, obrigada! Tirou-me do coração um peso horrível que de há muito me atormentava! — exclamou Rosa, lançando-se, louca de alegria, nos braços do seu amante.

Neste momento, uma ave negra voejou por sobre a cabeça dos dois amantes, soltando um grito lúgubre e prolongado.

Rosa estremeceu e aconchegou-se, cheia de medo, a Fernando, exclamando ao mesmo tempo:

— Meu Deus, que horrível agouro!...

Fernando, que nada tinha de supersticioso, também estremeceu, parecendo que o eco daquele grito monótono fora morrer no fundo da sua alma. Depressa, porém, se

arrependeu secretamente da sua fraqueza, e, tentando sossegar a sua amante, que, transida de susto, ainda se conservava presa aos seus braços, exclamou:

— Então, Rosa, que é isso? De que te assustas? Sossega, filha, nada há de extraordinário neste pequeno incidente. Como sabes, a igreja está perto daqui, e as aves noturnas costumam abrigar-se nela, alguma, porém, que se refugiara nesta árvore, amedrontou-se ao ouvir-nos falar, e fugiu, soltando o seu costumado canto. Já vês que tudo isto é bem natural e que nenhum motivo há para tais receios.

— Ah, foi um triste acaso aquele! — continuou a rapariga, ainda impressionada.

— Visto isso, és supersticiosa? — perguntou Fernando.

— Quando se ama, quem há que o não seja?

— Pois sossega, meu amor; já te mostrei que não há motivo algum para semelhantes sustos. Mudemos de assunto. Diz-me: estás agora contente comigo?

— Se estou! — respondeu ela, erguendo para o jovem os seus belos olhos.

— E eras tu que me querias deixar... tu, a quem amo como um louco, tu, a quem adoro como uma divindade!

— Vamos, Fernandinho, não exagere. Por mais bela que eu seja, não haverá acaso quem melhor mereça a sua afeição do que eu? Sabe o que eu receio, Fernandinho? É que um dia se venham a descobrir estas nossas entrevistas. Se tal sucedesse, julgar-me-ia completamente perdida no conceito de toda a gente. Deus permita que tal nunca suceda!...

— Não penses mais nisso, Rosa; quase te podia jurar que nunca ninguém o saberá: daqui por dois ou três dias toda a aldeia estará convencida de que terminaram as nossas relações, e por isso deixarão de nos espiar, se é que até aqui o têm feito. Mais tarde, porém, verão que os iludimos, porque os nossos corações jamais se poderiam separar. Deve dar-se então uma amarga surpresa para os nossos inimigos, não te parece?

— E estará ainda muito longe esse dia porque tanto anseio, essa hora em que Deus legalizará perante o mundo os nossos juramentos e o nosso amor?

— Não sei, Rosa, mas talvez esteja bem perto. Como sabes, a minha formatura deve efetuar-se no ano próximo, e só então poderei dispor de mim.

— Até lá, contudo, Fernandinho, é necessária toda a prudência nestas visitas noturnas. Pode muito bem suceder qualquer pessoa conhecê-lo, seguir-lhe os passos...

— Nada temas, Rosa; prezo-me de perspicaz e por isso dificilmente me poderão iludir.

— Olhe, esse vestuário que hoje traz é um pouco inconveniente, porque se torna com ele muito conhecido. porque não se disfarça de outra forma?

— Se é essa a tua vontade, amanhã vestir-me-ei de modo que nem tu própria me conhecerias, se me encontrasses. Estás satisfeita?

— Estou.

Houve alguns momentos de silêncio, que Fernando afinal cortou com estas palavras:

— Ah, minha Rosa, quando pensarias tu gozar estas horas de felicidade?

— Efetivamente... às vezes custa-me a acreditar como em tão pouco tempo pude tributar-lhe uma tão grande afeição!

— Nunca tinhas amado ninguém, Rosa?

— Nunca; ignorava até o que era esse sentimento.

— Admira; na aldeia há tantos rapazes...

— É verdade que os há, mas o que é certo é que me foram sempre todos indiferentes.

— Incluindo o António, o meu rival?

— A ele tive amizade, não o nego, mas esse sentimento era em tudo diverso daquele que ora nutro pelo Fernandinho: era uma amizade de irmãos... Ele também de tudo era merecedor...

— E nunca pensaste em que essa amizade de irmãos podia um dia transformar-se em paixão de namorados?

— Oh! isso nunca! Já lhe disse, Fernandinho, que nunca houve da minha parte tais intenções; era amiga dele, é verdade, mais do que de nenhum outro, mas essa amizade jamais poderia transmudar-se em amor!

— E já não lhe és tão afeiçoada?

— Não, não sou.

— E pode saber-se porquê?

— Por sua causa.

— Por minha causa?! Como?

— Depois que me falou tão inconvenientemente do senhor...

— Ah, é verdade, agora me lembro. Pobre rapaz!... Mas, afinal, ele tinha razão. Amava-te perdidamente, tinha até talvez quase a certeza de um dia te possuir, mas num momento viu eu destruir-lhe todas as suas esperanças de felicidade... Coitado! Tenho pena dele. Depois que se convenceu de que me davas a preferência, mudou completamente: é raro vê-lo alegre, foge dos divertimentos em que se entretêm os seus companheiros, e parece até já não viver neste mundo!... Nunca mais lhe falaste?

— Temo-nos visto algumas poucas vezes. Diz-me adeus, sem encarar comigo, e depois lá segue o seu caminho com

a cabeça baixa, parecendo vergar sob o peso de uma dor imensa.

— E não te condóis do seu estado?

— Na verdade às vezes mete-me dó; tenho querido falar-lhe, pedir-lhe perdão do rigor com que o tratei, dissuadi-lo de se entregar a uma dor sem lenitivo, convencê-lo que nascemos para sermos amigos, irmãos até, mas nunca esposos; porém, ele foge de mim e evita qualquer oportunidade de lhe poder falar.

— Ah, Rosa, Rosa, oxalá que a tua complacência para com ele não venha um dia desfazer as douradas esperanças do meu futuro... Essa tua amizade...

— Que loucura, Fernandinho! Pois ainda crê que o deixasse a si por ele?

— Eu creio em tudo, Rosa; vós outras, as mulheres, tendes o coração tão demasiadamente sensível, que...

— Não diga mais, Fernandinho; juro-lhe pelo que há de mais sagrado...

— Não jures, Rosa; o que eu quero é ter a certeza de que nunca me deixarás.

— Amo-o muito para que tal faça!

Continuou ainda a conversa por muito tempo, até que três badaladas, que soaram na torre da igreja, vieram pôr-lhe termo.

— Já três horas. Como o tempo se passou rápido! exclamou Rosa.

E, momentos depois, os dois amantes levantaram-se, estreitaram-se num apertado abraço e oscularam-se ardentemente.

— Como me custa afastar-me de ti, Rosa!... — dizia o rapaz, apertando entre as suas mãos as da sua amante.

— Assim é preciso, Fernandinho...

Trocaram-se ainda os últimos adeuses, e, enquanto Rosa se encaminhava para a sua habitação, Fernando galgara o muro e pusera-se também a caminho.

Momentos depois ergueu-se por detrás do muro que separava a bouça do quintal de Rosa a sombra de um outro

indivíduo que estivera ali oculto e se dirigiu pelo caminho contrário àquele que seguira Fernando.

CAPÍTULO 9

O padre Francisco da Encarnação era um bom e santo homem. Na época em que se passavam os acontecimentos que vamos relacionando, tinha ele cerca de setenta anos. Os cabelos nevados, o rosto sereno e de uma expressão franca e bondosa, e a cabeça já um pouco vergada pelo peso dos anos, tudo lhe dava um aspeto respeitável e insinuante.

Efetivamente era ele a bondade e a beneficência personificadas: não havia pobre nem desvalido por aquelas redondezas que não conhecesse bem de perto os seus benefícios.

Graças aos bens terrenos com que a Providência o dotara, padre Francisco podia exercer com prodigalidade os santos impulsos da sua alma caritativa, porque para tudo lhe davam de sobra os rendimentos dos seus muitos haveres, na sua casa, pois havia diariamente mesa franca para todos os enjeitados da fortuna que ali fossem procurar um pedaço

de pão e uma malga de sopa para saciarem a fome; e, pelo dia adiante, nunca pobre algum fora pedir uma esmola que lha não dessem, nem procurar asilo por uma noite, que lhe não fosse ministrado da melhor vontade.

Depois, não eram só os necessitados que recebiam os seus benefícios, e, para o atestar, lá se viam num rótulo colocado num altar novo, na igreja, sob a invocação da Virgem, os seguintes dizeres: — "Feito a expensas do reverendo padre Francisco da Encarnação, insigne benfeitor deste templo".

Finalmente, o relógio da torre, uma lâmpada de prata do altar do Sacramento, o frontal rico do altar-mor, os melhores paramentos, tudo tinha sido dádiva do bondoso sacerdote.

Ora, todos esses benefícios, as virtudes que o adornavam, e, sobretudo o exemplo de uma vida sem fausto, tinham-lhe granjeado quase o epíteto de santo entre o povo da aldeia.

Não tinha ele parente algum na sua companhia e só convivia com os seus numerosos criados num a grande herdade não muito distante da igreja. De todos era o António o seu mais afeiçoado, aquele em quem depositava

toda a confiança, e ao qual tratava com mais deferência do que nenhum dos outros, tendo-lhe até entregado a administração da sua casa.

Este rapaz, que lhe merecia tanta afeição, trouxera-o ele, da idade de cinco ou seis anos, do hospício dos expostos no Porto, e tal amizade lhe votara, que se dispusera a dar-lhe uma educação esmerada, tencionando até fazê-lo seguir uma carreira muito diferente daquela que viera a ter. A pronunciada tendência do jovem para a vida do campo e a pouca ou nenhuma vontade de se entregar a estudos sérios dissuadiram, porém, o padre do seu primeiro intento, e, sem contrariar-lhe a vocação, ensinara-o contudo a ler e a escrever, instruindo-o, além disso, em tudo o que pudesse vir a ser-lhe útil, de forma que António, apesar da rusticidade da sua profissão, tornou-se um rapaz inteligente e mais ilustrado do que nenhum dos outros seus companheiros, motivo porque também eles o tinham em certa consideração e respeito.

Ora, na época dos amores de Rosa com o filho do Capitão, o padre Francisco notara desde certo tempo o abatimento e tristeza do seu protegido, e, sem poder atinar com a causa

daquela repentina mudança, resolvera sabê-la da própria boca dele, e para isso só esperava ocasião oportuna.

Esse dia chegou enfim, e foi exatamente o oitavo depois da primeira entrevista noturna que os dois amantes tinham tido no quintal de Rosa.

Estava o venerando ancião sentado, segundo o seu costume, junto de uma varanda que dava para o campo, aquecendo a uma nesga de sol os membros que já começavam a regelar-se-lhe e entretendo o espírito com a leitura de um pequeno livro que tinha entre as mãos, quando António, entrando no aposento, veio interrogá-lo sobre objetos de serviço doméstico.

O padre, depois de o ouvir distraidamente, respondeu-lhe com a afabilidade costumada, e o jovem ia já a retirar-se, quando o padre Francisco, parecendo refletir, exclamou:

— Ó António, vem cá.

O modo como foi feito este chamamento pareceu contrariar um pouco o rapaz, o que contudo não o impediu de obedecer imediatamente, vindo de novo postar-se em frente do seu protetor.

— Ora responde-me ao que vou perguntar-te, mas cautela com alguma mentira — continuou o bom do velho com ar grave e parecendo ao mesmo tempo querer penetrar com a vista o fundo do seu coração. De há um pouco de tempo a esta parte tenho notado em ti uma certa melancolia que me tem dado que pensar; do quanto dantes eras alegre e jovial, tornaste-te agora triste, acabrunhado, todo metido em ti, e parece até que desgostoso da vida. Diz-me com franqueza: quais são os motivos dessa tua tristeza?

António, a esta pergunta tão inesperada, sentiu-se embaraçado e apenas balbuciou:

— Eu, Sr. Padre Francisco... não tenho motivo algum para viver desgostoso; provavelmente o senhor engana-se.

— Vamos, António, não faltes à verdade. Acaso tentarás negar uma coisa que eu vejo? O que é que te aflige?

— Pois bem, responder-lhe-ei como deseja: há um motivo poderoso, efetivamente, que me tem roubado a alegria do coração e me traz a alma torturada. O que, porém, lhe peço, Sr. Padre Francisco, é que não procure

saber qual o motivo dos meus males, para não me obrigar a corar de vergonha, se lho confessar. Respeite este meu segredo!...

— Um segredo! — atalhou o sacerdote com algum agastamento. — Pois tu ousas ter segredos para o teu melhor amigo, para o teu pai adotivo, para a tua única família, enfim, que sou eu?... Ah, António, a ingratidão é o pior defeito que podemos ter, e a dedicação e amizade que parecia consagrares-me, creio que degenerou nela...

— Tudo, menos isso, Sr. Padre Francisco — atalhou o jovem com firmeza. — Pode taxar-me de quanto é mau, mas nunca de ingrato, porque nunca o fui nem o serei. Sei o quanto lhe devo, e Isso é o suficiente para nunca apagar da alma o reconhecimento com que apenas poderei pagar os benefícios que tenho recebido do senhor. Conheço perfeitamente a minha triste posição neste mundo: sei que sou um desses desgraçados que, mal viram apontar-lhes a luz da vida, foram arremessados para o monturo das crianças sem amparo e sem proteção e que nunca tiveram sequer o prazer de um beijo daqueles que lhes deram o ser. Fui lançado, logo que nasci, para um hospício de caridade,

a que chamam Roda, onde vivi até ao momento em que uma mão benfazeja, um braço guiado pelos mais nobilíssimos instintos, me arrancou desse montão de abandonados, de mim o que hoje sou; essa mão protetora, esse braço salvador, Sr. Padre Francisco, escusado era dizê-lo, foi o senhor. Cresci e fiz-me homem debaixo destas telhas, bafejado pelas carícias, no princípio, pela sua instrução e conselhos, mais tarde, e, em vista de tudo isto, crê-me tão falto de sentimentos, tão ingrato, que esquecesse algum dia todas essas mercês? Oh, isso nunca! Juro-lho por tudo o que há de mais sagrado. Quanto ao meu segredo, que pode ele interessar-lhe?... Além disso, nada poderia, ainda que quisesse...

— Ora vamos, meu António — atalhou o bom do velho, comovido, — sê mais franco comigo e nada de evasivas, porque eu necessito saber o que é que te aflige. Há pouco taxei-te quase de ingrato, mas conheço que fiz mal, porque sei que não o és, e por isso com mais instância te peço que partilhes comigo as tuas mágoas, e que faças de mim o teu confidente, o teu melhor amigo, como realmente o sou. Nós os homens, nos mais custosos transes da vida, devemos

procurar sempre um conselheiro, um amigo com quem nos abramos francamente, com quem compartilhemos os nossos pesares, e que nos dê a coragem precisa para arrostarmos resignadamente com as contrariedades deste mundo. Os entes que nos podem mitigar essas dores, que nos podem tornar fortes, em primeiro lugar é Deus, pai dos desgraçados, alívio dos atribulados, bálsamo das dores, esperança eterna; e, em segundo, uma pessoa em quem tenhamos uma completa confiança e em quem reconheçamos uma amizade e afeição a toda a prova. Para Aquele, tens tu a fé e as crenças religiosas que te ensinei a respeitar; para este, tens-me tu aqui a mim, teu amigo sincero e o teu protetor, em quem podes e deves depositar toda a confiança. As dores assim partilhadas são menos custosas de suportar, e às vezes na confidência íntima podemos encontrar um bálsamo suavizador para as minorar ou um remédio miraculoso até para as extinguir. Portanto, António, como já te disse, nada de reservas: conta-me tudo sem ocultares a mínima circunstância, e eu te ajudarei a arrostar com todas as desventuras.

— Pois bem — respondeu o rapaz, parecendo convencer-se com as palavras do velho — , vou declarar-lhe tudo. Os meus desgostos, as minhas inquietações, o meu inferno, enfim, partem de um único sentimento — o amor!...

— Ah, eu logo vi: questão de mulheres; nem outra coisa podia deixar de ser. Continua...

— Amei uma mulher tão pura e santamente como amo a Deus; ela também parecia corresponder-me, ou pelo menos cheguei a convencer-me que me tinha amor; este sentimento nasceu em mim ao alvorecer da vida e foi crescendo com os anos... Num só momento, porém, quando todas as esperanças me sorriam, quando já antevia por meio desse amor um horizonte de felicidades, eis que se desfazem todos esses sonhos dourados e me vejo abandonado, repelido, e talvez até aborrecido por aquela a quem votara toda a minha vida. Trocou-me por um outro, a quem se entregou como uma escrava.

— E tens a certeza que ela te não ama?

— Se tenho, meu Deus!... Foi ela própria que mo declarou: disse-me que me queria como a um irmão, mas

que nunca me amara como eu julguei.

— Ora vamos, homem; por agora não vale a pena desesperar, isto de mulheres é para onde lhes dá; pode ainda suceder o ela aborrecer esse outro e amar-te... Mas diz-me: quem é essa rapariga? Será ela merecedora da afeição que tão cegamente lhe tributaste? Será digna de ti?

— Oh, se é! Basta dizer-lhe que é a rapariga mais bela da aldeia: é a Rosa do Adro.

— A Rosa do Adro?! — exclamou o padre, dando um pulo na cadeira. — Estás bem certo de que ela não te ama?

— Já lhe disse, senhor, que lho ouvi da própria boca.

— Pois bem, António: o que tenho a dizer-te é que foi uma felicidade, uma providência até, o ela não te amar, e desde já te aconselho a que procures combater essa paixão que te mina a existência e que apagues para sempre do coração a imagem dessa rapariga.

— Mas não vejo que perigo houvesse nesse amor, se acaso ele existisse...

— Nada mais posso dizer-te do que nunca, nunca poderias tê-la por esposa, ainda que morrêsseis de paixão um pelo outro, porque seria eu o próprio a evitar esse casamento, se tal tentásseis, e se não pudesse, antes disso, fazer desaparecer o amor dos vossos corações.

— Mas que motivo tão poderoso haveria para um tal procedimento da sua parte, senhor?

— Sabê-lo-ás talvez um dia. Por enquanto basta só que te convenças de que Rosa nunca poderia ser tua esposa, e que esse amor entre vós, se existisse, seria uma desgraça para ambos.

— É incrível!... Que insondável mistério haverá em tudo isso?

— Nada mais posso acrescentar. Estima-a quanto quiseres, mas esquece-te dessa paixão, e, se um dia, por fatalidade, ela te vier a amar, repele esse sentimento com todas as forças da tua alma.

— Mistério, tudo mistério!... — exclamou o rapaz, que ficou por alguns momentos pensativo. — E ser-me-á ao

menos lícito vigiar pela sua segurança, pela sua honra? — interrogou ele, afinal.

— Ninguém te pode negar esse direito; é até talvez um dever teu...

— Pois bem, ao menos restar-me-á essa consolação. Parece-me até que já a não amo, e que o meu único desejo é vê-la feliz... Desgraçado dele, se tentasse!...

— É verdade: mas quem é esse outro, a quem ela ama?

— É o Sr. Fernando, o filho do Capitão, que há pouco chegou.

— Ah, sim?!... Oh, mas ele parece ser um bom jovem e não creio que seja capaz de causar a desgraça da pobre rapariga.

— Pode ser que assim suceda, mas tenho motivos para desconfiar das suas intenções.

— Pois faz o que entenderes. Mas prudência... Sobretudo lembra-te sempre do que há pouco te disse: Rosa nunca poderia ser tua mulher!

— Tenho plena confiança no Sr. padre Francisco e por isso creio no que me diz. Ordena mais alguma coisa?

— Mais nada, António. Vai com Deus.

O jovem saiu da sala, desceu à quinta e, caminhando ao acaso, começou a barafustar sobre o que acabava de suceder.

— Mas que motivo — dizia ele de si para consigo, caminhando vagarosamente e com a cabeça baixa — que motivo tão imperioso haveria que pudesse impossibilitar o meu casamento com Rosa, se por acaso nos amássemos?!... Ela é virtuosa, prendada, boa mulher de casa, possui todas as qualidades para ser boa esposa e boa mãe... Há efetivamente aqui um grande mistério. E qual é ele? Ignoro-o... Mas o Padre Francisco é incapaz de mentir, e se não houvesse uma barreira entre mim e Rosa, se não existisse uma completa impossibilidade, ele decerto não se oporia nunca a uma união que me poderia tornar verdadeiramente feliz. Além disso, ele quer-me como o mais extremoso pai quer a um filho; tem-me uma verdadeira amizade, e por isso mesmo havia de evitar o ver-me consumido e ralado toda a vida... Que tenho, pois, a

fazer?... Não sei. E não havia eu ainda perdido todas as esperanças de ela um dia me pertencer... porque, afinal, quem sabe os insondáveis segredos do destino? Podia muito facilmente suceder Fernando aborrecer-se dela, indisporem-se por qualquer motivo, e, conhecendo Rosa a pureza dos meus sentimentos, aceitar a minha vida, o meu futuro, e ser enfim minha mulher. Oh! só esta lembrança me faz enlouquecer!... Enfim é forçoso tomar uma resolução: ou esquecer-me dela para sempre, ou continuar a amá-la secretamente, vigiando todos os seus passos, como tenho feito, preservando-a dos perigos a que está exposta, cuidar dela enfim, como se fosse minha própria irmã, e esperar!... Oh! mas, se a nossa união é impossível, que tenho eu a esperar e que me importam a sua segurança e os perigos que possam ameaçá-la'?... Pois bem: esquecê-la-ei, assim é preciso. A Providência que vele pela sua felicidade, que a proteja, enquanto eu me deixarei morrer com o desespero no coração... Mas, meu Deus, terei eu forças para assim a banir do meu pensamento, para apagar da minha alma a sua imagem querida?... Ah! não, não, é horrível, não poderei tanto... Os impulsos do coração são livres, e, portanto, continuarei a amá-la sem que ela ao

menos o suspeite, e vigiando-a a todas as horas, a todos os momentos, como se tivesse de ser um dia ainda minha esposa. Será uma esperança vaga, irrealizável até, mas que importa? Viverei ao menos de esperanças e isso suavizar-me-á os dissabores desta vida amargurada; e, se um dia o acaso nos tornasse a juntar, se ela quisesse ser minha para sempre, apesar do que diz o padre Francisco, eu transporia todas as barreiras que se opusessem à nossa felicidade, faria todos os sacrifícios, e ela havia de ser minha por força!... Pois que motivos tão poderosos poderá haver para impedir o nosso casamento? E quem sabe se as insinuações do padre Francisco não serão mais do que um pretexto para me fazer despersuadir deste amor que me cava a sepultura? Seja como for, suceda o que suceder, a minha resolução está tomada. Enquanto não vir apagar-se-me a última centelha desta esperança, amá-la-ei, e o tempo esclarecerá o mistério, se existe, em que o padre Francisco parece envolver-nos a ambos.

Embebido neste mar de reflexões, o atribulado jovem caminhava com passos vagarosos e a cabeça pendida para o peito, indiferente a tudo o que o cercava, e tão

preocupado ia, que nem sequer reparava ter saído por uma das portas da quinta, que estava aberta, e ir agora caminhando pela aldeia, tornando-se, sem o julgar, o reparo de algumas mulheres, que, sentadas na soleira da porta de uma das habitações, faziam uns esquisitos esgares na sua passagem, segredando entre si algumas palavras que lhe diziam respeito.

— Coitado! — exclamou uma das mulheres, quando viu o pobre rapaz Á distância de não poder ouvi-las. — Quem te viu e quem te vê! A bizarria dos rapazes cá da terra tornou-se naquilo que acolá vai. Quem o havia de dizer?!...

— É verdade, ti Ana — respondeu uma outra ; — aquilo foi coisa que fizeram ao pobre do mocinho; ele nunca assim foi.

— Olhe, tia Joana — prosseguiu a primeira que tomara a palavra, — altos juízos de Deus! A mim é que ninguém me tira da cabeça que aquilo foi coisa de feitiço que lhe fizeram: por aí alguma alma danada, a quem o rapaz não quis dar trela...

— Vocês ainda são de bom tempo! — interrompeu uma outra mulher. — Pois, na verdade, ainda querem crer que haja bruxas ou feitiços? Eu por mim é que não. Deus Nosso Senhor não dá esses poderes a ninguém. O rapaz não anda enfeitiçado, não; o que aquilo é sei-o eu...

— Ó tia Zefa — retorquiu a terceira que falara — , pois não acreditará que há gente a quem o Demo dá poder para fazer mal?... É a primeira que ouço! Ora diga-me: lembra-se do caso do Zé Mirão lá de baixo da Lagoa?... Viu como ele era um jovem fero e alentado, e como morreu sequinho como umas tristes palhas?... E vosmecê sabe verdadeiramente do que ele morreu?

— Ora do que havia de ser? — respondeu Josefa. — Da doença que Deus Nosso Senhor lhe deu, ora aí está...

— Pois está muito enganadinha a esse respeito — atalhou a crédula Antónia. — O Zé Mirão morreu mas foi de uma grande feitiçaria que lhe fizeram. E sabe porque digo isto? É porque, depois da sua morte, fomos encontrar sobre o telhado da sua casa um boneco de pano, todo cheio de alfinetes, e com um maior, salvo seja, espetado no coração;

e o pobre mocinho do mais que se queixava era de pontadas por todo o corpo, principalmente no coração.

— Lá isso é verdade — acrescentou Joaquina — ; o Zé Mirão não se queixava de outra coisa senão de pontadas pelo corpo. E ainda outro caso: a Teresa do Tomé, se não fosse o darem-lhe no quintal com aquela panela velha cheia de sapos com os olhos cosidos, onde estaria ela a estas horas?

— E o Joaquim? — aventurou outra mulher que até aí se conservara calada. Aquela maçã que lhe deram num serão? Tinham de ver como ela estava, passados três dias! Ah! mas eu também fui finória... O rapaz trouxe aquilo uma noite, de volta de um serão, e o demo da maçã estava mesmo a apetecer ferrarem-se-lhe os dentes: era vermelhinha e sã que metia cobiça...

Eu, porém, desconfiei do negócio e disse ao meu Joaquim que não a comesse e que ma desse. Meti-a num a gaveta e, passados três dias, vou vê-la e encontro-a negra e com uma guedelha que metia medo. Disse eu depois para o meu rapaz: — "Olha do que tu te livraste! Nunca mais tornes a

comer coisa alguma de mão de mulheres!". Aquela cá me ficou.

— Disso há muitos exemplos, tia Maria — disse Antónia —; o que me admira é a tia Zefa não acreditar nestas coisas; pois, por mais que digam, a mim ninguém me tira da cabeça que o António, que há pouco por aí passou, anda embruxado; foi coisa que lhe deram em comida ou bebida...

— Nada, nada — exclamou Josefa — , está enganada: o que é bem o sei eu. Querem saber porque o rapaz anda naquele estado? É porque foi ar mau que lhe empeceu à hora da Santíssima Trindade, ou alma penada que se lhe recolheu nele, ora aí têm. Já noutro dia quis levá-lo a casa da Teresa benzedeira para o defumar e ler-lhe os exorcismas, mas, quando em tal lhe falei, pensei dele me excomungar. Todos os endemoninhados são assim: quando se lhes fala em tirar o Demo do corpo, dão por paus e por pedras. Foi isto o que depressa me fez crer o ter ele espírito mau; e, para além disso, não acreditem em bruxedos nem feitiçarias, porque isso nunca existiu.

— Enfim, será isso, será — exclamaram algumas mulheres.

— Ora aí está — exclamou Antónia — , pois eu nessas coisas é que não acredito: quem morre, morre, e não volta cá; enquanto a espíritos, isso são baleias de cachopos.

— Ó tia Antónia — retorquiu Josefa — , pois vossemecê na verdade não acredita em ares maus e almas do outro mundo?! Abrenúncio!... Pois que era aquilo que tinha a Francisca da Azenha aqui há tempos? Aqueles flatos e estrebuchos que lhe davam, que não havia homem capaz de a segurar?... Foi eu mesma que a levei a casa da Teresa benzedeira, e quer saber o que lá se passou? A Francisca da Azenha, logo que se sentou e que a Teresa lhe começou a ler os exorcismos e a defumá-la com incenso e alecrim, e lhe deitou um cordão de São Francisco ao pescoço, ficou como morta. Depois, quando acabou a benzedela e ela tornou a si, foi-se ver o que havia numa moeda de três vinténs que estivera num prato de barro, cheio de cinza, vinagre e não sei que mais, aos pés da Francisca, e viu-se estampada nos três vinténs, do outro lado das cruzes, a figura de um cão com pés, rabo, cabeça e tudo!... Foi então que a Teresa benzedeira disse que o Diabo tinha aparecido àquela alma na figura de um cão, e a Francisca acrescentou

depois que, numa noite, quando saíra a comprar não sei o quê à loja do sacristão, vira saltar de cima de uma parede um cão preto e muito grande, que depois foi muito tempo diante dela a saltar!... Ora, em vista destes exemplos, digam que o Demo não tenta as almas...

— Tudo pode ser — atalhou uma das mulheres — ,mas eu também tenho cá as minhas dúvidas: outro dia estive a falar com um dos rapazes do padre Francisco e ele disse-me que o António saía todas as noites, sem ninguém saber, por volta das onze e meia e que não voltava senão quase de madrugada. Uma noite, disse-me ele, quis ir ver para onde ele ia, seguiu-o por algum tempo, mas, de repente, num a encruzilhada desapareceu e nunca mais lhe pôs a vista em cima; quando depois voltava para casa, diz que vira passar a correr por ao pé dele uma coisa negra muito grande, que lhe parecera um burro novo. Ora quem me diz a mim que era o pobre do António, que andará a correr fado e sai todas as noites para se transformar em lobisomem?

— Se assim é, seria uma obra de caridade quebrar-lhe esse fado: era espreitar uma noite onde ele largava a roupa, levar-lha e metê-la dentro de um forno, atrancar

bem as portas da casa para ele não as arrombar e esperarem-no num a encruzilhada três ou quatro rapazes resolutos e fazerem-lhe sangue em qualquer parte do corpo: assim quebrar-lhe-iam o fado, e o mocinho ficaria bom.

— Pois, se assim é — exclamou uma das mulheres — , o pobre do homem bem pode correr o fado à vontade, porque não haverá ninguém que se atreva a quebrar-lho; dizem que isso é coisa muito arriscada.

— Lá isso é — atalhou a tia Antónia — mas cá para mim é ponto de fé que o rapaz o que tem é ar mau ou alma penada.

— E eu — disse Josefa — ninguém me tira da cabeça que foi feitiçaria que lhe fizeram.

A conversa continuou nestes termos durante algum tempo, emaranhando-se cada vez mais as diversas opiniões das faladoras, querendo umas que o rapaz padecesse de ar mau ou de alma penada, teimando outras que fosse feitiçaria, e opinando algumas também que o jovem andasse a correr o fado.

Durante, porém, esta renhida discussão, uma única mulher, mais adiantada em anos que todas as outras, e que se conservara muda e impassível durante a conversa, parecendo dar mais atenção ao fiado que lhe corria nos dedos do que ao que se dizia, começava agora a mostrar nos lábios descorados um sorriso frio e malicioso, ao ver a azáfama com que cada uma das suas companheiras tentava fazer prevalecer a sua opinião em assunto de tanta transcendência.

— Vocês são todas uma súcia de tolas! — exclamou ela afinal, tomando pela sua vez a palavra. — Estão para aí a aldrabar coisas de que o pobre homem está tão livre, como eu de ser freira! Nada do que têm para aí alevantado é verdade, e querem agora saber do que o António padece, o que o rala e mortifica a cada instante é uma grande paixão que ele traz cosida em si, ora aí têm.

— Paixão?... — exclamaram algumas das mulheres com ar de incredulidade.

— Mas por quem é, e porquê? — perguntou uma delas.

— Ora por quem e porque há de ser?... Por causa da Rosa do Adro, que o enjeitou pelo filho do Capitão.

— Ó tia Brígida — perguntou Josefa — , pois isso é verdade?

— Tão verdade como eu estar agora a falar com vocês.

— Mas o rapaz — atalhou Antónia — o que mostra nisso é ser um toleirão. Pois não haverá mais mulheres por esse mundo?

— É verdade, é — respondeu a velha Brízida — , mas que querem? São tolices a que a mocidade anda sujeita: o rapaz gostava dela já de há muito e julgava-a bem segura; vai senão quando aparece um figurão bem parecido, e, num momento, zás! rouba-lha sem mais satisfações. Ora isto, na verdade, é para dar cavaco, mas não tanto que faça andar um homem por aí a cair da boca à morte. Enfim, o António sabe os motivos que tem para andar assim; cá pela minha parte só digo que ele é um grande tolo.

— Mas, ó tia Brígida, o filho do Capitão também já a não deixou?

— Há mais de oito dias, creio eu.

— Então o rapaz podia agora tornar a pegar o namoro, uma vez que lhe tem tanta afeição...

— Vontade tinha ele, me parece, mas ela é que creio não estar pelos autos.

— Olha o demo da lambisgoia! Já viram? — exclamou Josefa. — Aquilo também só para fidalgos é que serve; os rapazes da lavoura já lhe não fazem conta. Some-te, diabo!

— Está bem aviada! — atalhou Antónia. — Olhem o filho do Capitão a trela que lhe deu!... O que ele queria era divertir-se e mais nada; e o mais bonito da coisa é que a rapariga estava tão convencida que o morgado casava com ela, que nem cavaco dava às amigas.

— Coitada! — acrescentou Josefa. — Andava tão inchada que nem que trouxesse o rei na barriga... Mas também foi bem feito: agora que torne a falar para ricaços, se não lhe aproveitou a lição...

— Para filho meu é que não a queria nem pintada! — exclamou a tia Maria. — Aquilo só serve para comer e estar no poleiro; não é mulher para ajudar o homem.

— Ó tia Maria, gostava ainda de a ver casada com um homem que a fizesse andar no campo com uma enxada, como nós andamos; queria ver aquelas mãozinhas de cera calejadas e crestadas como trazemos as nossas.

— Ah! Livre-a Deus de semelhante coisa: o enguiço da rapariga dava à costa dentro em pouco; era até capaz de se enforcar no galho de uma árvore, se a tal a obrigassem.

— Estais enganadas — acrescentou Brizida. — Antes disso havia de engrodar o homem com as suas retóricas, a ponto de ele lhe não mandar fazer coisa alguma; aquilo tem uma lamúria e fala que nem o padre-cura nas práticas dos domingos.

— Deixá-la lá... Tolo será quem pretender uma semelhante delambida.

— A gente a falar no diabo e ele à porta, diz o ditado: ela aí vem! — exclamou repentinamente Josefa.

Todos os rostos se voltaram a esta exclamação, e a conversa interrompeu-se como por encanto.

Efetivamente, a Rosa do Adro encaminhava-se para o sítio onde estava o grupo das maldizentes, e estas, à sua

aproximação, compuseram nos rostos uns sorrisos hipócritas e continuaram a falar, mas em assunto completamente diverso daquele que há pouco tratavam.

Rosa, passados minutos, chegava próximo das mulheres, e com o riso nos lábios exclamou:

— Boas-tardes, tia Brízida e companhia.

— Venha na graça do Senhor — responderam as mulheres. — A estas horas por aqui, é milagre — acrescentou uma delas.

— Vou a casa do regedor levar à filha esta jaleca e esta saia que lhe fiz.

— Ah, sim! — exclamou Antónia. — Então é para estrear já no domingo no arraial do mártire São Sebastião.

— Creio que sim — respondeu Rosa.

— Aquela também, por mais que se asseie, não é capaz de fazer-se bonita como o quer ser — disse Joaquina. — Se não fossem os bens que o pai lhe há de deixar, parece-me que toda a vida ficaria solteira. Se ela fosse cá como a Rosa, isso sim…

— Sim, se fosse como eu — respondeu Rosa, sorrindo-se — ora o disparate! Nem que eu não fosse uma mulher como as outras.

— Bem sabemos isso; mas é que tu ao menos podes gabar-te de não teres quem te deite água às mãos em boniteza; quanto a ela, Senhor me ajude...

— Ora deixem-se disso! Querem agora divertir-se à minha custa?

— Estás uma brejeira... É verdade: e o filho do Capitão? — perguntou-lhe Antónia.

— Eu sei lá do filho do Capitão! Ora essa... — respondeu Rosa, corando, mau grado seu.

— Então sempre foi verdade vocês largarem o namoro?

— Namoro!... Foi coisa que nunca existiu entre nós — continuou ela, cada vez mais embaraçada.

— Bem sei: vocês andavam já tão agarradinhos que não lhes digo nada.

— Era o que julgavam, mas enganaram-se: aquilo era só para passar o tempo.

— Pois olha: até já se falava em casamento — disse Brízida com um certo ar de ironia.

— Pois eu é que nunca em tal pensei. Se fosse tão rica como ele, então poderia ser...

— Não é tanto assim! Tu é verdade que não és rica, mas também não és para enjeitar: se ele casasse contigo, poderia também gabar-se de levar a flor da aldeia, e, além disso, uma rapariga prendada e boa mulher de casa.

— E a teimarem! Caçoem, caçoem à vontade.

— Não é caçoar; é dizer a verdade. Mas então sempre foi certo acabarem de vez?

— Vai para oito dias que não falamos, e nem temos tenção disso.

— Sim! E porque se assanharam?

— Por nada... Ele entendeu que merecia coisa melhor, e eu conheci que não merecia coisa tão boa.

— Sabes tu? Eu, se fosse a ti, começava outra vez a conversar com o António do Padre; o rapaz, coitado!, depois que o deixaste, anda aí que mete pena.

— Que lhe hei de fazer? A culpa não é minha: não faltam por aí raparigas que o mereçam.

— Mas vocês, ao que parece, já havia muito que se namoravam...

— Namorar, não; eu própria lhe disse e direi sempre que fui e sou ainda amiga dele, mas nada mais.

— Tu também és muito embirrenta! Olha que o António é bom rapaz, e por morte do padre...

— Sei que é bom rapaz, não o nego; mas a gente, a casar-se, deve ser com um homem a quem tenha amor. Sempre assim pensei.

— Lá isso é verdade: isto de casar não é negócio de brincadeira; basta dizer que é a gente amarrar-se por toda a vida, e portanto dou-te razão.

O diálogo terminou aqui. Rosa despediu-se das palradoras e retirou-se.

Aquelas servas do Senhor, que antes da sua chegada tão pouco lisonjeiramente falavam da rapariga e que na sua presença lhe teciam milhares de lisonjas, lá ficaram,

continuando na sua boa obra de criticar quanta gente conheciam, não deixando sem longos comentários o procedimento de Rosa e as palavras que tinham há pouco proferido na conversa. Boas e santas almas aquelas!

CAPÍTULO 10

Iam decorridos trinta e tantos dias depois dos sucessos que deixamos descritos.

Os dois jovens continuavam a amar-se com todas as loucuras e enlevos de uma paixão sempre crescente, e as entrevistas noturnas que nem uma só vez se interromperam, contribuíram em grande parte para o desenvolvimento desse amor que refervia de hora para hora naqueles dois corações anelantes de felicidade e de vivas sensações.

Na aldeia já se não falava nesses amores, porque de há muito ninguém vira mais Fernando falar com a bela rapariga, e esta, pela sua parte, empregava todos os meios para fazer acreditar que tais relações tinham acabado. O que ainda alguém notava era o recato e recolhimento em que a bela aldeã vivia, desprezando sempre quaisquer convites que lhe faziam para ir a este ou àquele

divertimento, mas todos atribuíam isso ao seu génio altivo e vaidoso.

Eram, pois, completamente ignoradas na aldeia as relações de Fernando com a Rosa do Adro, e só uma pessoa sabia delas, mas essa guardava o maior segredo e discrição a tal respeito.

Essa pessoa era o jovem do padre, que, firme no seu propósito, seguia passo a passo todas as minudências e peripécias dessas relações.

Todas as noites saía de casa do seu amo sem ser visto, ia colocar-se, à hora determinada, umas vezes atrás de uma parede, outras oculto pela sombra das árvores do caminho que conduzia ao pinhal que ficava na retaguarda da habitação de Rosa, e aí esperava a passagem de Fernando. Seguia-o depois a uma certa distância com todas as precauções para não ser pressentido, e, chegado ali, ia ocultar-se por detrás do muro que estava próximo do local em que os dois amantes costumavam ter as suas entrevistas, não perdendo a mais insignificante palavra da conversa que havia entre eles. Terminada a entrevista,

António regressava a casa e entrava com as mesmas cautelas com que saíra.

Ignoravam, pois, completamente, os dois amantes a presença desta testemunha ou desta sombra que por toda a parte os seguia, e por isso entregavam-se sem o menor receio aos transportes do amor que os abrasava, não se havendo nunca dado entre eles o mais pequeno dissabor, o que contribuía para o recrescimento da afeição e da familiaridade que costuma adquirir-se no decorrer de semelhantes relações.

Uma noite, porém, a fatalidade ou o demónio da tentação veio abrir um novo período a essas afeições.

A noite estava medonhamente tempestuosa.

A chuva, desde o entardecer, caía em grossas torrentes; o vento, forte e destruidor, assobiava sinistramente por entre a ramagem das árvores e na sua carreira impetuosíssima parecia abalar as próprias entranhas da terra; a trovoada estalava no espaço com horrível estrépito, e os relâmpagos incessantes descreviam uns discos luminosos no fundo negro do firmamento.

Era uma dessas cenas sublimes de terror que só se presenciam bem nos lugares distantes das cidades e que impressionam os espíritos mais fortes e intrépidos!

Sem embargo dessa completa revolução dos elementos, Fernando saíra de casa às horas costumadas e encaminhara-se para a habitação de Rosa.

Chegado ali, soltou o sinal aprazado, e, passados momentos, a jovem cuidadosamente embuçada, acercou-se de Fernando, transida de medo pelo aspeto da noite.

— Que imprudência, Fernandinho! — exclamou ela com voz trémula. — Pois atreveu-se a vir com semelhante tempo?!

— Cala-te, minha querida — respondeu o rapaz, beijando-a na face-, quando se ama como eu te amo, não há perigos nem dificuldades que se não vençam.

— Mas, meu Deus! com este tempo é impossível permanecermos aqui.

— Bem o sei, Rosa; mas eu vim apenas para te ver e dar-te um beijo. Agora que satisfiz essa pequenina ambição, retiro-me.

— Mas eu não queria que se fosse já embora! Desejava tê-lo mais um pouco ao pé de mim.

— É impossível! Não vês que já estás toda molhada e que isso pode fazer-te mal?

— Não tem dúvida: eu mudarei de roupa; não se retire já.

Ao pronunciar estas palavras, um trovão, mais forte que todos os outros, estalou com horrível estampido, e uma faísca elétrica, que imediatamente lhe sobreveio, caiu a pouca distância dos dois amantes. partindo os galhos de uma árvore.

— Jesus! — exclamou Rosa, aterrorizada e segurando-se nervosamente aos braços de Fernando.

— Sossega, não foi nada — respondeu este, tentando tranquilizá-la — já vês que é impossível continuarmos a estar aqui por mais tempo; a chuva cada vez engrossa mais, a trovoada parece começar agora, e, portanto, vai para casa e amanhã voltarei. Adeus.

— Então adeus — respondeu a rapariga, reclinando tristemente a cabeça sobre o ombro de Fernando e

beijando-lhe as mãos.

— Vamos, vamos — continuou ele, tentando desenvencilhar-se dos braços de Rosa.

— Olhe, Fernandinho — exclamou ela subitamente — , eu não queria que se retirasse já, e aqui é impossível permanecermos. Pois bem: há um lugar em que poderemos estar abrigados do temporal.

— Então onde?

— Acolá, no meu quarto.

— No teu quarto?!

— Sim, sim, venha depressa — e, tomando um dos braços do rapaz, obrigou-o a segui-la, sem mesmo lhe dar tempo a proferir a mínima palavra.

Chegados, porém, à porta da habitação, Rosa parou subitamente, como se lhe tivesse atravessado a mente uma ideia qualquer, e com a voz comovida exclamou:

— Fernandinho, antes de entrar neste aposento, queria fazer-lhe um pedido. O amor arrasta-nos muitas vezes à perdição pela leviandade com que quase sempre

procedemos; calculo só agora o perigo a que me exponho... Apelo, porém, para o seu amor e para a bondade da sua alma. Jura guardar-me o respeito que me tem guardado até aqui e que não tentará abusar da fraqueza da mulher que o ama tanto?

— Olha, minha Rosa — respondeu Fernando — , vou falar-te com a franqueza que sempre conheceste em mim. O amor é um sentimento tão cegamente poderoso, que muitas vezes não podemos fugir aos seus efeitos nem enfrear a sangue-frio os seus impulsos e tentações. Eu, no entanto, farei todo o possível para fugir à sua fascinação; suceda, porém, o que suceder, eu já te jurei que serás a minha única esposa, e este juramento, que jamais trairei pôr-te-á a coberto de quaisquer eventualidades.

— Mas jura-me...

— Disse o que tinha a dizer-te. Nada mais acrescento.

— Meu Deus...

— Olha, Rosa! É melhor terminarmos com estes escrúpulos, que eu respeito: tu entras já no teu quarto, e eu

vou para a minha casa; assim estarão sanados todos os receios. Adeus.

E Fernando fez menção de retirar-se. Rosa, porém, debulhada em lágrimas e receosa de que ele se retirasse agastado pelas suas exigências, lançou-lhe os braços em volta do pescoço e exclamou:

— Não se retire; venha. Entrego-me à sua bondade, e que a Providência vele por mim.

Entraram ambos no quarto de Rosa, naquele templo de virgindade e inocência que nem a sombra, sequer, de um homem havia até ali profanado.

Por uma estranha coincidência, a única luz que ali havia, e que estava num a pequena lâmpada que todas as noites ardia junto de um quadro com a imagem da Virgem Santa, apagou-se à entrada dos dois, ou por falta da matéria que a alimentava, ou por causa de alguma corrente de ar que se introduzisse ao abrir-se a porta, ficando assim aquele recinto envolto nas mais densas trevas.

A porta tornou a fechar-se; um ruído impercetível denotou o desandar da chave na fechadura. Nada mais se ouviu.

Instantes depois, um homem saiu do meio das sombras, correndo impetuosamente para a porta que se fechara. Via-se-lhe o vestuário em desalinho, a cabeça descoberta e os cabelos à mercê do vento, parecendo mais um espectro horrendo saído das entranhas da terra do que um ser humano.

Esse homem, que não era outro senão António, ao aproximar-se da porta, fez menção de se arremessar desesperadamente sobre ela, mas de repente conteve-se e encostou-se, como extenuado, à ombreira de pedra, aplicando o ouvido ao orifício da fechadura.

Permaneceu naquela posição por espaço de meia hora, sem fazer o mais pequeno movimento nem dar o mínimo acordo de si, semelhando-se a um corpo unido ali por cadeias de aço que lhe impedissem os movimentos.

O clarão avermelhado de um relâmpago veio subitamente iluminar-lhe o rosto.

Estava lívido como um cadáver, e as faces contorciam-se-lhe a cada instante em convulsões medonhas.

De súbito, aquele corpo, que parecia jazer inanimado, estremeceu todo, afastou-se alguns passos, levantou os braços, e com os punhos cerrados arrojou-se para a porta com a raiva e a sanha de um leão enfurecido, exclamando com a voz abafada pela cólera:

— Miserável!... Vais pagar com a vida a tua infâmia! Será vingar um crime com outro!

Mas, ainda pela segunda vez, ao aproximar-se da porta, estacou, como se um poder oculto detivesse os seus movimentos. Os braços descaíram-lhe com desalento, e ele próprio pareceu forçado a sentar-se para não desfalecer então. Deixando pender a cabeça, deu livre curso às lágrimas que lhe inundavam as faces.

— Está tudo terminado — murmurava ele. — Que me resta agora? Fazê-lo cumprir os seus juramentos?... E será ele capaz de os satisfazer?... Oh, não, decerto!... Um homem que assim procede, um homem que tão desumanamente abusa do amor e da fraqueza de uma mulher é um cobarde, é um infame, incapaz de cometer uma ação boa, de cumprir uma promessa, um dever até que lhe impõe a sua honra e a sua dignidade!... Eu já previa

tudo isto, mas aquela desgraçada não me quis dar ouvidos, e afinal o resultado será a desgraça e a vergonha!... Pobre Rosa! E eu que não fui capaz de a arrancar do perigo que lhe estava iminente! Mas também de que valiam os meus conselhos e os meus rogos, se ela a nada atendia? Pois bem! Se não te pude valer neste momento, poderei ao menos vingar-te! Tenho comigo uma arma. Quando ele vier a sair da porta, matá-lo-ei... Mas não: este lugar é impróprio; a detonação do tiro pode alvoraçar a vizinhança, surpreenderem-me na fuga, prenderem-me e então estarei perdido irremediavelmente. Nada! É necessário proceder de modo mais seguro. Ignorando-se que fui eu o autor do crime, Rosa, depois da morte desse homem, poderá ainda ser minha mulher. Eu amo-a tanto, que, apesar desse desgraçado sucesso que acaba de se dar, ainda me daria por feliz em tê-la por esposa. E poderia o mundo censurar-me um tal procedimento?... Decerto que não, porque tudo ignora; é um segredo de que por agora sou o único depositário, e para além disso livrava-a da vergonha e do desprezo daqueles que a conhecem. É bem extraordinário este amor!... Está, pois, tudo decidido. Fernando deve morrer hoje mesmo! Vou esperá-lo à encruzilhada do fim da

bouça... É um sítio a propósito... A noite está escura, não anda viva alma por esses caminhos e poderei sem perigo saciar a minha vingança! Ah! Sr. Fernando, vai ver como se castigam os crimes como o que acabou de praticar...

E, ao concluir estas reflexões, afastou-se da habitação, saltou o muro do quintal e encaminhou-se para o local que tinha escolhido.

À medida, porém, que ia andando, a serenidade de espírito vinha pouco a pouco substituir a exaltação em que estava, e em poucos momentos a reflexão e a clareza das ideias aplacaram-lhe as iras e o despeito em que se atormentava.

— Afinal — continuou ele, reflexionando ao passo que se dirigia para o sítio premeditado — que proveito útil posso eu tirar deste atentado?... Se Fernando morrer às minhas mãos, Rosa, que tanto o ama, é capaz de crer que fui eu o autor da sua morte, e, além do ódio que depois nutrirá por mim, denunciar-me-á até. Se, ao contrário, não julgar que fui eu que o matei, o desespero poderá levá-la ao suicídio e depois serei eu não o causador de uma morte, mas de duas. Nada! Pensei mal. Que viva: se cumprir os seus juramentos, regozijar-me-ei com isso; se se der o contrário, então

teremos irremediavelmente de ajustar contas. Deixemos, pois, obrar por enquanto o destino.

Estes últimos pensamentos fizeram-no desistir afinal das suas primeiras tentações, e por isso dirigiu-se para casa com o coração gotejando fel.

CAPÍTULO 11

Estava quase terminado o tempo das férias escolares, e chegara o dia em que o jovem estudante devia regressar ao Porto a fim de concluir a sua formatura.

Era, pois obrigado a deixar por alguns meses o lar doméstico, aquelas campinas, e sobretudo Rosa, a quem prometera a sua mão.

Devia ser bem triste aquela despedida!

E Rosa? Que sucessos se deram durante o tempo que mediou entre a horrível noite de tempestade e a hora do apartamento? perguntar-me-ia decerto o leitor. Eu lhe conto.

Rosa, aquela encantadora rapariga, de olhar vivo e penetrante, de faces rosadas, e cujos lábios, sempre entreabertos por um sorriso provocador, pareciam a cada passo dizer quanta felicidade lhe ia na alma, já não era a mesma de outrora!

Dir-se-ia, ao vê-la agora, que um pesar bem profundo lhe anuviara para sempre a existência, e que, com a cor de rosa que se lhe esmaiara nas faces, tinha também fugido a alegria do coração.

A travessa costureira vivia agora como escondida das vistas do mundo.

Do rosto fugira-lhe aquele ar de satisfação, assim como o carminado da cútis; os olhos, outrora brilhantes, tornaram-se de uma languidez e insensibilidade espantosa, e os lábios nacarados, que pareciam a cada instante pedir beijos, estavam agora secos e desbotados como as pétalas de uma rosa crestada pelo sol; finalmente, aqueles louros cabelos, que ela caprichava em trazer sempre nédios e penteados, viam-se em desalinho e eriçados pela falta de cuidado. No próprio vestuário se notava um certo desleixo que nunca se lhe vira; já se não adornava com os vestidos e corpetes garridos e alegres, que dantes desafiavam a atenção das outras raparigas, e uma saia escura e um lenço da mesma cor vieram substituir aqueles antigos enfeites que tanto faziam sobressair a sua beleza.

Ainda assim, Rosa era sempre encantadora, mais encantadora talvez do que nunca! Aquela tristeza que lhe ensombrava de contínuo as faces, a palidez do rosto e aquele olhar amortecido, mas de uma ternura angélica, davam-lhe um aspeto mais poético e enternecedor.

Além disso, o louro anjo das selvas já não desafiava com a sua voz os alegres cantares das aves, nem jovem algum da aldeia lhe tornara a ouvir aquelas respostas picantes, mas engraçadas.

Lá continuava a estar, como dantes, à janela, com o rosto reclinado sobre o trabalho, mas a vidraça permanecia sempre descida, como se dessa forma quisesse furtar-se às vistas importunas dos curiosos e esconder as lágrimas que a cada passo lhe caíam em fio no regaço.

Quais seriam, pois, os motivos de uma tal mudança, daquelas lágrimas e daquele abatimento físico e moral?

Ninguém o sabia. Tanto a avó de Rosa como todas as outras pessoas da aldeia, que não deixaram de ver sem espanto aquela repentina mudança, atribuíam tudo a um qualquer padecimento, mesmo porque a rapariga, quando lhe

dirigiam alguma pergunta a tal respeito, respondia sempre com evasivas ou então dizia sentir-se doente sem saber a origem do mal.

O amor que consagrava a Fernando esse é que não se lhe extinguira do coração; antes pelo contrário parecia ter dobrado de ardor e violência. Já não era só amor; era uma paixão que tocava os extremos da loucura!

E Fernando? Esse também mudara bastante, mas que mudança!

Parecia ter esfriado nele bastante o amor que tanto o abrasava a princípio. Pelo menos, desde um certo tempo as entrevistas com Rosa tinham rareado bastante; tratava-a com menos carinho, e muitas vezes parecia até cansar-se com as mais pequenas exigências da pobre rapariga, olhando para as suas lágrimas com uma indiferença e frieza estranháveis A que se podia também atribuir esse esvaimento de um amor que se dizia tão ardente e inextinguível?

Seria a decadência da formosura da jovem, aquele desleixo no vestuário, o desapego, enfim, de tudo o que pudesse

fazer sobressair a sua beleza?

Fosse qual fosse o motivo, o que é certo é que Fernando já a não amava com aquele ardor de outrora e parecia até começar a sentir por ela um tédio que dentro em pouco redundaria provavelmente em profundo aborrecimento.

A desgraçada jovem não era indiferente a estas demonstrações, e no íntimo da sua alma começava a abrir-se uma chaga, mais tarde, talvez, de impossível cicatrização.

Não obstante, nunca soltara a mínima queixa, e pelo contrário redobrava sempre de carinhos e de cuidados para aquele cuja afeição começava a ver desaparecer como uma nuvem que o vento desfaz.

Chegara, pois, como disse, o dia em que o jovem estudante devia partir para o Porto.

Na véspera desse dia, Fernando, pelo meio da noite, fora dar o adeus de despedida à inconsolável rapariga.

Esta esperava-o já no quintal, e, ao avistá-lo, as lágrimas saltaram-lhe instantâneas dos olhos. O rapaz, pela sua

parte, sentira-se também nesse momento tristemente impressionado, e foi com voz vacilante que exclamou:

— Rosa, venho despedir-me de ti: como sabes, vou amanhã para o Porto.

A rapariga lançou-se-lhe nos braços sem poder responder-lhe, tal era a comoção que a dominava.

— Vamos! — continuou ele — nada de lágrimas! Não queiras tornar mais dolorosa esta triste despedida: resigna-te e não te entregues tão cegamente a uma dor sem motivos.

— Sem motivos, Sr. Fernando?!... — aventurou Rosa.

— Sim. Pois não vês que não te deixo senão por alguns meses e que hei de voltar?

— Quem sabe!...

— Ora deixa-te de loucuras! Bem sabes que, logo que termine a minha formatura, volto para a companhia dos meus pais; poderia deixar de vir, mas só se morresse.

— Oh! não diga isso, que me despedaça o coração.

— Bem. Então já vês que não há motivo para tantas lágrimas.

— E quem sabe se, quando regressar, quererá sequer ver-me?!

— Continuas?

— Diga-me com franqueza: o Sr. Fernandinho já não me tem a afeição que me tivera em outro tempo, não é verdade?

— Enganas-te: o amor que sempre te consagrei não afrouxou sequer um momento.

— Então qual é a causa dessa sua frieza? porque têm rareado tanto as suas vindas aqui?

— Bem sabes que os preparativos de viagem têm-me tomado grande parte do tempo, e por isso...

— Ah! Fernandinho, o senhor não diz a verdade; diz-mo o coração.

— Pois, se to diz, mente-te. Que motivos poderia eu ter para deixar de te querer?

— Não sei... Talvez o aborrecimento que começo a causar-lhe. Que triste pressentimento me assalta, meu Deus!

— Pode saber-se qual é ele?

— O de se realizarem as proféticas palavras de António!

— Continuas a ser supersticiosa?

— Sou-o neste ponto, não o nego, e sabe porquê?... Porque tenho conhecido no Sr. Fernando uma notável mudança. Ia até jurar pela alma da minha mãe que o senhor já me não ama!

— Enganas-te, Rosa...

— Não engano, não, Sr. Fernando. Ah, meu Deus! Que será de mim, coberta de opróbrio e de vergonha?...

— Cala-te; dei a minha palavra e espero cumpri-la; desejaria que não fizesses tão mau conceito de mim.

— Perdão, Sr. Fernando, perdão. O amor que lhe tenho e o receio de um dia me desprezar é que me faz ser assim incrédula. Perdoa-me, não é verdade?

— Estás perdoada; agora não falemos mais nisso. Amanhã, ao romper do Sol partirei, e, como já te disse, só voltarei concluída que seja a minha formatura. Depois disso ver-nos-emos, e continuarão as nossas relações como até aqui. Estás satisfeita?

— Estou; agora um pedido meu: é que durante a sua ausência me dê uma prova de que, longe daqui, não se esquecerá desta pobre rapariga que tanto lhe quer.

— Pede o que desejares; vejamos…

— Queria que o Sr. Fernando, de vez em quando, roubasse cinco minutos aos estudos para me escrever duas linhas de amor e de esperança.

— Escrever-te?… Pois sim, escrever-te-ei uma vez por semana. Mas como hás de conseguir que as minhas cartas te cheguem às mãos?

— Não lhe dê isso cuidado. Se for necessário, irei eu própria buscá-las ao correio. É verdade que daqui lá dista uma boa légua, mas Isso não tem dúvida. Poderei também pedir ao jovem do abade, pois vai lá todos os dias, que mas traga. Enfim, de qualquer forma conseguirei recebê-las;

agora peço-lhe que me deixe também a sua morada, para lhe responder.

— Rua Direita.

— Muito bem, rua Direita... Não me esquecerei.

A conversa continuou ainda por algum tempo, até que chegou a hora da despedida.

Não nos deteremos em descrever uma dessas cenas comoventes, sublimes de dor em que as lágrimas falam mais do que a voz e os suspiros mais que quantas frases podem exprimir os receios, as dúvidas e o pesar de um apartamento de dois entes acostumados a ouvir-se todos os dias, e a ver-se a todos os instantes.

Rosa, com os braços em derredor do pescoço de Fernando, imprimia-lhe sucessivos beijos nas faces e murmurava-lhe ao coração frases de amor e saudade. Dir-se-ia que a pobre rapariga parecia prever naquela despedida o último momento de felicidade para ela e que com a partida de Fernando se lhe ia a derradeira esperança e o ultimo alento de vida.

Fernando, pela sua parte, também não pôde ocultar naquele instante a sua comoção e por mais de uma vez sentiu as lágrimas humedecerem-lhe as pálpebras.

O jovem desvencilhou-se, afinal, dos braços da sua amante, e, menção de retirar-se, exclamou:

— Adeus, Rosa; resigna-te e crê no meu amor.

— E parte sem me dar o último beijo?

— ó filha, pois quantos queres mais?!

E, acercando-se de Rosa, deu-lhe dois frenéticos beijos; depois do que apertou entre as suas as mãos dela e retirou-se murmurando algumas frases de despedida.

A jovem, sufocada pelo choro, apenas pôde dizer entre soluços:

— Adeus, Fernandinho, não se esqueça desta desgraçada e lembre-se dos seus juramentos.

Na volta para casa, Fernando ia tristemente preocupado e por mais de uma vez exclamou:

— Pobre rapariga! Nunca nós nos tivéssemos visto... às vezes creio amá-la realmente, e, se não fosse a imagem de

Deolinda, desse anjo que a cada momento se me apresenta à imaginação... Mas como poderei eu agora livrar-me de qualquer delas, se é que amo ambas, e se as acho uma e outra dignas do meu amor?! Com efeito estou numa posição bem crítica...

CAPÍTULO 12

A baronesa de F... , viúva de um brigadeiro que por mais de uma vez derramara o seu sangue no campo da batalha em defesa da Pátria, era uma senhora de perto de sessenta anos, de cabelos um pouco nevados, rosto sereno e franco, boca risonha, transpirando sempre da sua fisionomia um ar de satisfação e de bondade que bem patenteava os dotes da sua boa alma.

Casara aos vinte e cinco anos com o barão F... , então cadete no exército e filho de uma nobre família da província, da qual, como filho único, herdara uma boa fortuna, e desse consórcio houve três filhos, dois dos quais morreram em tenra idade, ficando apenas o mais novo deles, que era uma galante menina chamada Deolinda.

Alguns meses depois do nascimento da criança, a baronesa recebeu um dia a triste notícia de que o seu marido, então brigadeiro, morrera atravessado por uma bala inimiga, legando-lhe, além dos seus muitos haveres, o brasão ilustre

dos seus antepassados, dos quais sua filha era única vergôntea.

Desde logo a baronesa foi fixar a sua residência na aldeia onde encontrámos a Rosa do Adro, e aí viveu durante alguns anos num a propriedade sua, datando dessa época as relações da filha da baronesa com Rosa, depois do que regressaram as duas senhoras ao Porto, onde se estabeleceram definitivamente.

A baronesa, no Porto, vivia num a elegante habitação, um pouco afastada do centro da cidade, e por isso desligada do grande mundo, não porque os seus haveres não lhe permitissem ombrear com as principais famílias, mas porque, votada de há muito a uma existência quase monótona e sem fausto, aprazia-lhe mais aquela solidão do que o bulício dos salões.

Sua filha Deolinda, então já senhora dos seus vinte e três anos, era uma dessas compleições delicadas, franzinas, cheias de amor e suavidade.

Não podia chamar-se-lhe uma mulher formosa, mas distinguia-se um não sei quê, que encantava. Naquele rosto

um pouco pálido havia uns olhos meigos que enleavam, uma boca risonha que parecia protestar mil juras de amor, um conjunto de dotes, finalmente, que patenteava bem claramente quanta candura e quanta bondade havia no coração que se ocultava sob aquele seio de neve.

Afora os criados e alguns amigos velhos da família, a casa da baronesa era apenas frequentada pelo nosso conhecido Fernando, que vivia na intimidade das duas senhoras, sendo por elas estimado como um parente.

Essas relações datavam não só da época em que a baronesa vivera na aldeia, mas também do dia em que, no Porto, o pai de Fernando fora recomendar-lhe o novo estudante, colocando-o sob as vistas e proteção da boa senhora.

Decorridos perto de quatro meses depois do dia em que deixámos Fernando despedindo-se de Rosa, na aldeia, vamos encontrá-lo em casa da baronesa em animada e despretensiosa conversa com as duas senhoras.

Achavam-se os três num a pequena sala elegantemente mobilada, sentados: a baronesa na sua costumada cadeira de braços, junto de uma pequena mesa sobre a qual se via

aberto um pequeno livro de orações; Deolinda em frente dela, junto de um bastidor, onde bordava um grande ramo de flores; e Fernando, próximo desta, num sofá.

— Com que então — dizia a baronesa — o nosso caro amigo não nos pode amanhã fazer companhia ao chá, não é verdade?

— Efetivamente, Sra. baronesa — respondeu Fernando — , tenho amanhã piquete no hospital, e por isso...

— Ora deixe-o falar — atalhou Deolinda. — A mamã ainda acredita nele?... O que ele decerto tem é por aí algum passatempo mais proveitoso e a que não deseja faltar...

— Juro-lhe, minha senhora... — respondeu o rapaz.

— Não jure, não jure nada — interrompeu a jovem. — Não quero contrariar-lhe os desejos.

— Aí estás tu já despeitada com o Sr. Fernando — disse a baronesa. — Visto isso, não queres que ele cumpra as suas obrigações?

— Deus me livre de tal, mamã, mas, como desde que vem a nossa casa é o primeiro dia que quer faltar sendo

véspera de feriado...

— O acaso assim dispôs as coisas — continuou Fernando. V. Exa. bem sabe que eu tenho deveres a cumprir.

— Não faça caso, Sr. Fernando — disse a baronesa. — Esta minha filha tem exigências bem loucas; é uma cabeça-de-vento, que não pensa no que diz.

— Perdão, minha senhora; ela efetivamente tem razão, porque de há muito tempo é esta a primeira vez que fico preso num a véspera de feriado; contudo, o mais que posso fazer é dar parte de doente, e assim ficará satisfeita a Sra. D. Deolinda.

— Nada, nada; não quero que faça sacrifícios nem dê faltas por nossa causa; se é verdade ter amanhã o tal piquete, como lhe chama, fica desculpado, mas cuidado em não faltar à verdade, senão...

— Dou-lhe a minha palavra de honra, Sra. D. Deolinda.

— Estou convencida; mas em compensação faça-nos hoje companhia, se é que não tem também algum caso de

força maior que o impeça. A mamã dá licença, não é verdade?

— Pois não, minha filha! A pergunta era escusada.

— Fica, Sr. Fernando? — perguntou a jovem, sorrindo-se.

— Com todo o gosto; estou completamente livre, e nada me pode impedir de aceder a um convite que tanto me honra.

— Ora ainda bem — respondeu D. Deolinda com ar de satisfação.

— Ao menos — exclamou a baronesa — já que está prestes a deixar-nos é necessário que seja mais assíduo nas suas visitas a nossa casa.

— Daqui até lá ainda faltam alguns meses, Sra. baronesa, e mesmo quem sabe se, depois de concluir os meus estudos, eu deixarei de ver V. Exa.

E Fernando, ao proferir estas palavras trocou com Deolinda um olhar furtivo, transparecendo nos rostos de ambos um sorriso significativo que não foi percebido pela baronesa.

— Então — continuou esta — tenciona ficar a exercer medicina no Porto?

— Talvez... veremos.

— Ora deixe-o falar, mamã... Verá como ele, logo que se forme, volta para casa dos seus pais, desposa por lá alguma morgada rica e nunca mais se lembra de nós.

— É muito injusta, Sra. D. Deolinda; os laços de amizade que me prendem a Vossas finezas que lhes devo, jamais me farão ingrato. Quanto ao casamento com a tal morgada rica que V. Exa. imaginou, creio que foi um gracejo...

— E há nisso alguma coisa de extraordinário ou impossível? — perguntou a jovem com riso malicioso.

— Talvez, minha senhora... Pode saber-se pelo quê?

— Porque tenciono casar-me no Porto.

Ah, sim?! — exclamou a baronesa, sorrindo-se. — Pode dizer-nos então quem é a feliz noiva?

— Permita-me V. Exa. por enquanto o segredo.

— Ao menos diga-nos se é rica, formosa, prendada...

— Nada mais posso responder-lhe, Sra.' baronesa, senão que a amo.

— E ela corresponde-lhe?

— Creio que sim.

— Então não possui a certeza?

— Tenho-a muitas vezes ouvido jurar-me uma afeição eterna, mas, como o coração das mulheres é...

— Cale-se, não diga tolices — atalhou repentinamente D. Deolinda. — Uma mulher, quando jura o seu amor a um homem, creio que não pode mentir-lhe.

— Às vezes... — retorquiu Fernando.

— Tem então muita razão de queixa das que há amado?

— Nenhuma, porque também até hoje só uma soube prender-me o coração...

— E essa?

— Essa creio que me é constante.

— E não te enganas — murmurou D. Deolinda, aproveitando a ocasião em que a baronesa, levantando-se,

se afastara um pouco para ir buscar um outro livro a uma pequena estante.

— Mas com que assuntos estão agora a entreter-se! — exclamou a baronesa, voltando a sentar-se. — Não poderão falar em outras coisas?... Se assim continuam, agastam-se, e o resultado...

— O resultado é ficarmos sempre amigos — respondeu Fernando. — Não é assim, Sra. D. Deolinda?

— Decerto, Sr. Fernando.

— É verdade — exclamou a baronesa — deixe-me ir prevenindo-o: no dia em que fizer o seu acto grande espero que virá jantar connosco, juntamente com os seus pais. Falo-lhe com tempo para que não se comprometa com outras pessoas. Aceita o convite, não é verdade?

— Com o maior prazer, minha senhora.

— E a mamã não o convida também para o nosso passeio de domingo? — interrogou D. Deolinda.

— Tens razão, ia-me já isso esquecendo. No domingo tencionamos ir dar um passeio a Leça. Quer dar-nos o

prazer da sua companhia?

— V. Exas. confundem-me com tantos obséquios; não se dispensava mais deferência a um parente.

— Parente?... — retorquiu a baronesa, lançando um olhar para sua filha. — E não podia ainda sê-lo? Não é já o senhor o nosso mais íntimo amigo?

Houve em seguida a estas palavras um momento de silêncio.

Afinal, a baronesa, sempre com aquele bondoso sorriso a pairar-lhe nos lábios, levantou-se, exclamando:

— O Sr. Fernando dá-me licença que me retire por alguns momentos?

Necessito dar algumas ordens aos criados, mas volto já. Agora o que lhes peço é que não se entretenham em conversas que os possam mortificar; não gosto de os ver indispostos. Até já.

A baronesa saiu, e Fernando, aproximando mais a cadeira da de Deolinda, exclamou:

— Que pensas daquelas palavras da tua mãe? Pelo que vejo, o segredo dos nossos amores já foi descoberto.

— Pois ainda te persuadias que ela de nada soubesse? — respondeu a jovem. — Se as nossas relações datassem de um mês ou dois, então seria isso motivo de admiração, mas lembra-te, meu Fernando, que elas existem já há muitos anos.

— Tens razão, Deolinda; contudo parece-me que nunca demos motivo para que ela suspeitasse sequer do nosso segredo.

— Ora que há no mundo que escape à sagacidade de uma mãe? E, além disso, crês que não nos tenhamos traído algumas vezes? Ainda não há muitos minutos que isso sucedeu.

— Por tua culpa decerto; vens sempre com semelhantes conversas na sua presença...

— Vamos, tão culpada sou eu como tu; mas deixemo-nos dessas coisas e vejamos o juízo que fizeste das palavras da minha mãe.

— Digo-te apenas que me impressionaram bastante. Sabia que a tua mãe me estimava muito, mas não tanto que chegasse a dizer-me claramente que podia ainda ser seu parente! Isto é bastante significativo.

— Minha mãe é uma santa. O que ela deseja é ver-me feliz, e, como adivinha que o seja casando-me contigo, longe de fazer a mínima oposição às nossas relações, parece até desejá-las e protegê-las. Somos muito ditosos, não é verdade, Fernando?

— Mais do que eu julgava. Hoje, neste século de vaidades loucas, não é fácil uma baronesa querer aliar o brasão ilustre da sua família ao nome obscuro do filho de um lavrador, honrado sim, mas plebeu. O mundo é assim!... Vê-se por aí a cada passo um pai ou uma mãe, às vezes saídos da classe mais ínfima da sociedade, recusar a mão da sua filha a um homem pobre, mas honrado e laborioso, somente pelo facto de esse homem não ter um punhado de ouro com que vá engrandecer a orgulhosa soberba dos pais da sua noiva, que, outrora indigentes, se veem depois, pelos azares da sorte, não opulentos, mas senhores de alguns haveres, com os quais se julgam milionários.

Imbecis!... E não se lembram eles da lama donde saíram? Depois, estes pais são uma verdadeira calamidade para a sociedade: nos seus corações nunca houve intuitos bons, nem nas suas almas existiram jamais brio e pundonor; há neles só um sentimento: a ambição do dinheiro e do engrandecimento, não só para si como para os seus. E sabes, minha Deolinda, os perigos e as inconveniências dessa ambição desmedida? É sacrificar ao dinheiro a felicidade real, a dignidade, o brio, e até a própria vontade de uma filha, forçando-lhe as inclinações puras e infiltrando-lhe no coração os sentimentos mais ínfimos e abjetos. Infelizmente dão-se muitos desses casos, Deolinda, e por isso é que me admiro sempre que vejo uma jovem rica e nobre desposar um rapaz de mais baixa esfera e menos opulento, com o assentimento da família dela.

— Estás hoje de uma filosofia mefistofélica, meu Fernando — exclamou Deolinda, sorrindo-se. — Não me dirás a que veio todo esse aranzel?

— Foi um desabafo em abono de um amigo meu, vítima infelizmente de um desses pais desnaturados e insensíveis aos mais puros afetos do coração.

— Pois bem: deixemo-nos agora dos outros e tratemos de nós. Ora fala-me com franqueza: Tu, amanhã, na verdade, não vens cá passar a noite por causa das tuas ocupações, ou porque tens outra distração?

Juro-te que não posso vir pelos motivos que já te expus há pouco.

— Está bem; não te esqueças de que sou ciumenta, e sou-o porque te amo muito... As vezes persuado-me que tu já não me tens o amor de outro tempo..

— Enganas-te, meu anjo; juro-te que te quero muito, muitíssimo...

— Acredito-te, mas...

— Mas o quê?

— Nos primeiros dias em que vieste aqui, depois de regressares de casa dos teus pais, notei em ti uma certa frieza e preocupação que me fizeram desconfiar bastante do teu amor.

— Efetivamente havia alguma coisa nessa época que me trazia o espírito abstraído e até esquecido das minhas caras

afeições; hoje, porém, tudo passou, e creio que não tens a mínima razão de queixa de mim.

— E não me dizes que motivos eram esses que tanto te preocupavam?

— É um segredo que se me não permite revelar-te e que eu espero respeitarás.

— E tens segredos para mim! Embora!... Não instarei mais; o que eu só desejo é que me queiras muito e que o teu amor nunca afrouxe.

— É uma recomendação escusada, meu anjo, e seria preciso não ter alma para trair os protestos que te tenho feito.

— Assim o creio, Fernando; mas o coração dos homens tem às vezes caprichos...

— Dos quais felizmente estou isento, crê. Foste a primeira mulher que eu conheci e a quem jurei um amor infindo, e o cumprimento dessa promessa jamais o quebrarei, ainda que para isso seja preciso fazer o maior dos sacrifícios. Acresce ainda a circunstância de eu ser

imensamente grato a tua mãe, para que quebrasse os laços que me unem a ela, deixando-te, minha Deolinda.

— Tens razão, Fernando, e em recompensa encontrarás em mim a mais dedicada das mulheres, o coração mais submisso, a alma que se despedaçaria por ti!...

A entrada da baronesa na sala veio cortar a palavra a Deolinda e pôr termo a um diálogo tão atraente para os dois amantes.

— Então vamos a saber — exclamou a baronesa, retomando o lugar que deixara. — Em que falaram durante a minha ausência? Vi-os tão animados quando entrei...

— Falávamos... — respondeu Fernando um tanto embaraçado — falávamos em coisas insignificantes... em teatros, nas últimas modas...

— Peço perdão, meu caro amigo, mas o senhor não diz a verdade. Quando eu entrava, ainda cheguei a ouvir estas palavras, que a rosada boquinha de Deolinda proferia com certo encanto: — "o coração mais submisso, a alma que se despedaçaria por ti..."

A baronesa pronunciara esta última frase dos dois amantes com uma tal graça e contentamento, que os dois jovens, envergonhados, tentaram ocultar os rostos purpureados, e nem sequer uma palavra se atreveram a proferir.

A boa senhora, sorrindo-se e parecendo regozijar-se com a confusão dos dois amantes, continuou:

— Então que foi isso? Emudeceram?

— Senhora baronesa... — balbuciou Fernando, sem saber o que havia de responder.

— Ora vamos: — continuou ela — Sejamos francos de uma vez para sempre. Que podem lucrar com o segredo com que tentam envolver as suas relações amorosas? Porventura não são mais sinceros comigo? Porventura não serei merecedora que me confiem os seus afetos e as suas tenções futuras?... Para que querem ocultar-me uma coisa que eu vejo todos os dias?!

— Sra. baronesa — respondeu Fernando com timidez — , nunca ousei revelar a V. Exa. as relações íntimas que de há muito existem entre mim e a Sra. D. Deolinda, porque temia não serem elas bem aceites por V. Exa.. Receei

também que uma tal declaração fosse interpretada por V. Exa. como um abuso da amizade com que me honra e se persuadisse que havia intuitos menos puros nas minhas aspirações. São estes os únicos motivos porque tentei sempre ocultar-lhe os afetos das nossas almas, na certeza, porém, de que, mais tarde, lhos havia de declarar, procurando merecer por eles a realização dos nossos desejos. Como, porém, V. Exa. antecipou essa minha declaração, ouso agora confessar-lhe que efetivamente nos amamos de há muito e que o único fim a que aspiramos é à união santa das nossas almas.

— E não me podia ter dito isso há mais tempo, Sr. Fernando? Desculpo-lhe, contudo, as suas apreensões e, longe de as censurar, regozijo-me com elas e louvo-lhas, porque por elas mostra a alma nobre e honrada que possui.

— É extrema bondade, minha senhora.

— Ora escute-me por um pouco. Antes de eu penetrar o segredo destes amores, havia um objeto que me trazia frequentemente sobressaltada e abstraída: era a futura segurança e felicidade da minha filha. Via de hora para hora os anos arrastarem-me para o fim da vida e antevia os

perigos de deixar a minha Deolinda só no mundo, sem um parente nem um amigo, exposta às mil vicissitudes da existência. Fazê-la entrar num convento era resolução que eu nunca tomaria, porque detesto a morte do coração entre as paredes de um claustro e não queria por essa forma sacrificar a vida e a felicidade da minha filha na fase mais risonha da sua existência. Entregá-la como esposa nos braços de um homem por quem ela nunca sentisse a mais leve afeição, pior ainda, porque era fazê-la passar por torturas bem mais cruéis do que a reclusão num a cela; além disso, é esta casa apenas frequentada por pessoas idosas, e nunca viera aqui uma única capaz de fazer pulsar o coração juvenil da minha filha, a não ser o Sr. Fernando. Mas podia eu saber se eram indiferentes um ao outro ou se se amavam em segredo? Um dia o acaso veio esclarecer-me a este respeito e descobri que ambos se queriam extremosamente. Confesso-lhe que me senti então livre de um grande peso, porque encontrara um marido para a minha filha, um marido que ela amava e que era digno da sua mão...

— Sra. baronesa... — interrompeu o rapaz, comovido.

— Vamos, não me interrompa. Admira-se talvez da franqueza com que lhe falo, não é verdade? Mas que quer?... Nós outras, as mães, somos loucas pela felicidade das filhas que estremecemos O Sr. Fernando é um excelente rapaz, bem-comportado e de boas qualidades; está em vésperas de obter uma posição nobre na sociedade. possui além disso um sofrível morgadio que o porá sempre ao abrigo de privações, e, o que vale ainda mais, ama minha filha. Que posso eu desejar mais naquele que destino para esposo da minha filha Deolinda? Ora vamos; deixe esse acanhamento impróprio de um rapaz da sua idade e responda-me com toda a franqueza: Quer aceitar a mão da minha filha'?

— Sra. baronesa, a pergunta seria desnecessária, se V. Exa. tivesse bem penetrado os sentimentos íntimos do meu coração... É essa a minha única aspiração.

— Muito bem. E tu, Deolinda?

— Eu, minha querida mamã — respondeu a jovem com as faces afogueadas — , abstenho-me de responder... Fernando também falou por mim.

— Ora aí está! E andavam estas crianças segredando pelos cantos da casa os seus afetos, sem terem a franqueza de mos revelar! Ah, ingratos...

— Sra. baronesa — atalhou o jovem — , para me justificar, necessito esclarecer V. Exa. dos motivos da minha reserva e do silêncio que sempre guardei sobre o que acaba de aclarar-se. Conhecia, de há muito, a confiança e amizade que V. Exa. me dispensava, mas nunca acreditei que acolhesse tão benevolamente a confissão do amor que tributava à filha de V. Exa., nem que a pudesse patrocinar com a espontaneidade que nos deixou agora antever. Havia mais de um motivo para assim pensar; primeiro, porque me persuadi que V. Exa. olharia este amor, da minha parte, como um cálculo, um desejo de enobrecer-me, ou um abuso da confiança e amizade que me dispensava; segundo, porque nunca me julguei digno de aliar o meu nome obscuro à nobreza do de V. Exas. acrescendo ainda a desigualdade que há entre os nossos haveres...

— Perdão, Sr. Fernando — atalhou a baronesa. — Quem lhe perguntou por essas ninharias, que só tal nome se lhes pode dar. Haveres!... O Sr. Fernando devia já conhecer o

meu pensar com relação ao dinheiro. Que importam as riquezas quando há saúde vigorosa para trabalhar, e uma esposa querida para se estremecer? E, para além disso, não é o Sr. Fernando bastante rico? Não sei eu perfeitamente os haveres dos seus pais, com quem convivi tanto tempo? Oh! não me torne a falar em dinheiro nem tão-pouco em aristocracia; estimo-o muito, quero-lhe como a um filho, e é isso o suficiente para entregar-lhe a minha Deolinda sem o mínimo receio.

— Ah! minha senhora, como hei de pagar-lhe tantas bondades!...

— Com a sua amizade e estima, mas agora é inoportuno falar-se nessas coisas. Vejamos: para quando destina o seu casamento? Creia que estou ansiosa porque ele se realize.

— Suponho que o melhor é esperar pela minha formatura; faltam apenas alguns meses para que ela se conclua...

— Pois, sim, convenho, e a sua família acederá de bom grado a esta união?

— Decerto, Sr.' baronesa.

— Quem sabe? Pode muito bem suceder que o seu pai haja feito já alguns projetos ao seu respeito.

— Meu pai não oporá o mais pequeno obstáculo ao meu casamento, minha senhora; preza também muito a minha felicidade, e estou até convencido que se há de regozijar com este enlace.

— Muito bem. Então havemos de preparar-lhe uma agradável surpresa: no dia do seu acto grande, como já lhe disse, virá jantar a nossa casa com a sua família, e por essa ocasião eu me encarrego de pedir o consentimento do seu pai ao que ele não poderá deixar de anuir. No dia seguinte assinar-se-ão as escrituras, e no outro partiremos para a sua aldeia, onde se celebrarão os desposórios.

— E não julga V. Exa. mais conveniente que o nosso casamento se celebre aqui?... Talvez seja demasiado incómodo para V. Exa.?

— Oh! não, não — atalhou D. Deolinda, que até aí se conservara calada — não é incómodo, não; eu pela minha parte até desejo voltar àquela aldeia, onde passei os primeiros anos da minha mocidade, e viver lá algum tempo.

Tenho saudades daquelas pitorescas campinas, daquelas inocentes aldeãs, outrora minhas companheiras e tão minhas amigas; enfim, queria ainda gozar todos os encantos e atrativos daqueles sítios.

— Tens razão, minha filha — continuou a baronesa —; a vida ali é mais bela e sossegada; além disso, temos lá a nossa linda casa, levaremos daqui alguns criados e passaremos então dias de verdadeira felicidade.

— Decerto, mamã — respondeu Deolinda. Depois, dirigindo-se a Fernando, continuou, entusiasmada e como esquecida da presença da sua mãe: — Olha, Fernando, tenciono passar nessa bela aldeia os momentos mais agradáveis da minha existência: tu a visitares os teus doentes pobres, a confortá-los, a dar-lhes a vida, e eu e a minha mamã ao teu lado, socorrendo também esses infelizes, provendo-os de tudo o que necessitarem, e recebendo em paga as suas bênçãos e orações. Deve ser uma cadeia de aventuras sem fim, não é verdade, Fernando?

— Oh! certamente, meu anjo!... — respondeu o rapaz, um tanto pensativo e triste.

— Ora bravo, bravo! — exclamou a baronesa com toda a expansão de alegria — Aí está como eu gosto de os ver: assim familiares, amorosos...

— Perdão, mamã, esqueci-me... — interrompeu a jovem, corando.

— Perdão de quê, minha louquinha? Assim é que eu desejo vê-los sempre, e de hoje por diante proíbo-os de que na minha presença se tratem de outro modo; mas continuem com a conversa, porque me extasio em ouvi-los.

— Parece-me que o Sr. Fernando antes desejava viver no Porto — exclamou D. Deolinda, atentando na abstração e tristeza do seu futuro noivo.

— Oh! não, por maneira nenhuma — respondeu ele subitamente, como se aquelas palavras lhe fizessem sugerir uma ideia repentina. — Desejo também voltar para a minha aldeia e viver lá eternamente. A vida ali deve ser efetivamente mais sossegada, mais encantadora, principalmente para dois corações que se amam... Não é assim, Sra. D. Deolinda?

— Então que é isso? — atalhou a baronesa — Já se esqueceram da minha recomendação?... Continuam a tratar-se com a mesma delicadeza e cerimónia?

— Perdão, Sra. baronesa, eu não me atrevia...

— Ora ele também tem razão, mamã — disse a jovem, sorrindo-se. — Pois quer que num momento percamos assim o pejo? Mas não tem dúvida; eu encarrego-me de fazê-lo obedecer-lhe. Quer ver?... ó Fernando, olha para mim... És meu amigo?

— És um anjo, minha Deolinda! — respondeu Fernando com ar prazenteiro.

Estas palavras foram acolhidas pelas duas senhoras com alegre expansão, e Deolinda ia de novo tomar a palavra quando assomou à porta da sala um criado, que anunciou:

— O Sr. conselheiro Martins.

— Chegou o nosso parceiro de voltarete — exclamou a baronesa. Depois, dirigindo-se ao criado, continuou:

— Introdu-lo para aqui e depois serve-nos o chá.

Momentos decorridos, entrava na sala o conselheiro, que saudou afetuosamente as três pessoas que ali estavam.

O conselheiro Martins era homem de perto dos seus cinquenta anos, bem parecido e alegre como um rapaz de vinte, sendo um dos amigos mais afeiçoados da família da baronesa.

Depois dos cumprimentos, tomou assento perto de Fernando, e dispuseram-se todos para uma conversa animada, como era costume.

A baronesa foi a primeira que tomou a palavra, exclamando:

— Ora sabe, conselheiro, que tenho uma grande novidade a dar-lhe?

— Sim!... Vejamos: então de que se trata?

— De nada menos do que do casamento da minha filha.

— Na verdade?!... Pois a Sra. D. Deolindinha vai casar?

— Foi assunto decidido ainda não há muito.

— E o noivo, o noivo, esse feliz mortal que vai possuir esse tesouro de graças e bondades?

— Tem-no ao seu lado; pode desde já dar-lhe os parabéns.

— O doutor!?... Pois o nosso doutor é que...

— Sim, senhor, e que lhe parece?

— Eu não digo nada, O que apenas faço é dar um abraço no meu caro noivo. Ora venha de lá isso, doutor — exclamou o conselheiro, abrindo os braços.

— Tudo o que quiser, conselheiro — respondeu Fernando, lançando-se-lhe nos braços — , mas o que eu lhe peço é que não me chame por agora doutor.

— O quê?! Hei de chamar-lhe doutor, ainda que o não queira. Pois então?! Mas vamos ao que interessa: Com que então os dois pombinhos arrulhavam-se em segredo?... Ah, mas eu já previa isto mesmo, ou eu não tivesse o ouvido apurado e os olhos bem abertos...

— No entanto, conselheiro — atalhou a baronesa — , decidiu-se isto não há ainda muitos minutos, e quer saber como? Ora ouça:

"Estes dois brejeirinhos de há muito se andavam falando pelos cantos da casa e sorrindo-se quando eu virava costas, sem terem a condescendência ou a franqueza de me declarar os seus amores; eu, porém, que já de há muito andava com as minhas desconfianças, decidi-me a dar-lhes uma ensinadela mestra na primeira ocasião. Foi hoje o dia. Tinha-me retirado desta sala, para dar algumas ordens aos criados, quando, ao voltar, encontro estes meninos trocando umas palavrinhas doces e apaixonadas que fariam inveja a dois velhos.

Entrei, desmascarei-os, e lancei-lhes em rosto a falta de lealdade e franqueza que tinham cometido para comigo. Não lhe digo nada, conselheiro... Estas duas criancinhas pouco lhes faltou para chorarem Finalmente, para terminar com este joguinho de escondidas, perguntei-lhes se queriam casar-se, e a resposta já imagina qual ela foi. Em vista disso pactuou-se desde logo o casamento, e estão os dois noivos sonhando já nos felizes dias que vão passar junto um do outro".

— E quando é o grande dia?

— Logo que o nosso doutor, como o conselheiro diz, termine a formatura, iremos todos para a sua aldeia, onde se celebrará o consórcio, e lá viveremos como no paraíso.

— Visto isso, cá fico eu só, isolado...

— Descanse, conselheiro, irá, querendo, passar algum tempo na nossa companhia.

A conversa continuou ainda nestes termos, até que foi servido o chá, dispondo-se depois todos quatro em volta de uma mesa, onde começou a partida de voltarete.

Havia uma hora que durava o jogo, e, quando todos estavam mais entretidos com as cartas que tinham nas mãos, eis que um forte toque de campainha ressoou por toda a casa, estremecer insensivelmente os quatro parceiros.

— Quem será?! — interrogou a baronesa. — A esta hora não espero visitas...

E ainda não tinha acabado de proferir estas palavras, quando entrou na sala um criado que, dirigindo-se a Fernando, exclamou:

— Está lá em baixo um homem que pretende falar a V. Exa.

— A mim?! Não disse quem era?

— Não, meu senhor; perguntou-me se V. Exa. cá estava e disse-me que desejava falar-lhe imediatamente.

— Não sei quem seja... No entanto, se a Sra. baronesa me dá licença...

— Pois não! Seja quem for mande subir para aqui.

— Diga que suba!

O criado retirou-se e daí a pouco entrou acompanhado de um rapaz coberto de poeira como se viesse de uma longa jornada.

À sua aparição, Fernando estremeceu, e duas vozes exclamaram:

— Ó António!...

Era efetivamente o criado do padre Francisco Fernando, ao encará-lo, compôs um ar de alegria e familiaridade pouco naturais e interrogou o recém-chegado por estas palavras:

— Então por cá, meu rapaz? Grande novidade te trouxe aqui!

— Incumbiram-me de entregar-lhe pessoalmente esta carta, e venho por isso cumprir o mandato — respondeu António, entregando-lhe um papel cuidadosamente fechado e que tirara do bolso interior da jaqueta.

Fernando, ao lançar os olhos para o sobrescrito, empalideceu levemente, e, aproximando-se de uma luz, continuou, enquanto abria a carta:

— Tem resposta?

— Não sei, Sr. Fernando, mas suponho que sim.

— Então espera um pouco.

Enquanto Fernando lia, a baronesa e a sua filha, aproximando-se do rapaz, cansavam-no com perguntas sucessivas a respeito dos habitantes da aldeia e das pessoas com que outrora tinham tido mais estreitas relações.

Fernando, retirado do grupo, passava rapidamente pela vista aquelas linhas que se diria terem-no inquietado, a

avaliar pelas contrações repetidas do rosto.

A carta, que era de Rosa, vinha concebida nos seguintes termos:

"Sr. Fernando,

Compadeça-se desta pobre rapariga que teve talvez a infelicidade de o amar e não queira tão depressa extinguir-lhe a vida.

Há dois meses que lhe escrevo consecutivamente uma e mais vezes por semana e ainda não me foi possível obter duas palavras suas. Não sei se essa falta será devida a doença ou se ao aborrecimento que já lhe inspiro. Nesta horrível incerteza estive mais de uma vez para deixar esta casa, procurá-lo, lançar-me aos seus pés e pedir-lhe compaixão em nome dessa lealdade e amor que me jurou. Como, porém, avaliei depois os perigos a que me expunha, aproveitei-me do bondoso oferecimento do portador desta e resolvi escrever-lhe, só para lhe rogar que me diga a causa do seu silêncio.

Deve decerto admirar-se da pessoa que escolhi para confidente das nossas relações; posso, porém jurar-lhe que esse pobre rapaz, que o senhor detestou e que nos persuadimos ser nosso inimigo, é, ao contrário, o único ente que se interessa pela nossa felicidade, sendo um amigo fiel e sincero em quem podemos depositar toda a confiança. Mais tarde dar-lhe-ei explicações mais claras de tudo isto; por enquanto só lhe peço que o trate como um seu amigo e pode confiar-lhe tudo sem reserva.

Fernandinho, por quem é, por tudo o que mais preza nesta vida lhe peço que se lembre da sua Rosa, daquela que sacrificaria por si a própria vida, que não a trate com tanto desprezo. Se soubesse como os dias têm corrido para mim tristes e desesperadores...

Minora-me no entanto o desalento a esperança de que terminarão para mim um dia todos estes martírios, gozando então junto de si essa felicidade, que me prometeu e que eu anelo com delírio.

Fernandinho, ainda outra vez lhe rogo que não se esqueça das suas promessas; o seu amor é a única esperança que

me resta no mundo, e, fugindo ela, Deus sabe o que será de mim...

Termino, esperançada em que desta vez não recusará uma resposta que venha encher de alegria o coração atribulado da Sua até à morte,

Rosa"

Ao terminar a leitura destas últimas linhas, Fernando mal podia disfarçar a sua inquietação, a ponto de a carta lhe tremer nas mãos. Forcejou no entanto por sossegar e, dirigindo-se à baronesa, exclamou:

— V. Exa. dá-me licença? Necessitava responder a esta carta.

— Pois não, Sr. Fernando; tenha a bondade de entrar na sala imediata, onde encontrará tudo o que precisa para escrever.

— Anda comigo, António — disse Fernando ao rapaz, e encaminharam-se ambos para a sala designada.

Fernando sentou-se a uma escrivaninha e traçou numa folha de papel as seguintes palavras:

"Rosa,

No sábado, à meia-noite, irei aí falar contigo. A essa hora ouvirás o antigo sinal porque me fazia anunciar e por ele te avisarei da minha chegada.

Desejo que esta minha visita seja completamente ignorada.

Fernando"

Dobrou o papel, meteu-o num envelope e, entregando-o a António, continuou:

— Provavelmente só partes amanhã, e por isso espera um pouco que irás dormir a minha casa.

— Agradeço, Sr. Fernando, mas tenho de partir imediatamente; é preciso que os criados da casa não deem pela minha falta.

— Vieste a pé?

— Não, senhor: vim a cavalo para me demorar o menos possível.

— Visto isso, não quero tomar-te mais tempo; mas, antes de partir, diz-me: como soubeste que eu estava aqui?

— Fui a casa do Sr. Fernando, e lá indicaram-me a da Sra. baronesa, dizendo-me que decerto o devia encontrar aqui.

— Bem: então parte e recebe os meus agradecimentos pelo serviço que me prestaste.

— Não tem que me agradecer. Sr. Fernando, estou sempre às suas ordens.

Dirigiram-se em seguida para a sala onde estava a baronesa, e António dispôs-se a despedir-se das duas senhoras.

— Então partes já, António?! — interrogou a baronesa.

— Sim, minha senhora, não posso demorar-me mais tempo.

— A estas horas e por essas estradas... Fica na nossa casa esta noite e vai pela manhã.

— É-me impossível, Sr.> baronesa.

— Então bebe um copo de vinho antes de te meteres a caminho.

E a baronesa tocou uma campainha, aparecendo minutos depois um criado a quem disse:

— Leva este jovem lá acima e dá-lhe de beber.

Depois, dirigindo-se a António, continuou: — E então adeus, António; faz visitas a toda a gente da aldeia e diz-lhe que brevemente iremos todos fazer-lhe uma longa visita.

O jovem despediu-se e saiu.

— Tiveste alguma má nova, Fernando? — perguntou D. Deolinda logo que o jovem se retirou. — Parece que ficaste triste e desassossegado depois da leitura dessa carta...

— Não foi nada... um leve incómodo do meu pai, que talvez me force a ir no sábado a casa, se não receber notícias das suas melhoras...

Daí a pouco o sossego estava restabelecido, e a partida de voltarete continuou com a mesma animação de há pouco.

Retrocedamos agora alguns meses e vejamos o que é feito de Rosa, e que motivos se deram para ela escolher para confidente o criado do padre Francisco.

CAPÍTULO 13

Depois da partida de Fernando para o Porto, Rosa, que até aí já vivia uma vida monótona e retirada, tornara-se depois disso mais sombria e reclusa.

Saía só em casos de muita necessidade, respondia com seriedade, e às vezes até com mau modo, aos gracejos que os rapazes da aldeia lhe dirigiam quando a encontravam, e, para evitar os olhares curiosos dos que passavam, mudara o seu lugar de trabalho para uma outra janela que dava para o quintal.

Aos domingos de tarde, como era costume, os rapazes e raparigas do lugar reuniam-se no adro, quase em frente da sua casa, e, aos sons de uma viola, passavam horas alegres em descantes e bailados, divertimentos outrora tão favoritos da travessa rapariga e nos quais tomava sempre a mais ativa parte.

Agora, porém, sucedia o contrário. Ou encostada ao peitoril da janela, ou sentada na soleira da porta, Rosa olhava tristemente para aqueles folguedos, e, se algum jovem vinha convidá-la para tomar parte no passatempo, respondia simplesmente:

Desculpe, mas não posso: a minha doença não me permite, como dantes, brincar como vós outros.

Se algumas raparigas iam, em alegre magote, reunir-se-lhes em volta para conversarem sobre os seus namoros, sobre as suas conquistas ou aspirações, Rosa tomava então parte nessas confidências, mas fazia-se sempre notar pelos conselhos que dava às menos experientes e pelas sentenças que ministrava, com toda a seriedade, às mais experimentadas.

Rosa, finalmente, já não era a rapariga folgazã e prazenteira de outro tempo. Com o rosado das faces fugira-lhe a alegria do coração.

Toda a gente da aldeia acreditava que a pobre rapariga padecia e padecia muito, mas ninguém tinha sabido ainda qual era o género de moléstia que a fazia definhar.

A própria avó de Rosa, apesar das instantes perguntas que lhe dirigia sobre esse oculto padecimento, não conseguira também o mínimo pormenor, porque a doente parecia até não saber explicar a proveniência dos seus males.

O certo é que a desventurada jovem efetivamente padecia, mas o seu padecimento não era nenhum desses que se curam com as tisanas das farmácias. O seu sofrimento era doloroso e terrível! Eram as dores do coração, era uma paixão lenta que lhe rasgava pouco a pouco os melhores pedaços da sua alma sensível.

Apesar disso, porém, a apaixonada rapariga tinha momentos de louca alegria, e davam-se eles quando recebia alguma carta do seu Fernando.

Rosa pedira secretamente a um dos criados do abade, que lhe era muito afeiçoado e que ia todos os dias à estação do correio buscar a correspondência para seu amo, para lhe trazer as cartas que lhe viessem endereçadas, tendo-o feito persuadir, para afastar suspeitas, de que essas cartas eram da filha da baronesa.

O bom do homem acreditara cegamente nisto e guardava sobre tal objeto o mais completo silêncio, segundo a recomendação que recebera.

Fernando fora durante algum tempo fiel às suas promessas, e todas as semanas escrevia à sua amante, vindo essas missivas repletas de amor e de esperanças.

A pobre rapariga extasiava-se com a leitura delas, passava horas esquecidas a contemplar essas linhas, e por mais de uma vez levava o papel aos lábios e cobria-o de beijos. Desabafos do coração.

Eram esses os momentos mais felizes daquela alma atribulada. E ainda com o pensamento suavemente impressionado pelas amorosas expressões que Fernando lhe dirigia, desafogava os anseios do coração em longas e enternecedoras respostas que traçava em algumas folhas de papel.

Deixava-se, pois, a jovem fascinar pelas ilusões desse futuro de rosas que lhe era prometido, e isto minorava bastante as saudades que sentia pela ausência de Fernando.

Se alguma vez a descrença e a dúvida lhe torturavam o coração, as cartas do seu amante vinham desfazer-lhe essas más apreensões e então cria-se feliz.

Em breve, porém, novas angústias, novas dúvidas e incertezas vieram aniquilar-lhe as esperanças e desfazer-lhe as doces ilusões que a embalavam.

As cartas de Fernando começavam a rarear e o seu conteúdo era de um laconismo e frieza bem notáveis.

Dir-se-ia, ao lê-las, que o amor de Fernando ia de dia para dia decrescendo, e que o tédio e a indiferença substituíam, pouco a pouco, o ardor primitivo dos seus afetos.

A pobre jovem já não podia ler as tardias missivas sem se lhe inundarem os olhos de abundantes lágrimas e o coração sangrar-lhe gotas de amargurado fel. Principiava de novo para ela esse martírio de dores, e a descrença revivia na sua alma com mais insistência do que nunca.

Por mais afetuosas que fossem as suas cartas, por mais e mais rogos que fizesse para Fernando lhe confessar os motivos dessa repentina mudança, as respostas eram

sempre frias e despidas completamente das inebriantes frases que outrora empregara.

Rosa esforçava-se desesperadamente por pacientar-se e resignar-se com a sua sorte, fantasiando na mente mil suposições pelas quais tentava desculpar essas demoras de correspondência e o abandono a que parecia estar lançada; porém, tudo era inútil para sossegar-se.

Afinal, o golpe decisivo veio ferir, no mais sensível, o coração da desventurada rapariga.

Havia um mês que Fernando deixara de escrever-lhe, sem ao menos explicar a causa dessa interrupção.

Ainda tentou iludir-se a infeliz e, de vez em quando, dizia de si para consigo:

— Quem sabe se ele não me escreverá por falta de saúde, pelas suas ocupações, ou mesmo por não lhe chegarem às mãos, por qualquer motivo, as minhas cartas?

E continuava a escrever ao estudante, queixando-se amargamente do seu silêncio e da sua indiferença, sem contudo receber a mínima palavra em resposta.

Ao fim de dois meses o desespero subiu de ponto e a resignação, único lenitivo para semelhantes males, já não bastava para a sossegar.

— Já me não ama! — exclamou ela um dia, entre soluços — talvez nunca me tivesse a mais pequena afeição... E a quem cabe a culpa de tudo isto senão a mim? Para que me deixei fascinar por aqueles olhos traiçoeiros? Para que me acreditei nas suas promessas de amor? Para que me entreguei, enfim, com toda a cegueira, a um homem de quem nunca tinha nada a esperar e do qual deveria até ter fugido? Ah! meu Deus, como fui infeliz nas minhas primeiras afeições!... Mas, não: é impossível que ele me mentisse quando me jurava a pureza do seu amor; não posso acreditar que ele nunca me tivesse amado; aqui há decerto mistério... Pois bem: já que a desgraça me tocou com o seu dedo, já que a felicidade me perdeu, esgotarei o cálice até às fezes. Vou procurá-lo, falar-lhe-ei, lançar-me-ei aos seus pés, e então terei a certeza das minhas tristes suposições. Que importa que toda essa gente murmure e maldiga o passo que vou dar?! Acaso não valerá o seu amor todos os sacrifícios e todas as afrontas que me possam

cuspir às faces?... É só o seu amor que ambiciono; são só os seus afetos que eu quero; de mais nada me importo. Amanhã, ao romper da aurora, sairei de casa sem minha avó me pressentir, pôr-me-ei a caminho e hei de encontrá-lo e falar-lhe. A minha pobre avozinha, para que desgostos e martírios eu a preparei! Oh! perdoe-me esta leviandade, porque é o amor que me impele, o amor, esse sentimento irresistível que nos salva e nos perde, que nos dá vida e nos mata...

E, proferindo estas palavras, a pobre jovem caiu de joelhos sobre o pavimento do quarto, e, banhada em lágrimas, ergueu para o céu as mãos enlaçadas e convulsas.

Chegou a noite, deitou-se, mas o sono não foi capaz de cerrar-lhe as pálpebras. De madrugada levantou-se e começou a pôr em prática o seu premeditado plano.

Sua avó dormia, e por toda a aldeia reinava ainda um silêncio tumular. Os primeiros alvores da aurora começavam apenas a aclarar o espaço, e os cantadores dos bosques não tinham começado ainda a entoar o seu costumado hino da alvorada. A ocasião era a propósito.

Rosa, com as lágrimas nos olhos, trémula de susto, embuçada num a capa e com o rosto meio oculto pelas dobras do lenço que lhe cobria a cabeça, encaminhou-se para a porta que lhe dava saída para o quintal, e, ao transpô-la, sentiu as forças abandonarem-na. Parou, indecisa da sua resolução, recuou ainda alguns passos para entrar em casa, parecendo ter desistido do seu propósito, mas, afinal, como obedecendo a uma força oculta, avançou resolutamente, atravessou o quintal, e, saltando o pequeno muro que estava ao fundo, pôs-se a caminho.

Tinha apenas dado uma dúzia de passos, quando subitamente parou aterrada, como se lhe tivesse caído um raio aos pés.

Diante de si surgira-lhe inesperadamente, e como por encanto, a figura altiva de António, que parecia ter ali aparecido de propósito para embargar-lhe os passos.

— Aonde vais a estas horas, Rosa? — exclamou ele com simulado sossego, colocando-se em frente da rapariga, de braços cruzados.

Esta pergunta fê-la estremecer: as faces tornaram-se-lhe lívidas e cairia indubitavelmente por terra se não a amparasse um muro que estava próximo, tal fora a impressão que lhe causaram aquelas palavras.

— Insensata! — continuou o rapaz. — Diz: que ias tu fazer a estas horas, só, por esses caminhos desertos?

Rosa não respondeu; a voz sufocara-se-lhe na garganta, e nem sequer podia proferir uma palavra para se justificar.

— Ora vamos, minha pobre Rosa: fala com franqueza e nada receies; em mim não tens presentemente senão um amigo, um homem que não tem deixado um só momento de velar pelo teu futuro e pela tua felicidade. Responde: tu saías com intenção de ir procurar Fernando ao Porto, não é verdade?

— António!.... — exclamou ela surpreendida.

— Não tentes negar coisa alguma, porque eu sei tudo!

— Sabes tudo!

— Sim: sei que, apesar da indiferença que mostravam publicamente um pelo outro, nunca deixaram de

corresponder-se secretamente; sei que as vossas entrevistas tinham lugar todas as noites no quintal da tua casa; sei que depois da partida de Fernando vos tendes correspondido; e sei finalmente que há perto de dois meses não tens recebido carta dele, apesar de lhe teres escrito sempre.

— E não sabes mais nada? — interrogou a rapariga, torturada por horrível pressentimento.

— Infelizmente sei mais alguma coisa! — E, como se temesse que o ar lhe levasse as palavras, aproximou-se de Rosa e segredou-lhe ao ouvido algumas frases.

Ao ouvi-las, a pobre jovem soltou um pequeno grito, recuou alguns passos como assombrada, e viu-se de novo obrigada a amparar-se à parede para não cair.

— Não te assustes — continuou António, um pouco comovido —; é um segredo só meu e que morrerá comigo na sepultura; juro-te pelo que há de mais sagrado nesta vida.

— Ah! António, quanto sou desditosa! — exclamou a jovem com a voz entrecortada pelos soluços. — Mas como

pudeste saber tudo isso?

— Muito facilmente. Ouve: depois que tu e Fernando tentaram fazer persuadir que as relações que existiam entre ambos tinham terminado, toda a gente se convenceu disso, menos eu, porque sabia que esses afetos não podiam assim acabar tão rapidamente; segui-vos passo a passo, e, à noite, quando o Sr. Fernando vinha falar-te ao quintal, eu, ocultando-me por detrás do pequeno muro ouvia tudo o que dizíeis. Foi num a dessas entrevistas, naquela noite de tempestade, que surpreendi o que se passou no teu quarto

— Mas, meu Deus, que fins tinhas tu com essa constante espionagem?

— Velar pela tua segurança!...

— A minha segurança!... E velaste por ela nessa terrível noite, António?

— Oh! por quem és, não exprobres o meu procedimento nessa ocasião. Não sei o que sentia em mim; quis salvar-te, quis penetrar naquele recinto e arrancar-te às garras do abutre, mas não pude... assim tinha de suceder!...

— Ah! António, tem compaixão de mim!... Já que és senhor desse segredo, guarda-o e não me faças morrer de vergonha.

— Já to jurei, e por isso nada temas.

— Obrigada, António, obrigada... És uma alma generosa, e Deus há de recompensar-te. E, proferindo estas palavras, lançou-se aos pés do rapaz, tentando abraçar-lhe os joelhos.

— Levanta-te, Rosa — exclamou ele cada vez mais comovido —; afastemos de nós as tristezas do passado e pensemos no futuro. Queres aceitar a minha amizade, franca e desinteressada? Queres que te ajude a reconquistar o amor de Fernando?

— António! — exclamou ela assombrada.

— Admiras-te decerto do oferecimento, não é verdade? Eu me explico: "Depois de conhecer que te era completamente indiferente e que nunca me poderias amar, a minha única ambição foi ver-te ao menos feliz e unida a esse outro a quem queres tão cegamente. Deve decerto

parecer-te bem extraordinária uma tal resolução, não é verdade?...

Caprichos de um coração repudiado. É pois para atingir esse único fim que tenho trabalhado incessantemente, sem um só momento de descanso, redobrando os cuidados depois que esse homem te roubou a pérola mais preciosa da tua coroa virginal. Quanto à minha aparição instantânea neste lugar, eu ta explico. Logo que o Sr. Fernando regressou ao Porto, procurei indagar se vos correspondíeis, e isso foi-me fácil saber pelo próprio portador das cartas, o jovem do abade, a quem um dia substitui no exercício das suas funções, vendo nessa ocasião uma carta sobrescrita para ti. Pela letra conheci logo a sua procedência e desde esse dia procurei saber quantas cartas recebias e quantas mandavas para o Porto, tendo para isso continuado a substituir por muitas vezes o verdadeiro portador delas, a quem eu me oferecia, entregando-lhe toda a correspondência logo que regressava da estação do correio, não havendo, por isso, da tua parte a mais pequena desconfiança. Foi por esta forma que soube da interrupção das cartas de Fernando, apesar de as tuas não terem

cessado de lhe ser remetidas todas as semanas, e por aí calculei os motivos que se dariam para isso. Principiavam a realizar-se as minhas tristes predições.

Em vista disto, temi desde então que, levada por um excesso de cegueira, te esquecesses dos teus deveres e te abalançasses a fugir de casa para ires ao Porto procurar o teu amante. Não me enganei ainda nas minhas suposições. Depois de uma série de pesquisas e de passar noites e noites escondido nos bosques para te vigiar os passos, eis que tentavas hoje pôr em prática o que eu tinha previsto, quando te apareci, como por milagre, a impedir-te o caminho e evitando o erro de tal procedimento que mais depressa descobriria a tua falta e te perderia no conceito de toda a gente. Já vês, pois, quais têm sido as minhas intenções, e em face delas ainda duvidarás de mim e não quererás aceitar o meu auxílio e conselhos?"

— Seria duplamente ingrata se não os aceitasse, António. Julguei-te sempre bom e generoso, mas nunca tanto como acabas de mostrar-te. Oxalá que os teus esforços sejam coroados de bom êxito, mas, duvido: a esperança, único sentimento que nunca me abandonou,

começa agora a afastar-se do meu coração, e a ventura que entrevia neste mundo só poderei tê-la quando a minha alma voar à mansão dos infelizes que sofreram na terra; para mim só resta o sossego e a paz que se goza além do túmulo.

— Não desesperes: Fernando, se te não ama cegamente, pelo menos deve ter-te afeição, e, se assim suceder, muito desumano e falto de brio seria se te abandonasse.

— Ah! meu António, segundo ouço dizer, quase todos os homens assim são. Antes de conseguirem os seus fins e de satisfazerem os seus caprichos, fazem mil protestos e mil juras de amor; depois, porém, esquecem-se de tudo e abandonam nas mãos do acaso a pobre vítima que imolaram aos seus desejos. Além disso, fui eu própria que me deixei arrastar para a minha desgraça.

— Descansa, Rosa; Fernando há de desposar-te...

— Deus te ouça, António.

— E, se não lavar a nódoa com que te manchou, outra mulher não há de ele possuir!... Agora, Rosa, que o dia vai aclarando, é preciso que ninguém nos surpreenda nesta conversa a tais horas.

— Que desejas pois que eu faça?

— O seguinte: primeiro que tudo voltarás para a tua casa, a fim de que a tua avó não saiba da tua saída. Depois, continuarás ainda a escrever a Fernando; se ao fim da terceira carta não obtiveres resposta alguma, participar-mo-ás, para se combinar o que convém fazer. Recomendo-te também que nestas últimas cartas empregues todas as frases, todas as súplicas para comoveres o seu coração e nada mais.

— Obedecer-te-ei cegamente.

— E podes fazê-lo, Rosa, porque o meu único desejo é a tua felicidade. Agora é mister que nos separemos: segue os meus conselhos e tem confiança em mim. Adeus.

— Adeus, António, e que a Providência recompense as bondades do teu coração generoso, já que eu não posso dar-te outro prémio senão a minha eterna gratidão.

Rosa voltou a casa ainda a tempo de a sua entrada não ser pressentida, e António seguiu pelos tortuosos caminhos que iam dar à habitação do seu amo.

Fiel aos seus prometimentos a desventurada jovem dispôs-se a seguir sem a mais leve hesitação os conselhos de António, convencida como estava de que o auxílio e a amizade que ele lhe oferecia eram tão leais como espontâneos. Escreveu, pois, as três cartas que ele designara, esforçando-se por empregar em todas elas as frases mais comoventes e enternecedoras.

Estas, porém, não obtiveram melhor resultado que as antecedentes, porque, ao fim de quinze dias, Fernando não dera uma única resposta.

— Então? — perguntou António, encontrando-se um dia com a sua protegida.

— Nem uma única palavra — respondeu esta tristemente.

— Escreveste-lhe já as três cartas que te designei?

— Escrevi.

— Muito bem — continuou o rapaz, depois de pensar alguns minutos. — Tu agora vais fazer o seguinte: escreverás ainda uma outra carta em que lhe exprobrarás o seu procedimento perguntando-lhe os motivos porque não

te tem respondido, acrescentando que, na incerteza de ter ou não recebido as tuas cartas, te verás obrigada a mandar essa por mão própria, aproveitando-te para isso dos meus oferecimentos. Como decerto ele há de estranhar as nossas novas relações e pode, por isso, fazer um juízo menos justo dos sentimentos que atuam sobre nós, convence-o, sob qualquer forma, de que a amizade que nos liga hoje é livre de qualquer tenção interesseira ou amorosa. Essa carta entregar-ma-ás amanhã pela manhã, e serei eu o próprio que hei de fazê-la chegar às suas mãos; desta maneira creio que há de ter uma resposta, e por ela avaliaremos quais são as suas tenções futuras e qual o estado do seu coração ao teu respeito.

— Mas tu na verdade desejas ser o portador?...

— E que há nisso de extraordinário? Faz o que te aconselho e deixa correr o mais pela minha conta.

— Continuarei, pois, a obedecer-te: amanhã às oito horas aparece para te entregar a carta, e que Deus te agradeça os sacrifícios que fazes por mim.

Separaram-se, e, no dia seguinte, à hora aprazada, Rosa entregou-lhe a carta.

António dirigiu-se em seguida a sua casa, procurou seu amo e falou-lhe nestes termos:

— Sr. Padre Francisco, vinha pedir-lhe consentimento para me deixar ir hoje ao Porto.

— Ao Porto, para quê?!

— Para entregar esta carta à pessoa a quem vai dirigida — e mostrou-lhe o sobrescrito da missiva de Rosa.

— Essa carta é?

— De Rosa.

— Ah! já percebo: constituíste-te em parlamentário entre duas nações beligerantes.

— As circunstâncias que se têm dado obrigam-me a fazer tudo quanto possa para vê-los ambos felizes.

— Anda lá, António, anda lá; sei que és um rapaz de tino e por isso não me oponho aos teus desejos. Mais tarde talvez saibas o bem que fazes, empenhando-te pelo futuro dessa pobre rapariga... Quando quiseres, podes partir e

escolhe uma das melhores carruagens da cavalariça, para ires mais depressa.

— Obrigado, Sr. Padre Francisco; e, visto dar-me licença, parto ao anoitecer, para voltar ainda esta noite e não tornar a minha ausência notada pelos outros rapazes, que decerto não descansariam enquanto não soubessem onde fui.

À noite, António desceu à cavalariça, aparelhou ele próprio uma das éguas que ali estavam e, saindo sem ser visto pela gente da casa, pôs-se a caminho para a estrada real que conduzia ao Porto, que depois seguiu a trote cerrado.

Do que depois se passou entre ele e Fernando já os leitores sabem.

O jovem voltou nessa mesma noite à aldeia, onde chegou quase de madrugada, e, poucas horas depois de se ter apeado, encaminhou-se para próximo da habitação de Rosa, a fim de dar parte à ansiosa rapariga do resultado da sua empresa.

Ela já o esperava.

— Então? — perguntou a rapariga, mal o avistou.

— Tudo correu à medida dos meus desejos: encontrei-o, falei-lhe, recebeu a tua carta e respondeu o que aí vai. E entregou-lhe a carta de Fernando.

Lançou mão dela, abriu-a, tremendo, e leu com sofreguidão as poucas linhas que continha.

Terminada a leitura, o rosto purpureou-se-lhe levemente, e levou o olhar ao céu como para dirigir secretamente uma prece a Deus.

António, que lhe seguia atentamente todos os movimentos, exclamou:

— Então, Rosa, boas notícias?

— Lê — e entregou-lhe o papel.

— O jovem passou-o também rapidamente pela vista, depois do que continuou:

— Bem; vejamos agora a que vem ele cá.

— Encontraste-o mesmo em casa?

— Não; fui aí, mas disseram-me que não estava lá e poderia encontrá-lo em casa da baronesa, que era onde ele costumava passar as noites.

— Em casa da baronesa?! — interrogou a rapariga, estremecendo.

— Sim, efetivamente lá o encontrei. Como era de prever, a minha aparição pareceu causar-lhe certa estranheza, que quase se dissipou ao concluir a leitura da tua carta. A baronesa e a filha, essas, fizeram-me muita festa, perguntaram-me pelas pessoas da aldeia, instaram para que eu passasse a noite na sua casa, oferecimento que o Sr. Fernando igualmente me fizera antecedentemente, mas que eu não aceitei, e afinal, retirando-se, recomendaram-me que fizesse visitas a todos e que lhes dissesse que brevemente viriam aqui passar algum tempo. Ora eis tudo o que se deu.

Rosa quase que nem ouvira as últimas palavras de António, tal era a abstração em que ficara.

O rapaz, ao vê-la assim abatida, exclamou:

— Rosa, que tens que te aflige?

— Queres saber, António? — respondeu ela como acordando daquele Largo. — Assalta-me um triste

pressentimento: Fernando jamais me desposará; ia jurá-lo, se tanto fosse preciso.

— Mas que motivo tens para assim pensares?

— Fala-me com franqueza: Que pensas tu dessas visitas continuadas que Fernando faz a casa da baronesa, como acabaste de dizer?

— Nada absolutamente...

— E não crês que o único motivo que o leva todas as noites a casa da baronesa seja a Deolindinha?

— Por ora não posso crer; mas, como ele vem falar-te no sábado, melhor poderás saber isso; por enquanto nada de juízos temerários.

Chegou afinal o dia aprazado.

Rosa, se por um lado parecia desejar a chegada de Fernando, por outro também temia esse encontro, como se dele dependesse a sua sorte futura. Perto da meia-noite desse dia, Fernando, cuidadosamente embuçado numa ampla capa de viagem, descavalgava nas proximidades da habitação de Rosa e, depois de prender o cavalo ao tronco

de uma árvore, dirigiu-se para o quintal da casa, e fez o mesmo sinal porque antigamente se anunciava.

Rosa, que desde o anoitecer se conservara acordada e atenta, não se fez esperar muito tempo e correu imediatamente a encontrar-se com Fernando.

Foi uma cena patética em que, depois de alguns meses de ausência, aquelas mãos se apertaram freneticamente e aqueles lábios se uniram para dar o beijo das boas-vindas.

Fernando não se eximira àquelas demonstrações de afeto, e, pelo contrário, respondeu a elas com o mais sincero carinho, o que bem claramente demonstrava que no seu peito havia alguma coisa mais do que uma simples afeição para com aquela mulher.

O que é certo, porém, é que, ao apertar entre as suas as mãos secas e geladas de Rosa, estremeceu, como se a ciência que estudava lhe revelasse naquele descarnamento e frieza dos membros os sintomas de uma terrível moléstia, a tísica! Forcejou, contudo, por dissuadir-se das suas tristes apreensões e encetou o diálogo por estas palavras:

— Deves estar muito despeitada pelo meu procedimento, não é verdade, Rosa?

— Despeitada, não, Sr. Fernandinho; mas ansiosa por saber os motivos do seu silêncio.

— Tens razão, filha; as minhas ocupações, porém, têm-me roubado todos os momentos.

— Não diga isso, Fernandinho: três minutos, sequer, lhe bastavam, de oito em oito dias, para me sossegar o coração; mas, quando se traz a cabeça desvairada por outros amores, chega-se a esquecer até a pobre aldeã, que lá longe se definha e se sente morrer de pesar por se ver assim desprezada e esquecida.

— Rosa!...

— Oh! não tente negá-lo: adivinhou-mo o coração, primeiro; depois quase tive a certeza dos meus pressentimentos.

— Mas quem julgas então?...

— Ora, quem hei de julgar que lhe ocupa todas as atenções senão a filha da Sra. baronesa!

— Mas...

— Não me enganei, não é verdade? Pode responder-me com franqueza, porque estou preparada para tudo.

— Pois bem, Rosa, vou dar-te a verdade: efetivamente existem entre mim e a D. Deolinda, de há muito, relações de amizade.

— Diga-me antes de amor. Mas, foi para dar-me essa agradável nova que veio do Porto aqui?

— Talvez. É preciso rasgar por uma vez O véu que tem ocultado as minhas intenções para contigo. Rosa, por quem és, perdoa-me se te enganei: tu não podes ser minha esposa.

A jovem não respondeu uma única palavra, não fez um só gesto, nem patenteou o mínimo sinal de espanto. Fernando continuou:

— Não podes tornar-te minha esposa, Rosa, não porque sejas indigna da minha mão e do meu nome, não porque não encontre em ti as qualidades necessárias para me fazeres feliz, mas porque, antes de travarmos estas relações, já existia um compromisso, uma espécie de pacto

entre mim e D. Deolinda, pacto esse que ainda há poucos dias foi autorizado e corroborado pela baronesa. Se for a comparar a igualdade do amor que nutro por ti e por ela, a diferença seria bem maior ao teu respeito, com franqueza o digo. Não nego, contudo, que tenho alguma afeição à filha da baronesa, mas acima de tudo isto está a minha palavra e a minha dignidade de cavalheiro perante a sociedade.

Um sorriso amargo passou pelas faces da rapariga, ouvindo estas últimas palavras, e exclamou depois com desdém:

— Palavra!... Dignidade!... E não terei eu porventura também o direito de perguntar-lhe pelos seus juramentos e pelo cumprimento das suas promessas?

— Tens razão, Rosa, mas existe aí uma diferença bem sensível: é que as nossas relações têm sido tão secretas, tão ignoradas, que, dado o caso de eu não cumprir a minha palavra para contigo, o mundo nada me lançaria em rosto, enquanto que com D. Deolinda dá-se muito o contrário.

— São realmente convincentes as suas razões, Sr. Fernando! Oh! mas eu nada mais necessito ouvir. Está tudo terminado entre nós, não é verdade? Pois bem, seja feliz:

case com quem lhe aprouver, porque eu não o impedirei nos seus desígnios. Oxalá que os remorsos não lhe martirizem um dia a existência.

— Espera, Rosa: conheço que sou culpado, mas ainda assim não me condenes tão injustamente; é verdade que vou desposar outra mulher, porque a força das circunstâncias a isso me obriga, mas, apesar disso, o meu coração não deixará nunca de pulsar por ti, e, se queres uma prova convincente do que afirmo, poderei dar-ta compartilhando contigo o melhor dos meus afetos. Que importa que eu esteja ligado a outra mulher, se o meu coração, a minha vida, só a ti pertencem?

— Cale-se, Sr. Fernando! Julga-me tão depravada que descesse a semelhante degradação? Oh! antes a morte mil vezes.

— Sei que possuis uma alma nobre, Rosa, mas nada mais queria senão provar-te que te amo e amarei sempre.

— Obrigada, muito obrigada por esse amor, mas permita-me que lhe diga que não posso crer em semelhante afeição, e, mesmo dado o caso que ela existisse, deveria

acabar no momento em que se unisse a outra mulher. Enquanto a mim, eu já esperava tudo isto e a ninguém mais culpo se não a mim própria. Tivesse eu ao menos um coração insensível e frio como o têm muitas pessoas!...

— Perdoa-me, Rosa, perdoa-me, por quem és.

— Perdoo-lhe, Sr. Fernando — prosseguiu a rapariga, contendo a custo as lágrimas — , perdoo-lhe, porque o amo e amá-lo-ei até à morte: perdoo-lhe porque é um dever meu perdoar-lhe. Lembre-se, contudo, de quanto fiz pela sua causa e não se esqueça sobretudo que me roubou o mais precioso dote que uma mulher pode ter: a honra!... Depois, quando eu já não for deste mundo, peço-lhe que não se esqueça daquela que tanto o amou, e, como prémio desses momentos felizes que passámos juntos, vá derramar uma lágrima só sobre o pedaço de terra que me cobrir o corpo inerte. Oh! deve-me ela ser agradável, far-me-á talvez ainda pulsar o coração exangue...

— Rosa, filha da minha alma, não digas isso...

— Com franqueza, Fernandinho: O senhor, como médico não pressentiu em mim alguma coisa que me deve encurtar

os dias da existência?

Fernando não respondeu.

— Fale, fale sem receio; bem vê que faço esta pergunta com toda a serenidade.

— Eu não pressinto nada.

— Oh! sei que não fala verdade, porque experimento os sintomas de uma enfermidade que muito breve me lançará na sepultura; a minha morte deverá até servir-lhe de grande alívio, e eu peço-a a Deus a todos os momentos.

— Enganas-te, Rosa: tu não hás de morrer; quero que vivas e que tenhas esperanças no futuro, já que o destino presentemente nos separa.

— Esperar?! Pois que posso eu esperar do futuro? Acaso tentará ressalvar o seu procedimento com esperanças vás? Eu perdoo-lhe tudo, e tanto assim que o meu único desejo é que viva feliz com essa que Deus lhe destinou para esposa, e que é também um anjo de bondade. Não será a minha presença que ofusque o brilho da sua ventura. Parta; não prolongue por mais tempo este horrível martírio que me despedaça a alma e perdoe-me também algum mal que lhe

tenha feito sofrer. Adeus, até à eternidade... Quando voltar a esta aldeia, já não restará de mim senão a memória.

— Não me fales assim, porque me mortificas. É efetivamente preciso separarmo-nos, porque sofro; mas, antes de partir, queria apertar-te ao meu coração. Recusar-te-ás porventura a este pedido?

— Oh! não, não! — E, dizendo isto, a pobre rapariga, sufocada pelo choro, lançou-se-lhe impetuosamente nos braços.

Fernando, não menos comovido, cobria-lhe o rosto de beijos e murmurava algumas palavras de esperança.

Durou bastante tempo este doloroso transe. Aqueles dois corpos parecia não poderem desunir-se, e não foi sem custo que, depois de muitas lágrimas e de muito adeus, Fernando se desvencilhou dos braços de Rosa, afastando-se precipitadamente.

A rapariga, mal o viu desaparecer, deu ainda alguns passos para se encaminhar para casa, mas caiu extenuada sobre o pavimento do quintal.

Fernando, ao afastar-se daqueles lugares, ia triste, com o coração alanceado, e por mais de uma vez exclamou:

— Pobre Rosa! Fui bem cruel para com ela. Para que a vi eu?... E tinha jurado pertencer-lhe... infeliz rapariga, és sacrificada aos preconceitos deste mundo!...

CAPÍTULO 14

Chegou finalmente o dia em que Fernando devia fazer o seu acto grande, a última prova de aproveitamento no curso que, como a baronesa tinha designado, o jovem convidara sua família para vir ser testemunha presencial da sua formatura, mas ao convite acedera só seu pai, que na véspera desse dia se apresentara em casa de Fernando, risonho e alegre, como alegres se podem mostrar os pais que veem seus filhos chegar ao termo de uma carreira que lhes promete uma posição distinta e honrosa.

O jovem nesse mesmo dia foi apresentar seu pai à baronesa e a sua filha, que o receberam com a afabilidade e sem-cerimónia com que sempre se acolhe um amigo velho e futuro parente, e desde logo o convidaram, tanto a ele como a Fernando, para jantar na sua companhia depois do exame.

No dia seguinte, o pai de Fernando, convenientemente vestido para assistir a uma cerimónia tão importante,

envergando a sua antiquíssima casaca, que só aparecia nos actos solenes, tendo na cabeça um enorme chapéu de seda, já arruçado pelo pó de muitos anos, e apoiando-se num bengalório de castão de prata, o que tudo lhe dava uma feição um tanto grotesca, apeava, meia hora antes de começar o acto, conjuntamente com a baronesa e a sua filha, de um lindo trem que parara próximo das escadas que davam ingresso para o edifício da escola.

À aparição do pai de Fernando, alguns estudantes que conversavam no pátio não puderam deixar de se rir do aspeto grave e semicómico do velho, e entre si divertiam-se com alguns epítetos dirigidos ao traje do recém-chegado, o que lhes aumentava a hilaridade.

Tudo isto, porém, terminou, quando Fernando, avistando seu pai, se encaminhou com toda a seriedade para ele, com a cabeça descoberta, beijando-lhe depois respeitosamente a mão e cumprimentando em seguida as duas senhoras com toda a delicadeza.

— É o pai de Fernando! — exclamaram alguns dos rapazes; e desde logo os sorrisos sarcásticos desapareceram completamente dos seus lábios.

Esta repentina mudança nos estudantes a nada mais se podia atribuir senão à respeitosa consideração e estima que era votada a Fernando pelos seus condiscípulos.

O rapaz, com a cara altiva e como ufano de levar ao seu lado o honrado lavrador, entrou na sala dos actos e ele próprio o conduziu aos lugares, em que tanto seu pai como as duas senhoras tomaram assento.

Poucos momentos depois, Fernando foi chamado, e começou o acto.

Como bom estudante que fora sempre, e dotado além disso de uma bela inteligência, naquela última prova não desmereceu nada da boa reputação que de há muito gozava, e a defesa da sua tese ostentou-se tão brilhante que os próprios lentes foram os primeiros a felicitá-lo e a endereçar-lhe os mais justos e sinceros elogios ao seu talento, sendo estes secundados pelos parabéns e cumprimentos dos seus condiscípulos e de outras pessoas que tinham assistido àquela cerimónia.

O pai de Fernando quase chorava de alegria ao ver o triunfo alcançado pelo seu filho, e do íntimo da alma

abençoava aquelas dezenas de moedas que gastara na sua formatura.

Quanto à baronesa e a sua filha, essas não estavam menos contentes e comovidas, revendo-se uma no futuro genro e a outra no simpático noivo.

O resto dos espectadores partilhava igualmente da admiração que lhe inspirava aquele rapaz, não só pelos seus méritos, como pelo seu porte distinto e despretensiosa presença.

Terminado o acto, voltaram todos para casa da baronesa, onde estava preparado um lauto jantar, para o qual ela convidara umas três ou quatro pessoas das suas mais íntimas relações, tendo Fernando convidado alguns dos seus condiscípulos.

O banquete correu no meio da mais franca alegria, e à sobremesa a mãe de D. Deolinda encaminhou a conversa para o assunto que mais parecia desejar, começando por estas palavras dirigidas ao pai do novo médico-cirurgião:

— Com que então, Sr. José da Costa, tem já um distinto facultativo na família, não é assim?

— É verdade — respondeu o velho com aquela rude franqueza que lhe era habitual —; mas também ficou-me por bom preço o tal cirurgião: se continua a estudar por mais alguns anos, e se os meus negócios, louvado Deus, não têm tido bom caminho, sempre lhe digo, Sra. baronesa, que o morgado havia de ficar um pouco derrotado.

— Ora, não havia de ser tanto assim — continuou ela — o Sr. José da Costa bem sabe que não empobrecia tão depressa como diz.

— Enfim, Sra. baronesa, eu, quando o destinei para os estudos, abalancei-me ao que desse e viesse e não choro o dinheiro que gastei. Além disso, eu sei o que são os rapazes por cá, e o que nunca quis foi que ele fizesse triste figura ao pé dos companheiros; e para o quê... ele aí está que o diga. Nunca me mandou pedir dinheiro que lho não mandasse, e às vezes até mais do que me pedia, e outras, mesmo sem mo requisitar.

— Agora o que o senhor deve é procurar-lhe um bom casamento, porque isso mesmo se torna necessário para a sua profissão.

— Disso é que eu não quero saber; ele que procure mulher ao seu gosto, mas contanto que não seja por aí alguma desregrada que o torne infeliz.

— Ele, segundo me consta, parece que já fez a sua escolha, e creio que não foi desacertada.

— Sim?! Então, pelo que vejo, ela é cá do Porto...

— É, e tenho até estreitas relações com essa pessoa, se é a mesma que eu penso.

— Ora bravo! E então, meu maroto, andavas com isso tão calado?!

— Eu, meu pai — respondeu o rapaz, sorrindo-se — , não me tinha ainda atrevido a confessar-lhe...

— Ora vamos então a saber: quem é a escolhida? É nova, bonita, etecetera?

A esta pergunta, a baronesa, sua filha e Fernando não puderam deixar de rir.

— Meu pai!... — exclamou o rapaz, um pouco confuso.

— Então, de que se riem? Acaso a minha pergunta foi inconveniente?

— Não é isso — atalhou a baronesa — mas, como a noiva está a ouvir...

— A ouvir?! — exclamou o velho, olhando para todos os cantos da sala. — Não vejo...

— Ora olhe bem para a pessoa que está à direita do seu filho, e conhecê-la-á.

— A Sra. D. Deolinda?! — atalhou José da Costa, dando um pulo na cadeira, tal fora a surpresa que lhe causaram as últimas palavras.

— Sim: minha filha. Então que lhe parece? Acha que não fez boa escolha o nosso Fernando?

— Ó Sra. baronesa, V. Exa. decerto está a divertir-se comigo.

— Não estou, não, e para prova pergunte-o ao seu filho.

— Então isso é verdade, Fernando? — perguntou ele.

— Disse-o a Sra. baronesa, meu pai, e ela não costuma divertir-se com coisas sérias.

— Nada, não creio. Pois a Sra. baronesa havia de consentir em casar sua filha com o filho de um lavrador?

— E parece-lhe isso extraordinário? — respondeu a baronesa. — Acaso não é

Fernando bem digno dela? Vamos, entre nós está tudo preparado e só falta a sua anuência: consente neste casamento?

— Ó Sra. baronesa, V. Exa. manda, não pede. Que melhor esposa poderia meu filho encontrar que não fosse a Sra. D. Deolinda? Além disso, sendo esta união da vontade de ambos, é o bastante também para o ser da minha. A única coisa que me entristece é o eu ficar privado da companhia do meu Fernando, que tanto estremeço; no entanto, visitar-nos-emos depois a miúdo, e assim espalharemos saudades.

— Quanto a isso, meu amigo, esteja descansado, porque tudo está prevenido de forma que não sentirá a falta do seu filho: irá viver para a sua companhia, ou ao menos para bem perto do Sr. José da Costa; já tínhamos combinado tudo isso.

— Mas então...

— Ora ouça-me: primeiro que tudo desejo que este consórcio se efetue o mais brevemente possível; para isso já está tudo prevenido. Amanhã, iremos ao meu tabelião assinar as escrituras do casamento; no dia seguinte partiremos todos para a sua aldeia, onde se efetuará a cerimónia. Aí, o Sr. Fernando e a sua esposa irão habitar para as minhas propriedades, onde lhes farei companhia, e assim viveremos todos juntos até quando Deus quiser. Satisfazem-no os meus planos?

— Ah! minha senhora, não pode haver maior felicidade, e confesso que a Sra. baronesa me confunde com tantas bondades.

— Ora muito bem: visto isso, está tudo decidido, e desde já ficam ambos sendo meus hóspedes, ou para melhor dizer, parte da minha família.

— E a Sra. D. Deolinda, que diz a isto? — interrogou o bom velho alegremente. — Não se desprezará por ter por pai um rústico como eu?

— Isso é graça: o Sr. José da Costa é uma pessoa honrada e sobretudo é o pai do meu Fernando.

— Ora bravo! Assim é que eu gosto de a ouvir falar... — E, dirigindo-se depois ao seu filho, continuou: — Anda, meu brejeiro: sempre te digo que fizeste por cá lindas coisas... O que não irá pela aldeia quando souberem deste casamento!... Agora o que é necessário é tu escreveres a tua mãe e participar por nós todos.

— É desnecessário esse trabalho — atalhou a baronesa — porque hoje mesmo partirão para a aldeia alguns dos meus criados a dispor tudo em casa para a nossa receção e a um deles incumbirei de participar a sua esposa o sucedido.

— Como ficará louca de alegria a pobre velha! — exclamou o pai de Fernando — , ela que estremece tanto como eu este único filho!...

Continuou ainda a conversa por algum tempo, e os convidados só se retiraram, já alta noite, depois de terem felicitado os dois noivos e de fazerem os costumados cumprimentos às, para além disso, pessoas.

No dia seguinte foram assinadas as escrituras do casamento, empregando o jovem médico o resto do dia em

despedir-se dos seus professores e das pessoas das suas relações, e no imediato, pelas dez horas da manhã, entravam todos num a carruagem de posta, que daí a pouco caminhava ao longo da estrada que conduzia à aldeia de...

CAPÍTULO 15

A chegada da baronesa e de Fernando foi um verdadeiro sucesso para a aldeia.

A mãe de Fernando, tendo no dia antecedente recebido as felizes notícias de tudo quanto se passara, fora imediatamente desabafar com alguns vizinhos as alegrias que lhe transbordavam do coração, e dera-lhes parte não só do casamento do seu filho, mas também da próxima chegada da baronesa, que vinha habitar outra vez nas suas ricas propriedades.

Poucas horas depois, toda a aldeia estava sabedora desses sucessos, e desde logo começaram os preparativos para uma brilhante receção aos recém-vindos, não só pelas simpatias que estes inspiravam a toda a povoação, como pessoas gradas, mas também porque ainda estavam bem vivos na lembrança de todos os actos de caridade e de beneficência que a baronesa praticara durante o tempo que ali vivera.

Foi em consequência disto que os recém-chegados, ao entrarem na aldeia, depararam com uma multidão de povo que os esperava com curiosidade, e à frente da qual estavam o pároco da freguesia, o regedor, o mestre-escola, o boticário e muitas outras pessoas consideradas da localidade. Dir-se-ia, pela agitação e bulício que se notava por toda a parte, que chegara à povoação o bispo ou pessoa real.

Fernando, ao atentar na multidão, pareceu procurar no meio dela alguma pessoa, que não viu.

Efetivamente, a pessoa que ele procurava, a Rosa do Adro, não estava ali, e talvez fosse a única que não viera partilhar da geral alegria e curiosidade.

A pobre rapariga, que nos últimos dias tinha sentido recrescer-lhe com uma espantosa celeridade esse terrível padecimento a que a medicina deu o nome de tísica, estava já em tal estado de prostração que nem de casa podia sair.

Entre a multidão, porém, Fernando encontrara, em vez do olhar meigo da sua antiga amante, uns outros olhos, brilhantes e sombrios, que o fitavam sinistramente e que o

fizeram estremecer. Eram os do António do padre; único confidente das relações secretas dos dois jovens.

A baronesa e as, para além disso, pessoas que a acompanhavam entraram na sua antiga habitação, e, depois de conversarem com algumas pessoas que as tinham ido esperar, Fernando e o seu pai despediram-se de todos e dirigiram-se para sua casa.

No dia seguinte, logo de manhã, D. Deolinda, depois de pedir a sua mãe permissão para ir visitar algumas pessoas das suas antigas relações, encaminhou-se para a habitação de Rosa, que fora uma das suas amigas mais afeiçoadas e a quem parecia estimar mais do que a nenhuma outra.

Ao transpor a porta, a filha da baronesa ficou transida de espanto, ouvindo da avó de Rosa as seguintes palavras:

— A minha neta, Sra. D. Deolinda, está muito doente, e o seu estado é tal que já nem há talvez esperanças de a salvar.

— Oh! deixe-me ir vê-la, deixe-me ir ver a minha pobre amiga — exclamou D. Deolinda, precipitando-se impetuosamente para a porta do quarto de Rosa.

Ao transpô-la, porém, parou subitamente horrorizada pelo quadro que se lhe deparava.

Rosa, a bela rapariga de outro tempo, achava-se meio deitada no leito, encostada a alguns travesseiros que lhe amparavam o corpo; o rosto, descarnado e abatido, tinha a palidez dos moribundos; os olhos brilhavam-lhe ainda, mas de um fulgor embaciado e sem vida; os lábios, desbotados e secos, assemelhavam-se às pétalas de uma rosa queimada pelos ardores do Sol!

As duas amigas, ao avistarem-se, estremeceram instintivamente, e D. Deolinda, com as lágrimas nos olhos, acercou-se do leito, exclamando:

— Rosa, neste estado?!...

— É verdade, Sra. D. Deolinda — respondeu a doente em tom resignado.

— Quando eu presumia vir encontrar-te com muita vida e feliz, vejo-te prostrada neste leito de dores!... Como foi isto, minha amiga?

— Não sei, Deolindinha, parece-me que uma pequena constipação... talvez... deu princípio a esta terrível

moléstia.

— E há muito tempo que estás doente?

— Há já bastante que eu senti os primeiros sintomas, mas ultimamente tem aumentado espantosamente.

— E porque não atalhaste a moléstia logo no começo?

— Porque não pude, ou não quis!

— Não quiseste, como!?

— Para que nos serve a existência neste mundo?... Para desgostos e mortificações, não é verdade? Quanto mais longa for, mais amargo se tornará o fel da nossa taça; assim, morrendo, termina-se mais depressa com este martírio constante em que muitas vezes vivemos, e deixamos até, talvez, de servir de empecilho à felicidade dos outros.

— Não te percebo, Rosa: falas-me uma linguagem tão estranha!...

— Oh! nem eu desejo que me perceba; o mais que posso dizer-lhe é que a vida só é bela para aqueles que encontram

um coração que os ama... como, por exemplo, a Sra. D. Deolinda, não é assim?

— Então já sabes?

— Sei; sei tudo, porque mo contaram: sei que vai desposar o Sr. Fernando.

— E então que te parece o meu noivo?

— Oh, é uma bela alma, que fará a felicidade da sua esposa... Ele ama-a muito?

— Muito, muitíssimo!

— Sim?... Oxalá que nenhuma nuvem negra lhes obscureça o horizonte da sua felicidade.

— Que queres dizer nisso, Rosa?

— Oh! nada; não faça caso das loucuras de uma desgraçada, que descreu completamente de tudo.

— Minha amiga, tu ocultas-me alguma coisa; a maneira como te exprimes denota que na tua alma há muita amargura.

— Não se engana, Deolindinha.

— Então sê franca para comigo: conta-me os teus sofrimentos e desabafa no meu seio os pesares que te mortificam. Amaste talvez algum rapaz que te pagou por fim todos esses afetos com o desprezo e o esquecimento, não é verdade?

— Pior do que isso!...

— Pior ainda... Como?!

— Eu lhe conto... Mas de que servem agora narrações que nada devem interessar-lhe?... Olhe, Deolindinha, falemos de outro assunto; é melhor que a menina ignore toda a vida esses horríveis desenganos do mundo...

— Não, não quero; se és minha amiga, Rosa, nada me ocultes; chorarei contigo as tuas infelicidades e compartilharei das tuas mágoas como verdadeira amiga que sou tua.

— Então sempre quer que lhe conte a história das minhas desventuras? — exclamou Rosa, depois de alguns momentos de silêncio, e transparecendo-lhe no rosto um sorriso de indescritível amargura.

— Já to pedi.

— Pois bem: vista a sua insistência, ouça-me:

"Quando eu, ainda ao desabrochar da vida, ignorava o que era sentir o peito agitado por desconhecidas palpitações, quando ainda nem sequer pela mente me passava a ambição de possuir uma alma meiga e sensível que sentisse como a minha, deparou-se-me um homem, um anjo, que, pela doçura das suas palavras, pela convicção dos seus juramentos, pela languidez do seu olhar e pelo conjunto, finalmente, de todas as belezas que o adornavam, me fez estremecer misteriosamente a corda mais sensível do meu coração,-me ao mesmo tempo experimentar, pela vez primeira, sensações e anelos que até aí eram para mim completamente desconhecidos!... Tentei fugir a essa fascinação que me cegava; forcejei por ensurdecer-me às suas apaixonadas declarações, que ecoavam sonoramente no mais recôndito da minha alma: fiz tudo quanto pude para fugir-lhe, porque já parecia antever os futuros dissabores e infelicidades que me traria esse amor, mas não pude!... O piloto do frágil baixei deixou-se fascinar pela beleza de uma praia longínqua, e, perdido nos escolhos

daquela imensidade, pereceu!... Já tinha de assim suceder!...

Vivemos muito tempo embriagados e entregues aos prazeres de um amor sem mácula... Eu amava-o com esse amor puro e inocente de criança, com a cegueira e loucura de um primeiro afeto, com a força e o vigor de um coração ainda virgem de tais paixões... Ele... também parecia amar-me; pelo menos jurou-mo por mais de uma vez... Como eu lhe ouvia, convicta e inebriada, os seus protestos apaixonados!... Uma noite — noite bem horrível e desgraçada! — deixei-me seduzir, mais do que nunca, pelas suas carícias e pelos seus juramentos. Fora eu talvez a verdadeira culpada da minha ruína, e, demasiadamente fraca para ter a força de fugir a essa alucinação que me fechara os olhos da razão e do decoro, cedi!... Era mulher, e amava!... Ah, Deolindinha, não estranhe o meu procedimento! Quando uma mulher ama como eu amava, quando se tem a convicção das promessas de um homem, não há mulher nenhuma que deixe de satisfazer os mais pequenos caprichos, as mais insignificantes vontades, e de ceder aos rogos, enfim, desse ente a quem deu quantos

afetos possuía; o nosso único desejo é provarmos-lhe sempre o nosso amor, com risco até do maior dos sacrifícios: é não o desgostarmos por um só momento, é, enfim, entregarmo-nos toda a ele, viver, sofrer, morrer pelo seu amor!...

A indiferença e o tédio começaram a desenvolver-se nele desde essa noite fatal, e então comecei a descrer do amor que tantas vezes me tinha jurado, e entreguei-me a uma desesperação dolorosa, que começou a matar-me!...

Finalmente, passado algum tempo, esse homem, que jurara amar-me e que sob esse pretexto me roubou o que eu tinha de mais precioso, a honra, dizia-me pela sua própria boca que fizesse por esquecê-lo, e que a recompensa do meu amor e dos meus sacrifícios seria a eterna lembrança que de mim conservaria, e o resto ainda dos seus afetos, pois que a sociedade e os compromissos impediam o nosso casamento!... Parece incrível que isto se diga, mas ouvi-o eu!... Desta forma, abandonada por ele, desfeita a última esperança, e despojada do mais precioso dote de uma mulher, que podia eu anelar neste mundo senão uma morte breve que viesse pôr fim às minhas dores? Pedi

ardentemente a Deus que me levasse desta vida de enganos, e ele ouviu-me. Bendito seja!

Morrerei, pois, com o coração cruciado de torturas, mas nunca maldirei o autor dos meus sofrimentos; antes, pelo contrário, o meu último suspiro será para ele, porque ainda o amo, porque o amarei até depois da morte!...

Aí tem, Deolindinha, a triste história dos meus infortúnios e a verdadeira causa do estado em que me veio encontrar."

— Minha pobre Rosa — exclamou a filha da baronesa, banhada em sentido choro — , foste muito infeliz, é verdade, mas talvez haja ainda um remédio para os teus males. Perdeste completamente a esperança de reconquistares o coração desse homem?

— Completamente.

— E ele ignora o estado em que estás?

— Talvez... não sei.

— Então, minha amiga, não percas de todo a esperança. Não haverá homem tão cruel que, em presença dos sofrimentos de uma mulher que vê resvalar para o túmulo

pela sua causa, não deixe de reparar a falta que cometeu. Serei eu própria a primeira a interceder por ti e estou certa que não será insensível aos meus e aos teus rogos: pedir-lhe-emos ambas a reparação desse erro, e, se tanto for necessário, lançar-nos-emos juntas aos seus pés.

— Oh! isso nunca, nunca!

— Porquê, Rosa?

— Porque seria forçá-lo a reatar o fio de relações que se lhe tornariam prejudiciais... porque era obrigá-lo a amar uma mulher por quem hoje não sente, talvez, a mínima afeição; porque a junção das nossas almas trar-nos-ia de futuro dissabores e lágrimas; porque finalmente... ele ama outra, que o deve fazer mais feliz!

— Então desistes de qualquer tentativa de congraçamento?

— Desisto.

— Pois bem — continuou Deolinda, depois de alguns momentos de reflexão — , tomarei eu só esse encargo. Declara-me o nome desse homem, e eu, experimentando os

seus sentimentos, verei se será possível reanimar-lhe no coração os seus antigos afetos.

— Oh! não, não quero.

— Porquê?

— Porque não quero nem devo declarar esse nome: É um segredo que morrerá comigo, e, se a menina é efetivamente minha amiga, peço-lhe que o respeite.

— Não posso... Indagarei.

— Serão baldados os seus esforços, porque talvez ninguém saberá responder-lhe.

— Ninguém?...

— Só uma pessoa, mas essa não lho declara. Estas relações foram sempre tão secretas, tão misteriosas desde uma certa época...

— Rosa, assalta-me um triste pressentimento: a tua narração, as peripécias desse amor e a tua recusa obstinada em me declarares o nome desse homem coincidem notavelmente com alguns factos que se têm dado

e fazem-me por isso supor que esse homem não é outro senão...

— Não é quem supõe; não é desta aldeia — exclamou a jovem aflita.

— Não é outro senão Fernando! — concluiu a filha da baronesa, sem se importar com a interrupção da desventurada rapariga, e fitando nela um olhar perspicaz.

Àquele nome, Rosa sentiu-se de todo aniquilada; quis ainda balbuciar uma negativa, mas não pôde; um anel de ferro parecia ter-lhe apertado a garganta.

A filha da baronesa, com os olhos sempre fitos no seu rosto, não perdera um só dos seus movimentos e viu que não se tinha enganado nas suas tristes suposições; no entanto, como para melhor se certificar, e como se ainda lhe custasse a crer nesta triste verdade, exclamou fora de si:

— Rosa, por quem és, não me tortures mais com o teu silêncio; se és minha amiga, se me estimas como dizes, revela-me a verdade: esse homem que amaste, e que ainda amas, é Fernando, não é verdade?

— É... Perdão!... — respondeu a jovem com a voz abafada pelos soluços e caindo, extenuada por aquele esforço, sobre o leito.

A filha da baronesa, àquela afirmativa, empalideceu mortalmente: um frio de gelo percorreu-lhe todos os membros, e duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces, duas lágrimas destiladas da mais acerba dor.

Passados os primeiros momentos de natural comoção, Rosa foi a primeira a interromper o silêncio, exclamando entre sufocado soluçar:

— Perdoe-me, Deolindinha, perdoe-me por quem e...

— De que me pedes perdão, minha pobre amiga? — exclamou a filha da baronesa com uma aparente serenidade. — Acaso não serei eu a mais culpada?... Olha minha Rosa, nós o que somos é muito desgraçadas; eu também lhe queria tanto como tu.

— Pois continue a amá-lo como até aqui, porque ele é bem digno do seu amor; despose-o, sejam felizes; da eternidade abençoarei essa união e pedirei a Deus por ambos.

— Que dizes, Rosa? Acaso enlouqueceste? Pois persuades-te que eu desposaria um homem que foi amado por outra a quem tornou tão desgraçada? Não penses nisso, minha boa amiga: ninguém mais do que tu tem o direito á sua mão, e deves possuí-la.

— Não diga isso, Deolindinha, que me martiriza. Que lucraria agora em recusar uma união que a deve tornar tão ditosa? Bem vê que são poucos os dias que me restam de vida, e forçar, com a sua recusa, Fernando a desposar um cadáver, seria na verdade uma indesculpável tirania. Além disso, Fernando nunca a tal acederia e isso ia decerto agravar a minha triste posição e dar lugar à propagação de um segredo que eu desejava que morresse comigo.

— Não te dê cuidado, Rosa: far-se-á tudo de modo que esse casamento a todos pareça uma coisa bem natural; eu me encarregarei disso. Enquanto à recusa de Fernando, não deve ter assim esquecido os seus deveres de homem honrado, nem tão-pouco há de ter perdido todo o amor que te consagrou.

— E a Deolindinha?

— Eu, minha amiga, depois de vos ver unidos e felizes, recolher-me-ei com a minha mãe a um convento, e aí terminaremos ambas a existência.

— Mas isso é horrível; é um sacrifício desesperado... Promover o casamento de um homem a quem ama tão ternamente e, ainda mais, ser testemunha da sua união!...

— Deus há de dar-me força para tudo. É assim que deve proceder toda a mulher de bem.

— Não, nunca consentirei em tal — exclamou Rosa, depois de alguns momentos de reflexão —; opor-me-ei com todas as forças que me restam a um semelhante desígnio... Se eu tivesse muita vida, talvez aceitasse ainda esse sacrifício, Deolindinha; mas, da maneira como me sinto, não quero nem devo.

— Hás de ainda viver muito, Rosa; Fernando bem depressa saberá curar-te esse mal, que é só do coração... descansa.

— Já o disse, Deolindinha; nunca em tal consentirei; a minha resolução é inabalável.

— Pois bem: nós combinaremos isso da melhor forma. Agora permite o eu retirar-me, porque tenho ainda que fazer algumas visitas antes do almoço. Adeus, Rosa. De tarde voltarei a ver-te e talvez te traga uma notícia bem agradável.

— Adeus, Deolindinha! Não se esqueça do que lhe disse a respeito de Fernando; creia que nada me fará mudar de resolução.

Deolinda proferiu ainda algumas palavras de despedida e retirou-se, tomando logo diretamente o caminho da sua casa, ao contrário do que tinha dito.

A filha da baronesa caminhava triste e pensativa, e aos olhos assomavam-lhe de vez em quando algumas lágrimas.

— Que triste deceção! — exclamava ela de si para consigo. — Vir aqui procurar a felicidade e a realização de todos os meus sonhos e encontrar o mais terrível dos desenganos!... Quanto sou desgraçada, meu Deus-...

Deolinda entrou em casa, e a sua mãe, ao vê-la assim tão triste, não pôde reter uma exclamação de espanto.

— Que tens, minha filha?

— Ah! minha querida mãe — exclamou a jovem, lançando-se nos braços da baronesa, como para desabafar angústias que lhe torturavam a alma — , somos muito desgraçadas!

— Mas porquê? Explica-te.

Deolinda levou sua mãe para junto de um sofá, onde ambas se sentaram, e começou a narração da sua visita a casa de Rosa, descrevendo-lhe o estado em que encontrou a pobre rapariga e os motivos que se tinham dado para a aproximar da sepultura.

À proporção que D. Deolinda discorria, a baronesa, transida de espanto, misturava as suas lágrimas com as da sua filha, e, terminada a narração, exclamou:

— E tu, minha pobre filha, em vista disso, que tencionas fazer?

— Eu, minha mãe, vou obrigar Fernando a compenetrar-se do estado da pobre rapariga, para que a despose. Estou certa de que ele não se negará a isso, porque eu, da minha parte, recuso-me formalmente a aceitá-lo por marido. Enquanto a nós, minha querida mãe, logo que eu consiga os

meus desejos, retirar-nos-emos para um convento e aí terminaremos os nossos dias.

— Muito bem, minha filha, muito bem... É uma ação nobre e digna de ser imitada por todas essas mulheres que dizem amar. Julgo sempre sensata e de uma nobreza de alma a toda a prova, mas confesso que nunca esperei tanto de ti.

— Pelo que vejo, a mamã está satisfeita com a minha resolução, não é verdade?... Pois bem: hoje mesmo começarei as diligências. Logo que Fernando chegue, a mamã deixar-nos-á sós por algum tempo, e do resto me encarregarei eu.

— Deus te dê forças para arrostar com um tão difícil transe, minha querida filha.

— Há de dar-mas, sim, porque a Ele aprazem-lhe sempre as ações boas.

As duas senhoras demoraram-se ainda alguns momentos, comentando e lastimando tão triste sucesso e sobretudo o procedimento de Fernando, que tentavam desculpar.

Por volta das onze horas o jovem entrou na sala onde as duas senhoras estavam, e, depois dos cumprimentos do estilo, foi sentar-se próximo de D. Deolinda, com a sua costumada afabilidade. A baronesa, pretextando alguns afazeres, retirou-se, deixando sós os dois jovens.

Deolinda, logo que a sua mãe se afastou, deu-se ares de serenidade, exclamando com voz tristemente afável:

— Não sabes, Fernando?... Já dei hoje princípio às minhas visitas.

— Sim?!...

— É verdade, mas logo a primeira pessoa a quem visitei, e à qual talvez estimava mais do que nenhuma outra, me surpreendeu, porque fui encontrar essa minha querida amiga num estado bem deplorável... Pobre rapariga!... Quem a conheceu outrora tão bela e encantadora como a flor viçosa dos prados, e a vê hoje abatida e pálida como a triste violeta, à qual o sol ardente roubou o viço e a beleza!... Confesso-te, Fernando, que fiquei consternada.

— E quem é essa infeliz?

— Persuadia-me que já o sabias: é a Rosa do Adro, aquela travessa rapariga doutro tempo, que fazia o enlevo de nós todos.

— Sim?! Pobre Rosa!...

— É verdade. Segundo ouvi dizer, o estado de adiantamento da sua moléstia é tal que já poucas ou nenhumas esperanças há talvez de salvar a pobre vítima. Além disso, o velho facultativo desta aldeia, ou por já cansado de inteligência ou pela pouca prática de tais padecimentos, quase que nenhuns meios lhe aplica para a restabelecer... Talvez um outro, mais experiente, a pudesse salvar... Tu, por exemplo, que estás em princípio de uma brilhante carreira, cheio de fé e de recursos, estou certa que a restabelecerias e lhe darias a vida, que começa a faltar-lhe.

— Estimaria isso muito, Deolinda, mas, infelizmente, não tenho o poder de fazer milagres.

— Quem sabe? Hás de experimentar. Amanhã, ou hoje mesmo, iremos vê-la, e então dirás se é de todo impossível a cura.

— É escusado esse trabalho: pela descrição que me fizeste, a ciência já não pode operar em tal caso; além disso, quando o meu velho colega não procura sequer um meio para debelar a moléstia, é porque ela decerto está no seu último período.

— E quem sabe se ele também se enganará nas suas suposições? Qualquer que seja o estado da doente, peço-te para ires vê-la, e, se por um feliz acaso conseguires salvá-la, confesso-te que a ciência, na tua pessoa, obterá mais um brilhante triunfo, que será ao mesmo tempo uma auspiciosa estreia para a tua humanitária profissão. Acedes ao meu pedido, não é verdade?

— Perdoa-me, mas não acedo.

— Então recusas?!... Porquê?

— Por mais de um motivo: em primeiro lugar, seria uma ofensa ao meu velho colega que a trata; em segundo, porque estou convencido que nada poderei fazer; e em terceiro, finalmente, porque o seu estado doloroso mortificar-me-ia muitíssimo, sendo, como sou, também amigo dessa pobre rapariga.

— Pondo de parte os dois primeiros motivos, o terceiro deve concorrer, pelo contrário, para procurares todos os meios, se não de a restabelecer completamente, ao menos de lhe minorar os sofrimentos e de lhe prolongar a existência por mais tempo.

— Já te disse, e desculpa-me o repeti-lo: no estado em que ela está, nada poderei fazer e, por consequência, não irei vê-la.

— Estranho esse teu procedimento, Fernando, e com ele fazes-me supor a existência de algum mistério que pretendes ocultar-me.

— Enganas-te...

— Não engano, não, meu amigo, e a prova é essa tua repentina perturbação.

— Eu... perturbado?...

— Sim... mas falemos com franqueza: que há entre ti e ela?

— Nada... absolutamente nada.

— E se eu te disser que faltas à verdade?!

— Como?!

— Eu sei tudo. Fernando!...

— Sabes tudo!... Mas o quê? — exclamou o rapaz, cada vez mais perturbado.

— O que eu sei é que já não se pode efetuar a nossa união.

— E porquê?

— Porque no leito do sofrimento se está finando uma desgraçada vítima, à qual roubaste não só o coração e a beleza, mas até a honra e a vida!

— Deolinda!

— Não negues, não o tentes sequer, porque tudo averiguei!

— Mas...

— Sejamos francos, Fernando: tu tens uma bela alma, és incapaz de cometer uma ação que te desonra, não é assim? Pois, então, corre ao leito dessa desventurada e salva-a de uma morte certa; pede-lhe perdão de a teres feito sofrer

tanto e recompensa-a dos desgostos que lhe tens causado pelo oferecimento da tua mão de esposo.

— Enlouqueceste, Deolinda?!

— Não enlouqueci, não, meu amigo. Se tu a visses como eu a vi... Se soubesses quanto amor ela ainda te dedica, apesar do teu completo desprezo...

— Então ela disse-te que efetivamente tínhamos entretido relações?.

— Disse... Mas com que custo eu lhe arranquei esse segredo!... A pobrezinha sabia que estávamos prestes a desposar-nos e não queria de forma alguma revelar-mo; contudo, por mais esforços que empregou, não pôde deixar de trair-se, e por último pediu-me, instou até, que não desse sequer um passo para tu a veres, deixando-a morrer, para mais de perto pedir a Deus pela tua e a minha felicidade... Que bela alma aquela, Fernando, e que sublime e santo amor ela ainda te consagra!

Fernando, ao ouvir estas últimas palavras, não pôde encobrir a comoção que elas lhe causaram, e do fundo da alma, naquele momento, o jovem lastimou a sua leviandade

e sentiu ainda estremecer-lhe o coração por aquela que realmente amara em outro tempo, e que lhe não era ainda de todo indiferente.

Afinal um Outro sentimento bem diverso veio desfazer-lhe os briosos impulsos do coração, e exclamou com voz ainda mal segura:

— Efetivamente, Deolinda, entretive, à falta de passatempo, algumas relações com essa rapariga... Foi uma leviandade de rapaz, que nada deve prejudicar as nossas tenções, dando-se ainda a circunstância de ela desejar o nosso casamento e a nossa felicidade.

— Leviandade, dizes tu?... Chamas leviandade a uma ação degradante e que desenobrece e avilta o homem que a comete? Chamas leviandade de rapaz ao rapto da honra e da vida de uma mulher?!... Bem sei que essa resposta não é do coração, porque são muito outros os sentimentos que animam a tua alma. Pois bem: sê franco, não te contrafaças, desprende-te de todos os compromissos que te ligam a mim, e desposa essa pobre rapariga, porque, como te disse, a nossa união é completamente impossível.

— Principio a acreditar, pelas tuas palavras, que nunca me amaste; de contrário não te exprimirias desse modo e não renunciarias tão abertamente ao nosso enlace.

— Nunca te amei, Fernando?!... Deus o sabe; mas é que acima do amor e de tudo está a tua honra e a minha dignidade de mulher. Pois acharias airoso que eu te desposasse em face de uma infeliz a quem não só amaste, mas até roubaste o sossego e a felicidade? Que conceito fariam de mim? Além disso, persuades-te que a nossa união a efetuar-se, não nos traria uma série de desgostos e desventuras, influenciada, como seria, por tão tristes circunstâncias e antecedências? E pensas mesmo que o remorso não havia um dia de roubar-te a paz do coração e o sossego do espírito? Ah! Fernando, pensa bem em tudo isto e verás se tenho ou não razão.

O jovem sentia-se subjugado com estes argumentos e via perfeitamente quanta verdade e quanta nobreza havia neles; envergonhava-se, porém, de ter iludido a filha da baronesa, e tentava ainda ressalvar essa sua falta por uma recusa aos seus desejos, tomando-lhe assim patente o seu

amor; o seu propósito era até renunciar a tudo, só para se mostrar forte e desprendido de todos esses preconceitos.

— Pois, Deolinda — exclamou ele afinal — , se estás decidida a recusar a minha mão, terás também o desgosto de não ver satisfeitos os teus desejos, porque não desposarei Rosa; desta forma nenhuma de vós cantará vitória da sua conquista.

— Ah, Fernando, não digas isso. Acaso morreram no teu peito os nobres sentimentos que o adornavam?... Oh! não o creio; e, se as minhas palavras não bastam para te fazer mudar de opinião, aqui me tens aos teus pés, com as lágrimas nos olhos, implorando a tua compaixão para aquela desgraçada. Tu és bom, Fernando; possuis uma bela alma, e a consciência há de certamente aconselhar-te o teu dever; salva essa pobre vítima, e, além do amor que te consagro, a gratidão será eterna no meu peito.

— Levanta-te, Deolinda — respondeu o jovem comovido — , e falemos placidamente. Tu, na verdade, renuncias formalmente aos nossos projetos de união?

— Renuncio, porque assim mo ordena a minha dignidade e a compaixão que me inspira Rosa.

— Muito bem: e, dado o caso que despose essa rapariga, que destino sem o teu?

— Entrarei com a minha mãe num convento, e aí terminaremos ambas, em paz, a nossa existência.

— Pois tu, na verdade, farias isso?... Não procurarias um outro homem?...

— Nunca, nunca, juro-te pela minha honra.

Fernando, a estas palavras, ficou pensativo; depois continuou:

— Mas, meu Deus, que conceito farão de mim tua mãe, minha família e toda essa gente para quem não era já segredo o nosso casamento?

— Já pensei em tudo isso... à minha mãe já confiei todos os meus projetos, e ela não só os apoiou, como elogiou o meu procedimento; com relação aos teus pais, eles não são ambiciosos, e, sabedores de tudo o que se passou, não se oporão ao teu casamento com essa pobre rapariga;

enquanto a essa gente da aldeia, diremos que foi enganada, que lhe quisemos preparar uma surpresa... Estás satisfeito?

Fernando não respondeu. Continuava submerso nas suas reflexões, e só passados momentos exclamou:

— E se por acaso eu, um dia, ficando só neste mundo, te fosse procurar?

— Encontrar-me-ias então de braços abertos para te receber, porque nesse caso estavas já livre e desquitado de uma dívida de honra.

— E tu esperarias por mim?...

— Decerto.

— Então...

Fernando ia a concluir a frase do assentimento, mas conteve-se, como envergonhado da sua fraqueza.

Deolinda percebeu-o e, para o animar, exclamou:

— Vamos, Fernando: posso contar com a satisfação do meu pedido, não é assim? De tarde irei dar essa boa nova à minha pobre amiga. Como ela ficará alegre!... Parece-me

que estou já vendo-a outra vez formosa como fora sempre, cheia de vida e de felicidade!... Então?.. Não respondes?

— Amanhã pela manhã dar-te-ei a resposta. Preciso pensar... Queres assim?

— Quero tudo, porque sei que a tua resolução não será outra senão o cumprimento dos teus deveres de homem de bem. Amanhã pela manhã, depois de me dares a resposta que caprichaste em não querer já confiar-me, iremos ambos ver essa pobre enferma do coração, e aí espero passar alguns dos momentos mais felizes da minha vida.

— Devagar, Deolinda, devagar — disse o rapaz, sorrindo-se —; não te revelei ainda a minha verdadeira intenção.

— Mas, se eu já adivinhei...

Neste momento entrou a baronesa e veio interromper por um pouco a conversa, que, passados instantes, continuou nos mesmos termos, tomando parte nela a mãe de Deolinda. E as duas, com as suas palavras e os seus conselhos, foram pouco a pouco convencendo o jovem do verdadeiro partido que devia tomar, que era o de desposar essa pobre rapariga, do estado da qual ele se compadecia,

e a quem também não perdera a maior parte do afeto, ou talvez do amor que ela lhe inspirara em princípio.

Finalmente, o jovem não quis logo dar a decisão, não porque a não tivesse já resolvido, mas porque ou o pejo ou outro qualquer sentimento o obrigavam a não se mostrar tão precipitado num a resposta de tanta importância.

CAPÍTULO 16

Na noite seguinte ao dia em que Fernando esteve em casa da baronesa e onde se tratou dos assuntos que deixamos relatados, por volta da meia-noite duas fortes marteladas soaram na porta da herdade do Capitão.

Como era de prever, este sucesso surpreendeu toda a gente da casa, e alguns criados, que se levantaram à pressa, vieram indagar da causa de tal motim.

Ao abrirem o portão, depararam com um homem, parecendo já de bastante idade pelo estado de curvação em que permanecia, embuçado num farto capote de saragoça, que lhe ocultava a maior parte do rosto, já quase invisível pela escuridão da noite.

— O filho do Sr. Capitão está em casa? — perguntou o velho com voz meio trémula.

— Está, sim, senhor — respondeu um dos criados — queria-lhe alguma coisa?

— Faça-me o favor de lhe dizer que está aqui um pobre velho, que lhe vem pedir para ver a sua mulher, perigosamente enferma.

— Mas a esta hora, e em tal noite?!

— Oh! não se demore... Diga-lhe também que já fui a casa do outro cirurgião, mas que ele se recusou a vir ver a pobre doente, e que, em vista disto, apelava para o bom coração do Sr. Fernando.

— Mas, meu amigo, isto não são horas de ir ver doentes; além disso, o filho do nosso amo está talvez a dormir, e ir agora acordá-lo...

— Não será necessário esse trabalho — exclamou Fernando, aparecendo subitamente junto do grupo. — É de algum doente que se trata, não é verdade?

— É sim, meu bom senhor — respondeu o velho, curvando-se mais — , minha pobre mulher foi há pouco atacada por um triste acidente, ou coisa que o valha, e jaz sem sentidos há já bastante tempo. Fui procurar o Dr. Resende, mas ele negou-se a ir vê-la. Como soube que o senhor tinha vindo há dias de concluir os seus estudos,

lembrei-me de recorrer ao seu bom coração, e é O que venho fazer. Oh! meu senhor, por quem é, não se recuse a esta obra de caridade e não queira que a minha mulher morra à míngua de socorros.

— Pois está bem... Irei vê-la. O tal meu colega Resende é bem falto de humanidade.

— Ah!. Deus lhe agradecerá esta boa ação, e, visto que o senhor vai ver a doente, pedia-lhe se me deixava ir para junto dela, porque a pobre ficou só e pode necessitar de alguma coisa...

— Pois vá. vá; mas primeiro diga-me aonde é que hei de dirigir-me.

— Não tem nada que saber: o senhor toma o caminho da Azenha de Baixo; chegando aí, deita à esquerda, desce a encosta, atravessa o pinhal, e no fim dele encontrará algumas pequenas casas; eu moro na segunda a contar da esquerda.

— Bem, já sei. Agora pode ir, que eu daqui a pouco lá estarei.

— Ora Deus o abençoe por este acto de tanta caridade.

O velho retirou-se e daí a pouco desapareceu na sombra projetada pelo arvoredo.

Fernando dirigiu-se a um dos criados, exclamando:

— Ó Francisco, apronta-me já a égua ruça, enquanto eu me vou vestir convenientemente.

— Então o Sr. Fernando sempre vai?

— Pois não hei de ir, homem?

— Com esta noite e por esses caminhos abaixo! Safa'.... Olha que esfrega'. Sempre lhe digo que escolheu bem mau modo de vida.

Fernando subiu ao seu quarto, vestiu alguma roupa, cobriu-se com uma capa de oleado, e desceu ao pátio da casa, onde já o esperava a égua que mandara aparelhar. Ao montar, um dos rapazes exclamou:

— Quer que o acompanhe, Sr. Fernando?

— Não sei para quê...

— A noite está bastante feia, os caminhos são maus, e pode perder-se antes de chegar ao seu destino; além disso, sempre é bom a gente não andar só em noites como esta...

— Tenho pouco medo, meu amigo; enquanto aos caminhos, conheço-os tão bem como tu ou outro qualquer, e pelo resto pouco receio.

— Mas sempre era bom que eu lhe fosse fazer companhia...

— Não quero, já disse; e até logo.

Proferindo estas palavras, o jovem picou a égua, que desfilou a trote. Ao transpor o portão da quinta alongou a vista por aquela imensidade de trevas e exclamou de si para consigo: "Efetivamente, Francisco tinha razão em dizer que a noite estava feia, e tanto assim que já não vejo um palmo diante de mim. Contudo, não me perderei... Esta frescura faz-me até bem e dispor-me-á a dormir com vontade quando voltar... Não sei também que diabo tinha esta noite! Não era capaz de adormecer, e a cabeça parecia-me um vulcão... Ora vamos lá..."

E Fernando internou-se pelo caminho que o velho lhe indicara.

A noite efetivamente estava bastante desagradável para um passeio daqueles.

Desde o anoitecer, a chuva começara a cair incessantemente; o céu gelava negro e pesado, e nem uma única estrela brilhava no firmamento; o vento, conquanto não fosse muito forte, açoitava ainda assim a ramagem das árvores, produzindo um ruído estranho e misterioso.

Enquanto o jovem caminhava por aquelas veredas, retrocedamos um pouco e vejamos o destino que tomou o velho logo que se despediu de Fernando.

Depois de ter caminhado alguns passos vagarosamente, afastando-se da herdade, parou, e, olhando para trás como para se certificar se alguém o seguia, endireitou-se, deixando ver uma figura de formas vigorosas. Traçou o capote debaixo dos braços, como para melhor poder caminhar, e, dirigindo-se pelo mesmo itinerário que tinha marcado a Fernando, com passos mais apressados, exclamou de si para consigo:

— Desta me saí eu bem: agora vejamos o resto.

Passou a azenha, desceu a encosta, e no meio da bouça parou para responder com um assobio a outro que lhe chegara aos ouvidos. Afastou-se depois do caminho, deitou

à direita e parou próximo de um vulto que estava encostado a um pinheiro bravo.

— Então? — perguntou o outro.

— Tudo às mil maravilhas: tanto ele como os criados engoliram a pílula como um torrão de açúcar.

— E não te conheceram?

— Quem fala nisso!... Com a escuridão que fazia e da maneira como eu me apresentei, era quase impossível.

— Visto isso, tudo corre à maneira dos nossos desejos, e oxalá que o resultado final seja coroado com a mesma felicidade.

— Não te assustes com isso!... Agora o que cumpre é ter o ouvido alerta e vista de lince para poder penetrar nessa escuridão do inferno... As pistolas estão preparadas?

— Estão; aqui tens as tuas — e o vulto entregou-lhe um par de pistolas de cavalaria.

— Estão elas bem carregadas?... Se falham, digo-te que ficamos burlados.

— Carreguei-as pelas minhas próprias mãos e experimentei-as por mais de uma vez.

— Bem... Sempre te digo que me haveria melhor com uma navalha ou um bom pau de choupa do que com estes trambolhos; mas, enfim, vá lá, sempre é bom a gente saber de tudo...

— Escuta... não sentes passos de cavalo ao longe?

— Efetivamente...

— Bem, então a postos e boa pontaria; deve ser ele.

Os dois avançaram precipitadamente para mais próximo do caminho que cortava a bouça e encobriram-se com um tronco de um velho carvalho.

Passados momentos, distinguiu-se um ponto negro caminhando vagarosamente.

Era Fernando, que, embuçado na sua capa de oleado e montado na égua, atravessava pausadamente, e à vontade do animal, a embrenhada bouça.

A poucos passos do lugar em que estavam os dois emboscados, a égua estacou, amedrontada pela detonação

de um tiro.

O rapaz, sem perder o sangue-frio, voltou-se para o sítio donde havia partido a detonação, picou o animal, e, tirando o revólver de um dos bolsos, exclamou:

— Ah! seus canalhas! Eu vou já ensiná-los a fazer melhores pontarias...

Ainda bem não tinha terminado estas frases, quando um segundo tiro se fez ouvir, indo a bala ferir-lhe o ombro direito.

O revólver que sustinha na mão e se preparava para aperrar, caiu-lhe insensivelmente ao chão, e, como a égua estacasse de novo e se obstinasse em não avançar, o jovem apeou resolutamente, desvencilhou-se da capa, e, quando ia curvar-se para levantar a arma, partiu um terceiro tiro, indo a bala desta vez bater-lhe em cheio, no lado esquerdo do peito. O jovem tentou ainda suster-se, avançou alguns passos, mas caiu por fim, murmurando:

— Assassinos!

Passados momentos, os dois vultos acercaram-se do corpo que jazia inanimado, e um deles baixou-se a ouvir-lhe as

palpitações do coração.

— Se ainda não está morto — exclamou ele — pouco faltará para isso; a bala creio que lhe foi direita ao coração: podes gabar-te da pontaria.

— Deixemo-nos de palavreado — respondeu o outro —; vê lá se ele tem alguma coisa que te faça conta, e vamo-nos embora daqui.

A estas palavras, o primeiro dos indivíduos baixou-se segunda vez e começou a despejar os bolsos da vítima, exclamando, à medida que ia tirando os objetos: relógio e cadeia... uma bolsa de prata com dinheiro, dois botões de camisa que me parecem de ouro... mais dois de punhos... uma carteira... um lenço de seda... e mais nada...

— Bem, aviemo-nos, antes que por aí venha alguém... Por compaixão, deixa-me cobri-lo com a capa, por causa da chuva.

— Sim, tens razão; pode constipar...

Coberto o corpo com a capa de oleado, os dois assassinos afastaram-se, internando-se pelo meio do arvoredo, e desapareceram poucos momentos depois.

A égua que Fernando montava, logo que se sentiu descavalgada, ou por instinto natural ou amedrontada pela detonação dos tiros, retrocedeu em desabrida carreira pelo caminho que trouxera e só parou próximo da herdade, onde começou a relinchar.

Os rapazes da casa, que, esperando pelo regresso do amo, não se tinham tornado a deitar, ao ouvir o animal, correram ao portão, mas estacaram surpreendidos ao ver que a égua voltava só.

— Que diabo quererá isto dizer? — exclamou um dos rapazes — A Ruça vem só... o Sr. Fernando não aparece... aqui houve o que quer que fosse.

— Também julgo o mesmo — respondeu outro criado —; oxalá que lhe não sucedesse mal algum.

— O melhor é nós irmos dar parte disto ao nosso amo, a ver o que ele determina.

— Tens razão; vamos lá para cima — responderam todos a um tempo, dirigindo-se ao quarto do pai de Fernando. E, chegados que foram aí, contaram-lhe o sucedido.

O pobre velho, ao ouvir a narração do que se havia passado, sentiu um horrível pressentimento apoderar-se-lhe do coração, e, com a voz angustiada, exclamou:

— Aprontem-se todos com luzes, o mais depressa que possam, e vamos procurar meu filho... É impossível que lhe não sucedesse alguma desgraça; o regresso da égua parece comprovar as minhas tristes apreensões.

Daí a pouco punham-se a caminho todos os criados, munidos de fachos de palha, indo à frente deles o pai de Fernando.

Depois de caminharem algum tempo, investigando cuidadosamente por todos os lados, sem nada poderem averiguar, entraram no pinhal e aí continuaram as pesquisas.

Andados alguns centenares de passos, o pai de Fernando parou subitamente diante do corpo que se via estendido no chão, e, à aproximação das luzes, exclamou com um acento de indescritível dor:

— Meu filho!... Mataram o meu querido filho!...

Os criados baixaram-se sobre o corpo e puseram-se a examiná-lo.

— Tem dois ferimentos de bala; um pequeno, no ombro outro, bastante grande, do lado do coração, de onde sai grande quantidade de sangue — exclamou um dos criados.

— E está já morto?... — perguntou o velho, sufocado de lágrimas.

— Creio que não... sente-se ainda bater-lhe o coração.

— Oh! então, depressa, depressa... preparem alguma coisa para transportá-lo, e um de vocês vá imediatamente a casa do cirurgião dizer-lhe que venha cá ver o meu filho.

Daí a pouco, Fernando era conduzido por quatro criados num a espécie de padiola forrada com dois galhos de pinheiro e a capa de oleado, tendo já partido outro criado para casa do facultativo.

Chegados que foram à herdade, Fernando foi deposto no leito, e pouco tempo depois chegou o velho facultativo da aldeia.

Tratou este de examinar as feridas, lavou-as e aplicou-lhes os aparelhos de que podia dispor na ocasião, reservando para o dia seguinte a cura mais perfeita, e receitando juntamente alguns medicamentos, que prontamente foram mandados preparar.

— Então, Sr. doutor — perguntou o pai do jovem — as feridas são de gravidade?

— Uma, a do ombro, é insignificante: a bala apenas lhe resvalou pela carne; a outra, a do peito, essa é bastante séria: o projétil internou-se muito, e não posso verdadeiramente saber o sítio onde se depositou: veremos amanhã se poderei extrair-lho; contudo, o que é necessário, por enquanto, ao doente, é sossego e repouso.

— Ah! Sr. doutor, que infelicidade a minha!.

— Mas vamos a saber: isto como foi?

— Olhe, Sr. doutor, nem eu mesmo o sei... Há pouco veio aí um homem pedir para o meu filho ir ver uma enferma que ele dizia ser sua mulher e estar em perigo de vida. O meu filho foi imediatamente, e, algum tempo depois de ter partido, regressou só a égua em que ele fora montado.

Partimos todos a procurá-lo, temendo já que lhe tivesse sucedido alguma desgraça, e afinal fomos encontrá-lo nesse deplorável estado!

— E não se sabe quem foram os autores de um tal atentado?

— Ignoro-o completamente; contudo, o que me parece é que foram alguns salteadores que o quiseram assassinar, para lhe roubarem o pouco que levava, pois efetivamente roubaram-lhe o relógio e cadeia, uma bolsa de prata com dinheiro, os botões da camisa, que eram de ouro, e não sei que mais.

— Que malvados!...

Neste comenos, Fernando começou a recuperar os sentidos, e, ao passo que voltava a si do letargo em que jazera, envolvia num olhar desvairado e amortecido as pessoas que permaneciam em derredor do seu leito, e às quais, ou pelo entorpecimento em que tinha as ideias, ou por estar ainda um pouco senhor de si, não parecia conhecer.

Passados poucos instantes depois de ter recuperado os sentidos, um ataque de tosse veio sufocá-lo, sendo precedido de algumas golfadas de sangue.

O velho facultativo, à vista daqueles sintomas, que lhe pareceram bem significativos, abanou tristemente a cabeça e exclamou de si para consigo:

— Mau sinal!... Parece-me que será impossível escapar...

Demorou-se ainda alguns momentos à cabeceira do doente, e afinal despediu-se, exclamando:

— Logo que venha o medicamento que receitei, ministrar-lho-ão, aos copos, de pouco em pouco, e não o forcem a falar demasiadamente. Como agora se torna desnecessária a minha presença aqui, retiro-me e pela manhã voltarei.

O resto da noite passou-se em torturas e angústias. Ninguém se tinha retirado do lado do ferido, e este conservou-se durante muito tempo delirado, soltando de vez em quando algumas palavras sem nexo. Afinal, pela madrugada, pareceu sossegar, caindo num a sonolência que durou bastantes horas.

Logo pela manhã, a baronesa e a sua filha, avisadas do triste sucesso que se dera durante a noite, correram à herdade e entraram no quarto do enfermo, onde encontraram já o pai e a mãe dele esperando com angústia o despertar daquele sono aterrador.

Pelas oito horas da manhã, Fernando entreabriu os olhos, e, ao fixá-los nas pessoas que o rodeavam, pareceu querer erguer-se um pouco do leito, para lhes dizer alguma coisa.

— Deixa-te estar, meu filho, não faças esforços... Como estás?

— Eu!? — respondeu o doente com um leve Sorriso, do qual não podia saber-se a verdadeira significação — Acho-me bom...

— Oxalá assim fosse...

— Então, Fernando — perguntou pelo seu turno a filha da baronesa — , como foi isso?

— Castigos de Deus, Deolinda...

— E não sabes quem foram os autores desse crime?

— Parece-me que conheci um deles; no entanto, não tenho a certeza, porque a escuridão da noite não me permitiu distinguir-lhe bem as feições.

— Mas, nesse caso, seria conveniente fazeres cientes as autoridades das tuas suspeitas, e por elas verificar-se-ia se seriam ou não fundadas.

— Não sei para quê... Não pode haver provas convenientes, e, além disso, que necessidade tenho eu de fazer vexar um homem que pode estar inocente?... Se na verdade ele estiver culpado, Deus o castigará...

A conversa continuou nestes termos durante algum tempo, trocando-se explicações sobre o sucedido, entre o ferido e as pessoas que ali estavam, quando a chegada do facultativo veio interrompê-la.

Aproximou-se este do leito do doente, dirigiu-lhe algumas palavras de conforto, e, quando ia para examinar-lhe a ferida, Fernando disse-lhe que queria ficar só com ele.

Manifestado este desejo do doente às pessoas presentes, retiraram-se elas, deixando os dois a sós.

— Vejamos então agora, meu amigo — exclamou o velho cirurgião — , o que convirá fazer para o seu restabelecimento.

— Ah! meu bom colega, creio que serão desnecessários quaisquer esforços para o conseguir.

— Como?!... Pois o senhor assim descrê de toda a esperança?

— Descreio, porque também sou filho da ciência, e porque ninguém melhor do que eu avalia a gravidade do ferimento que recebi.

— Mas, meu amigo, como sabe, a medicina dispõe de milagrosos recursos, e pode muito bem ser que ambos nós possamos usar com proveito de qualquer deles.

— Neste caso nada se pode fazer, e a explicação dou-lha em poucas palavras: a extração da bala é impossível, porque, não obstante eu ignorar verdadeiramente o lugar em que ela se depositou, tenho a certeza, contudo, que se internou demasiadamente e que foi afetar algum dos órgãos pulmonares. É isso, como sabe, o suficiente para uma morte certa.

— Oh! mas isso não pode ser. Tenha ânimo, tenha coragem...

— Já lhe disse, meu caro doutor: estou tão convencido que morro, que até quase lhes poderei designar os dias que me restarão de vida.

— Não; o senhor engana-se; o Sr. Fernando há de curar-se e há de viver ainda muitos anos.

— Oxalá assim fosse... Mas não creia que me amedronta a morte... Oh! não...

Apesar de ser custoso morrer na quadra mais bela da vida, quando se nutrem esperanças felizes, tenho coragem suficiente para arrostar desassombradamente com os imprescritíveis desígnios do destino... Seria demasiadamente fraco se assim não pensasse. Agora, meu amigo, cumpra os seus deveres: faça o curativo, não porque eu espere que ele me seja proveitoso, mas para que se não diga que o senhor me deixou morrer à falta de recursos e mesmo para não fazer desesperar essa boa gente que se interessa por mim.

O velho facultativo obedeceu imediatamente, o curativo das feridas. Ao terminar, Fernando disse-lhe:

— Agora, deixe entrar meus pais e os meus amigos, e se lhe perguntarem pelo meu estado, diga-lhes que é bastante grave, mas que há esperanças. Ser-me-ia muito custoso vê-los junto a mim, desesperados pela certeza da minha morte!...

O facultativo abriu a porta do quarto para dar entrada às pessoas que estavam num aposento imediato, as quais, acercando-se do velho, o cumularam de perguntas com relação à gravidade da doença, perguntas a que ele respondia consoante as instruções que tinha recebido de Fernando.

CAPÍTULO 17

Dois dias depois dos sucessos que ficam narrados, por volta das 10 horas da manhã, Rosa, encostada ao peitoril da pequena janela do seu quarto, permanecia triste e imóvel, envolvendo num só olhar a alegre natureza que se estendia ao longe, então revestida das suas mil galas e abrilhantada pelos raios de um belo sol de Primavera.

A pobre rapariga, a quem os estragos da doença e as mortificações do espírito tinham colocado num estado de dolorosa prostração, parecia dirigir nos seus rápidos olhares os últimos adeuses àquele belo cantinho do mundo, como se adivinhasse os poucos dias que lhe restavam para o contemplar.

Durava havia já muito esta muda expectação, quando um pequeno ruído veio repentinamente desviar-lhe as atenções dos objetos que fitava, e, voltando o rosto, viu entrar no seu aposento um criado da herdade do Capitão.

Esta repentina aparição produziu na desventurada jovem o efeito de um choque elétrico.

Sem indagar ainda a causa que ali o levava, sentiu-se desfalecer como se aos ouvidos lhe ressoasse a triste notícia de uma desgraça que a precipitaria mais depressa no túmulo da morte daquele a quem amava ainda com todas as veras da sua alma.

O seu espanto, porém, redobrou, quando o rapaz, dirigindo-se-lhe, se expressou nestes termos:

— Rosa, o filho do meu amo, o Sr. Fernando, manda-me aqui para pedir-lhe que vá imediatamente falar-lhe.

— Como?! — exclamou a rapariga, tremendo de comoção — Pois ele ainda vive?!...

— Se ainda vive?!...

— Oh! perdoe-me, Francisco, mas, quando o vi entrar, foi a primeira lembrança que me ocorreu... Têm-me dito que está tão mal!...

— É verdade, é, mas, por ora, graças a Deus, ainda não perdemos as esperanças... Mas não percamos tempo com

mais explicações, e prepare-se para partirmos.

— Mas, meu Deus, que me quererá ele?

— Não sei, Rosa; o que sei apenas é que o Sr. Fernando me pediu com tal insistência e de um tal modo que a convencesse a acompanhar-me que eu mais fácil seria não tornar a aparecer-lhe do que ir sem a levar comigo.

— Mas minha avó, não sei se...

— Tive já o cuidado de lhe falar quando aqui entrei, porque o pedido também é para ela nos acompanhar.

— Sim?!... Oh! então vamos, vamos.

E a jovem levantou-se com um movimento febril; lançou uma capa sobre os ombros e tentou caminhar apressadamente; dados, porém, alguns passos, as forças faltaram-lhe como era de prever, e teve de encostar-se a um móvel para não cair.

— Devagar, devagar — exclamou o criado dando-lhe o braço — , encoste-se a mim e caminhemos pausadamente.

Entraram no aposento imediato, onde já os esperava a avó de Rosa, e tomando-lhe esta o outro braço, puseram-se a

caminho em direção à herdade.

Como Rosa de há muito não saía de casa, não houve uma só pessoa que não estacasse diante do grupo, assombrada pelo deplorável estado em que via a infeliz rapariga; e, como ela, sobre todas, fora sempre a mais querida da aldeia, muitos olhos se arrasaram de lágrimas, ao vê-la tão definhada e falta de alento.

Ao cabo de algum tempo de caminho, os três chegaram afinal ao portão da herdade.

Rosa, ao transpor o limiar daquela habitação, sentiu as forças abandoná-la de todo e teve de suster de novo os passos.

A avó de Rosa, vendo-a tão trémula e falta de cor, atribuindo isso ao cansaço, exclamou:

— O passeio foi bastante longo, não é verdade, minha filha?... Vejo-te tão pálida...

— Não foi nada, minha querida avó; já estou boa.

E, forcejando por tranquilizar-se e conquistar o sangue-frio de que tanto ia carecer naquele momento, continuaram o

caminho, por momentos interrompido.

Ao entrarem num dos primeiros aposentos, encontraram aí não só os pais de Fernando, mas também a baronesa e a sua filha. Esta, mal avistou a sua amiga, foi-lhe ao encontro, e estreitando-a nos braços, murmurou-lhe ao ouvido em voz sumida:

— Deus nunca se esquece dos infelizes. O coração de Fernando pulsa por ti, neste momento, mais do que nunca: ânimo, pois a pobre rapariga, a quem estas últimas palavras ressoavam como as suaves harmonias de um coro de anjos, sentiu estremecer-lhe a corda mais íntima da sua alma, e o rosto purpureou-se-lhe de um vivo rosado.

Era o primeiro momento de inefável felicidade que sentia desde o último adeus de Fernando: fora uma gota de orvalho caída sobre o cálice da flor ressequida.

Depois de alguns momentos de triste conversa, D. Deolinda, lançando mão do braço da sua companheira de infância, exclamou:

— Agora, Rosa, vamos ver o doente. Foi necessário mandar-te chamar, porque, de contrário, nunca aqui virias:

Fernando está ansioso por te ralhar, e com razão.

E, encaminhando-se com a sua amiga por um corredor, parou diante de uma pequena porta que dava entrada para o quarto do doente.

— Agora, minha querida amiga — disse a filha da baronesa — , ânimo, porque deve ser forte a comoção: eu vou reunir-me à tua avó para a preparar para uma surpresa.

E, dizendo isto, imprimiu um beijo nos lábios da jovem e afastou-se precipitadamente.

Rosa ficou por alguns momentos como petrificada diante daquela porta que a separava desse ente estremecido, e mais de uma vez tentou transpô-la, sem o poder conseguir por lhe faltar o ânimo.

Afinal, revestindo-se de toda a coragem de que necessitava, avançou alguns passos resolutamente, e, empurrando levemente a porta, entrou no aposento.

Fernando achava-se meio recostado no leito, com as pálpebras cerradas e como embalado por passageira sonolência.

Tinha o rosto demasiadamente pálido e descamado, e de vez em quando os músculos contorciam-se-lhe como sacudidos por dores horríveis.

Apesar de a jovem ter penetrado no quarto com a maior cautela, Fernando, ao leve rumor dos passos, entreabriu os olhos e estacou-os naquela figura pálida e sofredora, qual imagem do martírio, e estendeu para ela os braços com ar suplicante e angustioso.

A desventurada rapariga, pela sua vez, ficara imóvel diante daquele olhar sem vida e daquele rosto inanimado, e a si própria parecia perguntar se tudo aquilo que via era real ou se estava sendo o ludíbrio de algum sonho terrível.

A voz enfraquecida do doente veio, porém, como que acordá-la daquele letargo.

— Anda cá, minha querida Rosa, deixa-me apertar-te uma vez mais ao meu peito — exclamou o rapaz, continuando a estender para ela os braços.

E Rosa, então esforço, correu para ele e cingiu-o com delírio ao coração, confundindo-se nesse momento dois

beijos ardentes, como o deviam ser depois de tão longa ausência.

Permaneceram por muito tempo aqueles dois corpos assim estreitados, e os seus corações não cessaram um só momento de pulsar, inspirados por uma mesma ideia e movidos por um mesmo sentimento.

Ao cabo de alguns minutos de inebriante mudez, desenlaçaram-se daquele terno abraço, e Fernando, tomando entre as suas mãos o rosto, agora levemente purpureado, de Rosa, fitou-o com tristeza, exclamando em tom suplicante:

— Tu perdoas-me, não é verdade, minha Rosa?

— E terei eu de que perdoar-lhe? — respondeu a rapariga.

— Se tens, minha filha! Pois acaso não te fui levar ao coração o desespero e o sofrimento?...

— Oh! por quem é, Fernandinho, não me fale assim, que me mortifica.

— Então tu amas-me ainda, não é verdade?... Ainda não morreu na tua alma essa santa afeição que sempre me tiveste?

— Se ainda o amo, Fernandinho! Pois será possível que um amor semelhante se extinga em peito humano?... Acaso me compara a muitas dessas mulheres que têm o fogo na palavra, mas a dissimulação nos gestos e o gelo no coração? Ah! vejo que me considerou sempre muito mal e... talvez tenha razão em assim pensar, porque as mulheres miram quase sempre a mesma recompensa pelos seus sacrifícios, têm um fim oculto no amor que juram àqueles que as acreditam cegamente, e, para conseguir essa recompensa e atingir esse fim, imolam muitas vezes a sua própria vontade e usam de todas as dissimulações de que podem lançar mão; mas no coração, por fim, lá existe esse vácuo, essa realidade mesquinha, que aparece no próprio momento em que se convencem que o homem que fascinaram com as suas mentidas expressões acordou, para jamais adormecer às modulações dos seus cânticos fascinadores...

É assim, Fernandinho, a maior parte dos corações humanos, e a experiência há de ter-lho demonstrado por muitas e muitas vezes... Enquanto a mim, sem lisonja para os meus afetos, juro-lhe que foi outro o sentimento que me impeliu para si: amei-o com todas as forças da minha alma; amei-o franca e sinceramente, sem embustes, sem mirar a fim algum. Anelava primeiro o seu amor puro e santo como o meu; desejei depois só a sua estima; e, afinal, conhecendo que nem um nem outro sentimento pudera conseguir, julguei-me verdadeiramente ditosa, vendo-o feliz, se não comigo, ao menos com outra que lhe soube inspirar esse amor que eu jamais pudera infiltrar-lhe no coração...

Depois, sentindo que nada mais tinha a esperar neste mundo, comecei a olhar a morte como um remédio salutar para os meus sofrimentos, e encarei-a firme e impávida, esperando o seu derradeiro golpe. É isto o que se chama amor; abnegação completa de todos os gozos do mundo; desprendimento total de todas as vaidades terrenas, e um só sentimento, uma só prece, um só anelo de felicidade para aquele por quem nunca deixou de estremecer a corda

mais sensível da alma, e por quem, ainda além do túmulo, não deixaria de bater o coração.

— Obrigado, Rosa, obrigado! — exclamou Fernando com transporte. — Não te conhecia bem; julguei-te uma trivialidade, e és sublime, inacreditável até, nos teus afetos.

— Fiz unicamente o meu dever de mulher, para quem o amor não é um cálculo nem uma aspiração mesquinha, mas um dom grandioso que nasce no coração, puro de toda a mácula.

— Pois bem, minha querida filha, ainda é tempo de remediar o mal feito e de recompensar os teus elevados dotes; quero desposar-te.

— Desposar-me, Fernando! Acaso endoideceu? Pois na verdade pensa em unir-se a um semi-cadáver quando a poucos passos daqui está um ente que lhe é querido, e que o seu coração escolheu?... Oh! nunca, nunca!

— Recusas, Rosa? Pois queres deixar-me morrer com um peso horrível na minha consciência? Compreendo-te agora, e, se não me engano nas minhas tristes apreensões, confesso-te que escolheste uma vingança terrível!...

— Fernando, Fernando, que diz?... — exclamou a pobre rapariga, trémula de espanto.

— Vês o deplorável estado em que estou — continuou Fernando, parecendo ligar pouca importância às palavras de Rosa — conheces que a existência se me esvai pouco a pouco como os grãos de areia que da praia as ondas levam; crês que a nossa união não te pode fazer agora realmente feliz, porque a morte virá cortar bem depressa os laços que nos prenderam; em vista disto, pois desejas mostrar-te também superior aos teus sentimentos e ver estorcer-me nos últimos momentos de vida, num a dor horrível — o remorso. Pois bem: conclui a tua obra e regozija-te com essa vingança...

— Oh! Fernando, não prossiga, que me mata! — interrompeu a rapariga, cingindo contra o seu o peito do amante, e derramando sobre o seu rosto sentidas lágrimas. — Aqui me tem; faça o que lhe aprouver de mim; mate-me, se a minha vida pode aproveitar-lhe mas não me obrigue a desposá-lo porque seria isso uma dupla vingança para a sua família e para mim própria.

— Minha família está ciente da minha última vontade e a nada se opõe.

— Oh, mas no entanto é horrível! A filha da Sra. baronesa morreria de dor, se tal sucedesse e o Sr. Fernando sacrificar-se-á decerto, preferindo-me àquela a quem tanto ama e que tão digna é desse amor. Eu perdoo-lhe tudo...

— A quem tanto amo, disseste tu! E acreditas que eu efetivamente a amo?

— Quem há que o duvide?...

— Pois enganas-te. Efetivamente entretive relações com D. Deolinda e resolvera-me a desposá-la, mas não a amava sinceramente. Não me era completamente indiferente: apreciava as suas belas qualidades e tinha-lhe afeição, mas todos esses sentimentos me tinham nascido espontâneos no coração, mais por hábito do que por inclinação. Como sabes, a pessoa a quem fui recomendado para o Porto era a baronesa. Principiei a frequentar aquela casa, onde ao fim de algum tempo era considerado mais como filho do que como estranho. D. Deolinda habituou-se a olhar-me com certa deferência, graças aos galanteios que eu, por mera

delicadeza, lhe dirigia, e, afinal, quando eu menos o pensava, achei-me ligado a ela por uns laços mais de pura amizade do que de amor ardente. A baronesa também olhava com bons olhos as nossas íntimas relações, e eu, que nunca quisera desmerecer do conceito em que era tido, movia-me a todas as vontades de D. Deolinda, a ponto de aceder ao consórcio que ela me propunha, sem talvez ter bem a consciência do que fazia. Foi neste meio-tempo, e depois de estarem as coisas assim dispostas, que eu te vi e amei, com o amor puríssimo que me inspiravam não só as tuas qualidades, como o conjunto de belezas com que a natureza tanto caprichou em adornar-te. O que se passou durante o tempo que permaneci na aldeia bem o sabes tu, e desnecessário é o recordar-to, apesar de que me cumpre declarar que, nas proximidades da minha partida, comecei a olhar o amor que te consagrara como um crime, pelo pacto com que me ligara a D. Deolinda, e desde logo tentei esquecer-te e fazer-te persuadir que as nossas relações tinham de terminar. Não calculei, porém, o passo errado que dava, porque também nunca julguei que no teu peito se abrigassem sentimentos tão poderosos e uma afeição tão terna. Parti, finalmente, e, ao despedir-me, quis mostrar-me

forte e insensível aos impulsos do meu coração, mas no fundo da alma havia ainda esse sentimento primitivo que me impelira para ti, e ainda um outro, mas esse horrível e desesperador: o arrependimento e o remorso de te ter roubado o mais precioso dos teus dons... Chegado ao Porto, e reatadas as relações com D. Deolinda, comecei a achar-me num a horrível situação, vendo-me unido a duas mulheres, a uma pela palavra e promessa que fizera, a outra pela honra que lhe roubara. Em breve, porém, a baronesa veio a forçar a escolha, propondo-me ela própria, e abertamente, o meu casamento com a sua filha, união que dizia ser a felicidade desta e o seu descanso. Acedi... acedi porque assim era preciso e porque julguei que o sentimento que nutrias por mim havia também de terminar... Partimos para a aldeia, e, chegados que fomos aqui, D. Deolinda soube então das nossas relações, e desde logo um nobre pensamento veio fazer mudar os nossos destinos. Rosa, acreditei sempre que Deolinda me queria extremosamente; podia até jurá-lo; mas, ainda que eu me tivesse enganado nas minhas suposições, o que é certo é que D. Deolinda procedeu nobremente, obrigando-me a desposar-te, a fim de reparar o erro que cometi, com sacrifício do seu próprio

coração!... É realmente sublime e digno exemplo para todas as mulheres o seu procedimento!... Desde então não tem descansado um só instante forcejando sempre por abreviar o nosso casamento. Recebi com prazer a sua grandiosa abnegação, mas dissimulei para não a desgostar; finalmente, ontem disse-lhe qual era a minha vontade, e a alegria com que recebeu esta minha resolução não se pode descrever. Em vista disso, pois, já vês, Rosa, que não há o mínimo inconveniente no nosso consórcio, e é ele a única felicidade que pode suavizar os últimos momentos que me restam reparar um erro, um crime até, que a minha leviandade de rapaz me fez cometer.

Rosa pareceu meditar por algum tempo nas últimas palavras que Fernando acabava de proferir, e, ao fim de alguns minutos, tomando-lhe as mãos, nas quais imprimiu dois beijos, exclamou:

— Pois que assim o quer, Fernandinho, estou pronta a obedecer-lhe em tudo o que exigir de mim.

— Eu não exijo, Rosa: peço. Agora que vou ver satisfeito o meu maior desejo, nada mais me resta neste mundo. O nosso casamento far-se-á hoje mesmo... Sinto-me definhar

tão apressadamente, que temo não poder chegar a saldar essa dívida...

— Oh! não diga isso, Fernandinho: há de viver para amar-me.

— É impossível, minha esposa: conheço perfeitamente o meu estado para nutrir tais esperanças; ainda assim, não creias que me intimida a morte. Oh! não: sou bastante feliz, porque levo a firme convicção de ter cumprido um dever sagrado para com uma mulher que sinceramente me idolatrou e que respeitará a minha memória depois de eu deixar de existir... Tu irás, depois, todos os dias, ajoelhar junto da minha campa, e orvalhar com as lágrimas das tuas saudades as flores silvestres que vegetarem por sobre ela, não é verdade?

— Enquanto Deus não me chamar também para junto de si... Poucos dias talvez lhe sobrevirei, Fernando, e o meu único desejo é que a minha peregrinação neste mundo seja bem curta depois da sua morte, para mais depressa viver, no Céu, com o ente que eu mais idolatrei na Terra. Lá, então seremos juntos eternamente, não é assim, Fernando?

Fernando fitou o rosto pálido da sua amante, e murmurou apenas: Minha pobre Rosa!

Neste momento a porta do quarto entreabriu-se, e a figura de Deolinda destacou-se no limiar.

Adiantou-se alguns passos para junto do doente, e, quando chegou próximo dele, Rosa lançou-se-lhe nos braços, exclamando entre um soluçar constante:

— Perdoe-me, Deolinda, perdoe-me.

— E que tenho eu que perdoar-te, minha pobre amiga? — respondeu a jovem. — Acaso não cumpri com os deveres de uma mulher de bem e perfeitamente conhecedora dos teus direitos?... Mas não falemos mais nestas coisas... Creio que está tudo resolvido entre ambos, não é assim?

— É verdade, Deolinda — respondeu Fernando — agora o que lhe peço é que o nosso casamento seja o mais breve possível.

Está tudo prevenido, meus amigos.

— E meus pais? Já os fez cientes dos meus desejos?

— Já. Agora cumpre-lhe também pedir-lhes o seu consentimento.

— Vá então chamá-los, Deolinda.

A filha da baronesa saiu, voltando daí a pouco acompanhada dos pais de Fernando, da avó de Rosa e de algumas outras pessoas, que entraram no quarto do enfermo.

Fernando, então um esforço sobre si, endireitou-se um pouco sobre o leito, e, acenando para que se aproximassem mais dele, exclamou com a voz já cava e débil pela falta de alento:

— Meus queridos pais, a fatalidade tocou-me com o seu dedo de desventuras e fez-me prostrar neste leito de sofrimento, na idade mais bela da existência, e quando um horizonte de felicidade se abria perante o meu futuro. Deus, porém, assim o quer, e nós, como bons cristãos, devemos: respeitar os seus insondáveis desígnios e não maldizer nunca as suas vontades santas. Sinto a morte transviar-me a pouco e pouco do caminho da vida, e vejo já bem perto o termo desta curta viagem. A minha morte deve

ser um doloroso golpe para vós, meus bons pais, para quem eu fui sempre, ininterrompidamente, o alvo de todos os cuidados, de todas as esperanças. A Providência, porém, não quis que a vossa felicidade na minha contemplação fosse duradoura e em breve me arrebatará dos vossos braços queridos... Agora, meus afeiçoados pais, há um único e final desejo que eu queria ver cumprido e do qual já os hão de ter feito sabedores... É de não dar a alma a Deus sem me ver unido pelos laços sagrados da religião a este pobre anjo que aqui vedes junto a mim, e para quem a vida não tem sido também mais do que uma série de desgostos e de amarguradas lágrimas. Esqueci-me dela por muito tempo, e, enquanto se tratava da minha união com outro ente não menos virtuoso e não menos digno, esta infeliz finava-se a pouco e pouco, ralando no seu coração os desgostos que eu lhe causava pelo esquecimento a que votei o seu puro e grandioso amor. A Providência Divina, porém, que na mínima coisa faz sentir os seus santos influxos, quis que esse ente a quem eu estava próximo a unir-me fosse o próprio a fazer-me conhecer os meus deveres de homem de bem, aconselhando-me, com o sacrifício do seu amor e das suas esperanças, a unir-me a

essa desventurada a quem de direito pertenceria a minha mão de esposo. Grandiosa alma! Sublime coração, digno exemplo para todas essas mulheres que se prezam de virtuosas, de desprendidas das vaidades humanas e superiores aos impulsos da sua vontade!... Se eu, Deolinda, não lhe posso demonstrar em vida a minha gratidão e o respeito que devo à nobreza dos seus sentimentos, creia que no meu coração vai bem gravada a lembrança da ação evangélica que praticou, e que eu, junto de Deus, intercederei pela sua felicidade na Terra, pedindo àquele um prémio para as suas virtudes...

Agora, meus bons pais, nesta hora solene, espero que não me recusareis o vosso consentimento para esta união, que é a minha ambição. Posso, pois, contar com ela?

O auditório estava profundamente comovido: cada uma daquelas pessoas, com a cabeça pendida para o peito e os olhos marejados de lágrimas, parecia vergada ao peso da mais pungente delícia foi com a voz entrecortada de soluços que o atribulado pai de Fernando respondeu:

Cumpra-se a tua vontade, meu filho; nós damos-te o consentimento que pedes.

— Obrigado, muito obrigado, meu querido pai — respondeu o rapaz; depois, dirigindo-se à avó de Rosa:

— Também não recusa o seu consentimento?..

— E poderia eu negar-me a um tal pedido? — respondeu a desolada velha, banhada em lágrimas.

— Agora, Deolindinha — continuou o jovem — , encarrego-a dos preparativos destas tristes núpcias. O que lhe peço é que a cerimónia se efetue ainda hoje; sinto-me tão falto de forças...

— Serão prontamente satisfeitos os seus desejos, Fernando. Vou tratar de tudo, e brevemente unir-se-á a este anjo.

E Deolinda, ao proferir estas palavras, retirou-se precipitadamente, como para ocultar uma torrente de lágrimas que lhe resvalou subitamente das pálpebras.

CAPÍTULO 18

Desde as quatro horas da tarde desse dia, começara a juntar-se à porta da herdade um grande número de pessoas de todas as idades e sexos, atraídas ali por essa curiosidade tão peculiar, principalmente às pequenas povoações.

A notícia do casamento de Fernando com a Rosa do Adro espalhara-se tão rapidamente por toda a aldeia, que dentro em poucos momentos não havia nela uma só pessoa que não soubesse deste repentino sucesso. E a maior parte dessa gente, ávida e curiosa de assuntos que dessem largo pasto às suas conversas, dirigiu-se desde logo, em tropel, para a casa do pai de Fernando, a fim de indagar os motivos de tão inesperado acontecimento.

Cada criado que aparecia no limiar do portão era logo cercado e martirizado com perguntas de uns e outros, às quais respondiam, ou por ignorância, ou por qualquer recomendação que lhes fosse feita a tal respeito:

— Nada sabemos; foi coisa deliberada hoje pela manhã lá em segredo. O que apenas podemos afiançar é que tudo isso se faz a pedido do filho do nosso amo.

Estas vagas respostas deixavam a multidão perplexa e cada vez mais ansiosa, e afinal cada um traduzia o facto ao seu modo e dava-lhe uma cor mais ou menos verosímil.

Enquanto, porém, a multidão se acotovelava à porta da herdade, enchendo o espaço desse vozear surdo, que se assemelha ao embalar das ondas no mar largo, no aposento do doente passava-se uma outra cena bem diversa.

Ali reinava um silêncio tumular, e quase que nem sequer se pressentia o respirar das pessoas que cercavam Fernando. Este permanecia meio recostado sobre o leito e com os olhos ansiosamente fitos na porta pela qual devia entrar a sua futura esposa, parecendo que cada momento que decorria era para ele um século de angústias e mortificações.

Os pais de Fernando, a baronesa, a avó de Rosa e algumas outras pessoas da sua intimidade, achavam-se sentadas em

volta do leito do doente, e nos seus rostos transparecia a mais profunda mágoa.

Próximo do leito fora improvisado um altar sobre o qual resplandecia, ao clarão de algumas luzes, a imagem de Cristo crucificado, e a poucos passos estava o venerando pároco da aldeia, devidamente paramentado para a cerimónia que ia celebrar-se.

Esperava-se unicamente pela chegada da noiva, a quem a filha da baronesa se encarregara de acompanhar.

Afinal, a porta do quarto entreabriu-se, e apareceram as duas jovens.

À entrada de Rosa, uma exclamação de espanto saiu de todas as bocas.

Era que a pobre rapariga, apesar da palidez do rosto e do estado de prostração em que estava, vinha surpreendentemente bela, mas dessa beleza que inspira um profundo respeito, e que nos confunde ao contemplá-la.

A filha da baronesa, por um desses sentimentos de amizade para com a desventurada noiva, quase que a forçara a adornar-se com a maior parte dos objetos que preparara

para o seu casamento com Fernando, e, apesar da obstinação de Rosa, conseguira convencê-la, exclamando ao mesmo tempo que a vestia:

— É preciso que Fernando se orgulhe com a sua noiva, minha amiga; tu já és linda, mas este vestido, este colar, devem fazer realçar mais a tua formosura.

Rosa, pois, apresentara-se simplesmente adornada, mas dessa simplicidade encantadora e artística que só um apurado gosto, como o tinha a filha da baronesa, podia fazer realçar.

Um vestido liso, de seda branca, ligeiramente decotado, e cingido na cintura por uma larga fita cor-de-rosa, um fio de pérolas enlaçado no pescoço e caído um pouco sobre o colo, tendo pendente uma cruz de ouro, os cabelos soltos em anéis, apoiando-se alguns deles sobre as espáduas, e rematados na frente das flores e folhas artificiais de laranjeira, completavam a toilette simples, mas elegante, da desventurada rapariga.

Dir-se-ia, ao vê-la assim, a visão de um conto de fadas, ou uma dessas virgens meigas que a fantasia criadora dos

poetas costuma desenhar na tela dos seus devaneios.

Era, pois, justa a exclamação de espanto que saiu de todas as bocas à aparição de Rosa, e Fernando mesmo não pôde deixar de dizer de si para consigo:

— Como ainda é bela!... Mas em breve, pobre anjo, deixarás esses trajos de noiva para vestires o luto pesado das viúvas!...

A filha da baronesa conduziu para próximo do leito a futura esposa de Fernando, e este, à sua aproximação, e por um desses movimentos de enternecida delicadeza, apoderou-se de uma das suas mãos, e imprimiu nela um ardente beijo.

Rosa parecia subjugada por aquelas vistas que incessantemente se fitavam nela, e nem sequer ousava levantar os olhos orvalhados de lágrimas para as pessoas que ali permaneciam.

Sentia-se mal com aqueles ricos atavios, e por mais de uma vez a cor lhe subiu ao rosto ao atentar naquelas sedas brancas, que ela não imaginava se casassem tão bem com o dourado dos seus cabelos e com a alvura da sua cútis.

Deu-se, enfim, princípio à cerimónia, servindo de padrinhos a este consórcio a baronesa e o facultativo de Fernando.

Passou-se tudo no meio do mais religioso silêncio, apenas interrompido pelas palavras santas do ministro de Deus; e, ao terminar a cerimónia, os dois esposos receberam, como é costume, as felicitações, entremisturadas de uma vaga tristeza que nenhum dos assistentes pudera reprimir.

Fernando mostrou querer ficar só com Rosa por alguns momentos, e em seguida foram satisfeitos os seus desejos, saindo todos do quarto.

Logo que se viram a sós, os dois jovens enlaçaram-se num prolongado abraço, e duas palavras saíram instantâneas dos seus lábios.

Fernando exclamara:

— Minha querida esposa...

Rosa respondeu simplesmente:

— Fernando.

Passados esses primeiros momentos de enlevada ansiedade, o rapaz, entregue à alegria que lhe exaltava a

alma e como esquecido dos seus próprios sofrimentos, exclamou:

— Minha querida Rosa, estamos enfim ligados para sempre; Deus abençoou a nossa união, e, apesar de já tarde, está reparado o meu erro. Sinto-me agora verdadeiramente feliz; havia aqui, no coração, um peso horrível que me atormentava a cada momento... Parece-me até que te amo agora mais do que nunca; e tu, Rosa?

— Eu, Fernandinho, não posso amá-lo mais...

— Perdão, Rosa — atalhou o jovem — proíbo-te desde este momento de me dares outro tratamento que não seja o que eu te dou. Trata-me por tu e desprende-te dessas delicadezas que não ficam bem a dois esposos que se estremecem.

— Mas...

— Já te disse e não admito razões em contrário.

— Pois que assim o queres...

— Assim mesmo. Continua...

— Olha, meu Fernando, agora vamos ser muito felizes, não é verdade? Logo que tu melhores, não me deixarás um só momento... Tenho-me visto tão longe de ti.

— Sim, minha pobre Rosa, havemos de ser muito felizes — respondeu o rapaz, estremecendo e anuviando-se-lhe o rosto.

Rosa percebeu aquela repentina mudança, e, ansiosa, exclamou:

— Que tens, Fernando? Meu Deus, como estás pálido!

— Sossega, não é nada... Foi a minha ferida... uma dor... mas já passou. Olha, Rosa, deixa-me beijar-te... Encosta a tua loura cabeça ao meu seio... Assim!... Como és linda!... E eu que te queria trocar por outra!

E os dois esposos, como esquecidos de tudo, entregavam-se às mais ternas e puras carícias, sem se lembrarem que talvez dentro em pouco uma força imperiosa viria separá-los para sempre e pôr termo àqueles enlevos castos a que descuidadamente se entregavam.

Durou algumas horas aquela cena de estremecimento de coração, de mútuas carícias, e de enlevos santos.

Lembravam-se mutuamente, a cada instante, as horas felizes que tinham passado no começo das suas relações, as saudades que sofreram, as descrenças que os atormentaram, e o desespero e as dores que provaram, entremisturando esse diálogo de afagos sem fim.

Assim se passou aquele dia, sem haver nada mais notável.

Rosa, a instâncias de Fernando, ficara habitando aquele mesmo quarto, e, sentada no leito do seu esposo, velara toda a noite, guardando os poucos momentos em que o doente pudera conciliar o sono.

De madrugada, Fernando pareceu contorcer-se durante algum tempo em dores terríveis, e conquanto fosse grande a sua resignação e valor, não podia encobrir aos olhos da sua esposa os padecimentos que pareciam aumentar a cada instante.

Às 8 horas da manhã o jovem piorara: uma palidez cadavérica ensombrava-lhe as faces, os olhos começavam a perder o brilho habitual e Os lábios arroxeavam-se de momento a momento.

Foi logo chamado o facultativo, e este, mais por obrigação à ciência do que por convencimento de melhorar o estado do doente, receitou alguns calmantes. A sorte de Fernando estava decidida.

Às 10 horas entraram no quarto seus pais, a baronesa e a sua filha.

Fernando, como querendo poupar à sua esposa o testemunho de uma triste cena, voltou-se para ela e, com a voz pouco firme, exclamou:

— Olha, Rosa, já que estão aqui meus pais para velar por mim, vai acolá àquele canteiro que de aqui se vê e colhe-me um ramo das mais lindas flores, Rosa, sem perceber a verdadeira intenção daquele pedido, obedeceu imediatamente, e, apenas desapareceu, Fernando chamou para mais perto de si seus pais e exclamou:

— Meus queridos pais: afastei por um pouco deste lugar aquele pobre anjo para não ser testemunha das minhas tristes despedidas. Não queria morrer sem lhes dar o último adeus... Os meus bons pais, sei quanto lhes há de custar a morte deste filho que tanto idolatravam; mas Deus,

que é juiz supremo dos nossos destinos, assim o quer... A consolação que me resta, meus bons pais, é que sempre os respeitei e amei como autores dos meus dias e procurei sempre tornar-me digno de ambos... No entanto, se alguma falta cometi involuntariamente, perdoem-me... Agora, o que por último lhes peço é que tratem e respeitem essa pobre Rosa como minha esposa, e nada mais. Adeus, meus queridos pais, adeus, e até à eternidade, onde só nos tornaremos a encontrar.

Os pais de Fernando, a estas últimas palavras, curvaram-se sobre a cara do moribundo, e, sufocados pelo choro que lhes inundava as faces, imprimiram nela os beijos de despedida.

Os pobres velhos estavam extenuados por uma dor suprema, que só os corações dos pais experimentam nessa hora derradeira, e não sabiam responder às palavras do moribundo senão com as amargas lágrimas destiladas da dor profunda que lhes dilacerava as almas.

Fernando chamou então pela baronesa e a sua filha e dirigiu-se-lhes nestes termos:

— Senhora baronesa: nesta hora suprema em que estou prestes a deixá-la, faltaria ao dever mais sagrado se lhe não agradecesse também a amizade de mãe que sempre me consagrou e se não lhe pedisse igualmente perdão das minhas leviandades e das faltas que cometi para com a senhora... Perdoe-me, senhora baronesa, perdoe-me, porque eu não sabia o que fazia...

— Descanse, Fernando — exclamou a nobre senhora entre soluços — , descanse, porque, apesar de serem insignificantíssimas as faltas que supôs cometer para comigo, eu lhe perdoo tudo...

— Obrigado, senhora, obrigado — respondeu o rapaz, enternecido. Depois, voltando-se para Deolinda, tomou-lhe as mãos, imprimiu nelas dois ardentes beijos, e, erguendo para ela os olhos marejados de lágrimas, continuou:

— Deolinda, alma nobre e generosa, a ti sobretudo é que eu tenho de pedir perdão dessa grande falta que cometi... Estou certíssimo que me perdoarás, porque tu és uma alma santa; a ti, principalmente, é que eu devo o sossego destes últimos momentos e não tenho palavras com que te possa exprimir o meu reconhecimento. Perdoa-me, Deolinda, e

adeus! Oxalá que na Terra encontres um valioso prémio das tuas virtudes, porque no Céu já te está reservado o lugar dos bons.

Passados momentos, entrou Rosa no quarto, e, ao ver aqueles rostos aflitos e aqueles corações entregues à mais inconsolável dor, sentiu também as lágrimas caírem-lhe uma a uma pelas faces, e, como atormentada por um triste pressentimento, correu para junto do leito, e com a voz ansiada chamou Fernando.

Este, como extenuado pelo diálogo que tinha sustentado com os entes que lhe eram tão caros, permanecia com os olhos cerrados e num estado de lânguida prostração: mas, ao ouvir a voz da sua esposa, entreabriu as pálpebras, e, com um meigo sorriso nos lábios, exclamou:

— Ainda estou vivo, minha Rosa... Julgas que eu te deixaria sem te dar o último beijo?...

A pedido do moribundo, fora chamado um sacerdote para lhe ministrar os últimos sacramentos.

Confessara-se e comungara com o recolhimento de um bom cristão, e, como o sacerdote instasse depois disso para o

ajudar a bem morrer, Fernando exclamou com a voz meio extinta:

— Meu bom padre, cumpri já com os deveres da religião; respeito-lhe as boas intenções, mas não necessito mais das suas preces nem dos seus salutares conselhos; agora a única pessoa que me poderá tornar sereno este pensamento eterno é aquele anjo que ali jaz desfeito em lágrimas.

O sacerdote, em vista de um tal pedido ou de uma ordem tão terminante, retirou-se, lançando-lhe a bênção derradeira.

Fernando chamou então pela sua esposa; pediu-lhe que se sentasse no leito, e, recostando a cabeça sobre o seu colo, assim permaneceu silencioso durante algum tempo.

— Minha Rosa — exclamou ele afinal — , estou por momentos a deixar-te... Sinto já o estertor da morte a apertar-me a garganta como um anel de ferro... Olha: não te esqueças dos meus rogos... Respeita a minha memória... E, depois, todas as manhãs, vai regar as flores da minha campa com o orvalho salutar das tuas lágrimas, sim?

A pobre rapariga, àquelas palavras, sentiu como um golpe profundo despedaçar-lhe a alma; era a primeira vez, desde que Fernando tinha adoecido, que se convencera de que ele a ia deixar. Tornou-se então sublime aquele rosto; o olhar tomou um fulgor estranho, e, curvando-se sobre os lábios do seu esposo, colou neles as faces, murmurando:

— Descansa, Fernando, descansa em paz, porque nesta hora suprema te juro que cumprirei até à morte as tuas vontades... Será talvez bem curto esse espaço, porque eu não poderei sobreviver-te por muito tempo... e, se Deus permitisse que as nossas almas voassem juntas neste momento para a eternidade, se Ele me desse também agora a morte, seria a felicidade inconcebível...

— Pobre Rosa!... — respondeu o rapaz, fitando nela os olhos já amortecidos.

Passaram-se assim alguns momentos, em que os dois não deixaram um só instante de enlaçar-se um ao outro. De repente o corpo de Fernando agitou-se convulsivamente, e dos seus lábios saiu, como num suspiro, o nome de Rosa.

Esta soltou um grito penetrante, e todas as pessoas que permaneciam num aposento imediato correram apressadas, entrando em tropel no quarto.

Fernando entreabriu ainda os olhos, e, chamando para junto de si as pessoas que tinham entrado, apertou as mãos, sucessivamente, do seu pai, da baronesa, do facultativo, da avó de Rosa e de algumas outras pessoas, e, quando ia a fazer o mesmo a Deolinda, acenou para que se curvasse para ele e imprimiu-lhe um beijo na cara, murmurando:

— Adeus... Deolinda...

A filha da baronesa correspondeu àquele último adeus com outro beijo na testa do moribundo, que ele agradeceu com o olhar.

Depois, voltou todas as atenções para a sua esposa e ergueu um pouco a cabeça para ela, como para lhe dizer alguma coisa. Rosa curvou-se, recebeu ainda um beijo, que ela retribuiu, e a cabeça caiu inanimada sobre o regaço em que repousava.

Fernando tinha exalado o último suspiro, e daí a pouco o sino da igreja da aldeia dobrava lugubremente, anunciando que a alma de um justo tinha voado à mansão eterna.

O enterro fez-se no dia seguinte, por volta das 11 horas da manhã, como é costume nas aldeias.

Não havia uma única pessoa que não lamentasse a morte do infeliz rapaz, e a prova mais significativa de quanto estimavam ali o jovem facultativo demonstrava-se no aspeto consternado da multidão que se apinhava em todos os locais por onde passava o fúnebre cortejo.

Por essa ocasião, o assunto principal das conversas, depois de exaltadas as boas qualidades do finado, era os motivos que se teriam dado para uma tão desgraçada morte; quem teriam sido os assassinos, e que razões haveria da parte deles para a perpetração de um tal crime.

Eram muitas as versões e suposições que se aventavam; porém, todas elas caíam por falta de provas convincentes ou de coincidências atrasadas que se tivessem dado com o finado, e a única que mais parecia predominar no espírito do povo era que aquele triste sucesso não tivera por causa

senão a malvadez de alguns malfeitores, que por aqueles tempos infestavam as estradas vizinhas, para se apossarem dos poucos valores que ele levava consigo.

No entanto, o segredo daquele crime continuava envolto no mais intrincado mistério, e, apesar dos esforços que a justiça da terra tinha feito, nem sequer o rasto lhe tinham encontrado.

Rosa, por um desses sublimes sentimentos de dedicação e amor para com o seu finado esposo, contra todas as praxes seguidas em tais actos, e ainda contra todas as razões que lhe apresentaram para a desviar de um tal propósito, conseguira acompanhar o corpo do marido até à última morada.

Apesar de toda a coragem e valor de que a infeliz se revestira para arrostar com aquele último transe, por mais de uma vez esteve para sucumbir no caminho, e só uma vontade de ferro, uma força poderosa que predominava em todos os seus movimentos, a animava a levar a cabo um tal intento.

Caminhava ela, pois, logo atrás do caixão, vestida de luto e debulhada em lágrimas, amparada por um dos criados da herdade, e mais de uns olhos se embaciaram de lágrimas, e mais de um rosto se cobriu de aflitiva dor ao contemplarem aquela triste cena.

Ao entrar o lúgubre cortejo na igreja, Rosa, em consequência da multidão que penetrava no templo, vira-se forçada a parar para depois seguir com os últimos, e, ao dar alguns passos no interior, estacou como petrificada diante de um vulto que, encoberto pela sombra, e como escondido, permanecia encostado a uma das paredes.

Este vulto era de António, o jovem do padre, o antigo namorado de Rosa e ultimamente o confidente dos amores dos dois jovens.

A pobre viúva, ao deparar-se-lhe o rosto pálido e cadavérico daquele homem, que tanta confiança lhe inspirara em outro tempo, sentiu-se oprimida por um horrível pressentimento, e, em vez de se aproximar dele para o interrogar sobre os sinistros pensamentos que se lhe tinham gerado na mente, retrocedeu alguns passos como horrorizada, fitando-o através da escuridão em que estava envolto, com um olhar

penetrante e investigador, como se tentasse aprofundar por meio dele o íntimo do seu coração.

António, pelo seu turno, pareceu sentir-se subjugado por aquele olhar; quis dar alguns passos para ela, como para lhe falar, mas Rosa, estendendo para ele os braços, e continuando a fulminá-lo com a sua vista coruscante de raiva, exclamou em tom abafado pelo desespero e pela dor:

— Arreda, assassino! Nem mais um passo... Revê-te na tua obra diabólica, enquanto o dedo da Providência não te risca na cara o estigma do crime... Desgraçado!... Teme a justiça de Deus, porque a dos homens não seria bastante para te punir de um semelhante crime. Para aquela é que eu apelo...

António, ao ouvir estas palavras, estremeceu, como se um estilete de aço lhe retalhasse as carnes, pareceu cambalear, cobriu o rosto com as mãos e desapareceu como uma sombra pela porta da igreja.

Esta cena passara-se tão rápida e tão fora das vistas do povo, naquela ocasião só entretidas com a cerimónia, que

já tinha começado, que não houve uma só pessoa que atentasse nela.

Rosa adiantou-se então mais alguns passos para o centro da igreja, assistiu impassível, como um espectro, à fúnebre cerimónia, acompanhou ainda o corpo do seu marido até à sepultura. Foi a primeira a lançar-lhe alguns punhados de terra, conservou-se depois um pouco de tempo ajoelhada junto à campa, murmurando algumas orações, e voltou afinal para a herdade, amparada por algumas pessoas que se tinham condoído do estado de prostração em que ficara.

CAPÍTULO 19

São decorridos cerca de trinta dias depois das cenas que deixamos descritas.

No mesmo quarto onde havia perto de um mês se finara o esposo de Rosa e sobre o mesmo leito onde o seu corpo repousara por alguns dias, dava-se quase uma cena idêntica àquela que então ali se passou.

Rosa, a bela e alegre rapariga de outrora, o enlevo dos rapazes da aldeia, jazia como inanimada sobre aquele mesmo leito onde seu esposo exalara o último suspiro.

Conhecia-se que havia ainda alguma vida naquele coração, morto de há muito para as alegrias do mundo, pelo arfar compassado do peito e pelo olhar já amortecido.

O rosto, esse, nem o colorido afogueado da febre o animava.

Próximo do leito achavam-se postadas, guardando religioso silêncio, duas mulheres de idades bem diferentes: uma,

ainda nova, era Deolinda, a filha da baronesa, que, depois da morte de Fernando, instara com a sua mãe para ali ficarem mais algum tempo; a outra, já de avançada idade, era a pobre avó da doente.

Ambos aqueles entes, desde que Rosa piorara, o que havia sucedido três dias antes, não se tinham separado do leito sequer um instante, esforçando-se cada qual em lhe velar os últimos momentos da existência.

Rosa, desde a morte do marido, não deixara, enquanto pudera, de ir todos os dias rezar junto à sua campa, e derramar sobre ela algumas lágrimas, conforme a promessa que lhe fizera.

Havia, porém, três dias, que não pudera cumprir aquele seu derradeiro desejo, porque o estado da sua saúde chegara ao último extremo.

A pobre rapariga esperava com resignação de uma mártir a sua hora suprema, e do íntimo da alma só pedia a Deus que lhe abreviasse os sofrimentos, para mais depressa se ir unir àquele a quem tanto amara no mundo.

Um único desejo, porém, ainda lhe ocupava a mente: o de ir dar o último adeus à campa do marido, antes de morrer, e era tal a força de vontade que a movia, que por mais de uma vez tentou erguer-se do leito para experimentar ir até ali. Baldado intento, porém, porque, mal se erguia, o corpo caía logo inanimado e sem alento.

Eram perto das dez horas da manhã, e Rosa, recostada sobre a cadeira, com os olhos meio amortecidos, parecia completamente estranha a tudo o que se passava em derredor dela.

De repente, porém, as faces tingiram-se-lhe de uma estranha vermelhidão, a vista recuperou algum brilho, ergueu impetuosamente o corpo, e, encarando a filha da baronesa, com um sorriso de alegria, exclamou:

— Deolinda, minha avó, não sei o que neste momento se passa em mim, mas parece-me que já não estou doente... Sinto um tal vigor...

As duas mulheres, assustadas por uma tão repentina mudança, levantaram-se, e, como receando tais melhoras, tentaram sossegá-la, exclamando:

Descansa, Rosa, que tu hás de melhorar, mas precisas de sossego; qualquer excesso neste momento podia ser fatal.

— Ah! não, não; sinto-me reviver e estou certíssima de que terei forças para...

— Para quê? — atalhou a filha da baronesa, como adivinhando-lhe as intenções.

— Para ir visitar o meu Fernando, que decerto há de ter estranhado a minha ausência nestes dias.

— Enlouqueceste? — respondeu a avó de Rosa. — Pois tu querias agora levantar-te com essa febre?... Não te lembres de tal.

— Como estão enganadas comigo!... Pois julgam que eu me levantaria daqui se não me sentisse com forças bastantes para ir até ao adro?... Vamos, vamos depressa... ajudem-me a vestir... talvez seja o último adeus que eu vá dar àqueles lugares.

E, dizendo isto, Rosa levantara-se do leito e tentava descer dele.

Por mais esforços que as duas fizeram, por mais convincentes que foram as razões para a dissuadir de semelhante intento, nada conseguiram, porque a doente instava de tal modo, que afinal não tiveram remédio senão obedecer-lhe.

Daí a pouco transpunha ela o portão da herdade, encostada ao braço de D. Deolinda, seguindo-lhes as pisadas sua avó e um criado.

Rosa, ao sair de casa, ou por um triste pressentimento, ou naturalmente, despedira-se, com um adeus, dos pais de Fernando, dizendo:

— Até logo, sim!... Eu hei de voltar talvez restabelecida... Este passeio e estes ares parece que me dão vida.

Chegados que foram ao adro, Rosa pediu para entrar na igreja, ajoelhou diante de um altar, e ali permaneceu durante muito tempo, murmurando com toda a serenidade, e num completo recolhimento, algumas orações.

Levantou-se depois mais animada e dirigiu-se sem auxílio de pessoa alguma para junto da campa do marido. Ajoelhou

aí de novo, parecendo rezar por alguns instantes, e depois curvou-se sobre ela, segredando misteriosas palavras, que ninguém pôde perceber.

Quando se levantou, estava de todo desfigurada: no rosto reaparecera-lhe a palidez da morte, os olhos já não brilhavam, e os lábios começavam a arroxear-se.

As pessoas que a acompanhavam estremeceram.

Rosa, apontando então para próximo da campa de Fernando, exclamou com a voz quase extinta:

— Hão de enterrar-me ali, sim?...

As últimas sílabas foram sufocadas por uma golfada de sangue, e caiu repentinamente de bruços sobre a sepultura.

Um grito de dor saiu de todos os peitos.

Tentaram erguê-la para a conduzir para uma casa próxima, mas a pobre rapariga, abanando tristemente a cabeça, murmurou:

— É escusado... Deus fez-me a vontade... Chegou finalmente a hora de me unir para sempre ao meu Fernando... Deolinda... A minha avó... adeus até à

eternidade... Despeçam-se... por mim... dos pais... do meu mar...

A voz extinguiu-se-lhe na garganta; relanceou ainda um terno olhar de despedida para sua avó e para Deolinda, pendeu a cabeça, as pálpebras cerraram-se-lhe, e o coração deixou de bater.

Deolinda, que a sustivera durante esse tempo nos braços, ergueu os olhos inundados de lágrimas para o céu, e exclamou para os circunstantes:

— Orem pela alma desta santa mártir... Rosa morreu.

E, movidas por um mesmo instinto, todas as testemunhas desta triste cena ajoelharam e murmuraram as orações dos mortos.

Deolinda, no entretanto, elevando o pensamento para Deus, exclamava:

— Grande Deus!... Vós que me escolhestes para testemunha do triste desenlace deste drama, disponde da minha alma, porque para mim morreram todas as afeições deste mundo: amei-os a ambos como se pode amar na Terra... Esses dois entes tão queridos quiseste-los Vós para

a vossa santa companhia: recebei-me também agora no vosso seio, porque a vida para mim não será mais do que uma pesada cruz... Ah! Fernando, Fernando, como tu foste amado!...

No dia seguinte ao do falecimento da Rosa do Adro, o padre Francisco achava-se no seu quarto, recostado na cadeira de couro costumada e com a cabeça abandonadamente reclinada sobre a mão, como se um pesar qualquer o oprimisse.

Afinal, depois de alguns momentos de muda preocupação, lançou mão de uma pequena campainha que lhe estava próxima, agitou-a, e, à aparição de uma velha criada, disse simplesmente:

— O António que venha aqui falar-me.

A criada retirou-se, e poucos momentos depois entrou o rapaz.

Vinha com o rosto desfigurado, os olhos sumidos e a cara pendida para a terra, como se vergasse ao peso de uma grande dor.

O padre, ao atentar naquela figura sofredora, abanou tristemente a cabeça e murmurou de si para consigo:

— Pobre rapaz!... A que ponto nos levam as paixões humanas!...

Depois, dirigindo-se-lhe em voz alta, continuou:

— Senta-te aqui, meu rapaz, temos muito que conversar.

O jovem obedeceu, sentando-se quase maquinalmente num a cadeira que estava próxima da do seu amo.

O padre sorvendo então uma pitada de rapé da sua grande caixa de tartaruga, como se se dispusesse para encetar um discurso, começou assim:

— Como sabes, a Rosa do Adro, essa infeliz rapariga tão querida desta aldeia, morreu.

António acenou apenas com a cabeça, sem poder articular uma palavra.

O padre continuou:

— A sua morte e a de Fernando foi um sucesso como de há muitíssimos anos não há memória. No entanto, a nenhum deles podemos dar remédio; o que nos resta agora

é rezarmos pelas suas almas e conformarmo-nos com a vontade do Deus Poderoso. Depois disso, porém, ainda temos mais alguma coisa a fazer: é curarmos a grande ferida que uma daquelas existências deixou bem aberta... e evitarmos dessa forma talvez mais uma vítima...

— Não o percebo, senhor! — respondeu o rapaz.

— Eu me explico: a vítima de que quero falar és tu: essa grande ferida é a que te rasga o coração...

António levantou os olhos espantados para seu amo, como se não atinasse com o verdadeiro sentido daquelas palavras.

— Tu também amaste Rosa loucamente — prosseguiu o padre — e esse amor que ainda concentras no peito pode ser-te duplamente fatal; é portanto de ti e desse amor sem esperanças que precisamos tratar.

— Oh! mas eu não a amava... Não sei até se algum dia a amei...

— Não tentes iludir-te o coração, iludindo-me também, António, porque, para conhecer o teu estado moral, não é necessário grande perspicácia... Basta um leve

conhecimento do coração humano... Mas vamos ao fim principal: lembras-te de eu por mais de uma vez tentar desviar de ti essa desgraçada paixão, chegando a dizer-te que, ainda mesmo que Rosa correspondesse aos teus afetos, nunca poderias ser seu esposo?

— Recordo-me. E então?

— Quando te dizia isso, tinha muitas razões para assim proceder, e sabes porquê? — O padre olhou então em redor de si como para se certificar de que ninguém o ouvia, e, baixando mais a voz, concluiu: — Porque Rosa era tua irmã!

— Minha irmã! — exclamou o rapaz, levantando-se subitamente da cadeira, como aterrorizado por aquela revelação. E continuou, com acento desvairado, abanando a cabeça com ar de incredulidade:

— Minha minha irmã!... É impossível... Engana-se, por certo, senhor.

— Oxalá que assim fosse, mas, infeliz ou felizmente, é verdade.

— Verdade!... Mas como se concebe isso?... Parece que a cabeça se me parte, meu Deus!

— Ora senta-te e ouve-me com atenção:

"Quando a mãe de Rosa estava prestes a dar a alma a Deus, fui chamado à sua cabeceira para a ouvir de confissão. Nesse momento supremo revelou-me ela o segredo do teu nascimento. Disse-me ter entretido relações com um rapaz destes sítios, que mais tarde se viu obrigado a deixá-la, por ter ido alistar-se no exército. Por essa ocasião, o novo soldado levava consigo uma criança pouco mais que recém-nascida, que pela força das circunstâncias se viu obrigado a depor no Hospício dos Expostos no Porto. Ao deixar a mãe do seu filho, jurara ele lavar a sua honra desposando-a logo que tivesse acabado de pagar à Pátria o seu tributo de sangue, mas, infelizmente, esse juramento nunca o pudera cumprir, porque, pouco mais de um ano depois do seu alistamento, falecera de uma bala no campo de batalha. Dois anos depois destes sucessos, casava tua mãe com o pai de Rosa, tendo antes disso confessado a sua falta ao seu futuro esposo. Este, vendo que o teu nascimento jazia envolto no mais denso mistério, amando tua mãe, e reconhecendo-lhe os bons sentimentos de que era dotada,

esqueceu-se de tudo e deu-lhe o seu nome, vivendo ambos sempre na mais santa paz de família.

Tua mãe revelou-me esse segredo à hora da morte e pediu-me por último que, se um dia te encontrasse, te trouxesse para a minha companhia e que olhasse por ti como por filho daquela pecadora, pedindo-me que te ocultasse sempre o nome dos teus pais, podendo revelar-te tudo se as circunstâncias a isso me obrigassem.

Pouco tempo depois da morte da tua mãe, dirigi-me ao Porto e, ansioso por cumprir a sua última vontade, comecei as minhas pesquisas, que por felicidade foram coroadas do melhor êxito. Tendo-te descoberto no Hospício dos Expostos, pedi com instância e obtive que fosses confiado à minha guarda. Eis a razão porque tentei desviar-te das relações amorosas que começavas a entreter com a infeliz rapariga, tua irmã."

O rapaz, durante a curta narração do seu amo, permanecera como recolhido num mar de reflexões e, ao terminar, levantou-se com a cara sinistramente tranquila.

— E tem a certeza — interrogou ele — de que sou esse rapaz exposto pelo meu pai no Hospício dos Expostos?

— Tenho, porque tua mãe disse-me, para que eu te reconhecesse melhor, que te procurasse no braço direito dois sinais negros, bem distintos e separados, que efetivamente possuís. E agora permita-me ir ver, pela última vez, minha pobre irmã e dar-lhe o último adeus.

E, sem esperar por mais resposta, saiu precipitadamente, deixando seu amo boquiaberto e atónito por uma tal frieza, quando ele esperava uma cena de lágrimas e comoções.

António, logo que saiu do quarto do padre, dirigiu-se à sala da biblioteca, sentou-se a uma escrivaninha, pegou num a folha de papel onde lançou apressadamente algumas linhas, dobrou-a em forma de carta, sobrescritou-a e deixou-a sobre o mesmo sítio, saindo em seguida pela porta que dava para a quinta e desaparecendo em pouco tempo por entre os arvoredos frondosos que a coalhavam.

António não apareceu ao jantar, com o que o padre pareceu afligir-se bastante, e, segundo o seu costume quotidiano, dirigiu-se depois à biblioteca, onde passava algumas horas

entregue à leitura. Ao aproximar-se, porém, da escrivaninha, deparou com a carta, cujo sobrescrito lhe era dirigido. Lançou mão dela, leu-a, e, ao passo que corria os olhos por aquelas linhas o rosto empalidecia-lhe de momento a momento, e afinal caiu como extenuado sobre uma cadeira, exclamando em tom desesperado e apertando entre as mãos aquele papel que parecia conter horríveis revelações:

— Desgraçado!...

A carta dizia o seguinte:

"Sr. Padre Francisco:

Quando ler esta carta, já eu terei deixado de existir. Suicido-me porque não tenho ânimo bastante para arrostar com os remorsos dos meus crimes.

Ocultei-lhe as minhas intenções sinistras; não lhe revelei, sequer, o inferno em que ardia a minha alma depois dessa terrível noite, porque não me atrevi a fazer-lhe uma tal confissão, e porque estou certo que a sua maldição cairia sobre a minha cabeça. Fernando, o esposo da minha irmã,

foi vítima de um trama que lhe urdi, e fui eu próprio que o assassinei com o auxílio de mais dois cúmplices a quem comprei com todo o dinheiro que possuía.

O que me levou à perpetração de um tal crime foi o demónio do ciúme, esse amor infernal que senti sempre pela minha irmã, sem saber então que o era. Em vista disto, fui eu o causador de duas mortes: da de Fernando, para quem a felicidade ia começar a sorrir, e da minha irmã, que morreu amaldiçoando-me talvez, do fundo da alma, porque a infeliz quase que adivinhara quem fora o assassino do seu esposo. Morro, pois, sem esperança de salvação, porque para criminosos como eu Deus deve ser inexorável.

Não procurem o meu corpo, porque será difícil encontrá-lo. Nem eu quero que o encontrem, para que não vá a presença dele manchar a santidade do lugar em que descansam esses dois entes tão infelizes, indo roubar-lhes a paz que ambos ali gozam.

Adeus, Sr. Padre Francisco; perdoe-me os dissabores que eu talvez lhe tenha causado, e, em nome da minha mãe, receba os protestos mais sinceros de gratidão que ela e eu lhe devemos pelo cumprimento da sua última vontade.

António"

O padre Francisco, passados que foram os primeiros momentos de estupefação, deu logo ordem a todos os criados para que procurassem o corpo do infeliz, dirigindo ele próprio algumas buscas; mas todos esses trabalhos foram infrutíferos, porque, depois de oito dias de incessantes e minuciosas pesquisas, nada conseguiram saber do destino que tomara o desgraçado suicida.

Mais tarde, uns dez ou doze anos depois, sendo necessário consertar uma nora situada ao fundo de um campo contíguo à propriedade do padre Francisco, foram aí encontradas as ossadas de um cadáver, no fundo de um poço, que alguma gente disse pertencerem ao infeliz António, jovem do padre, que desaparecera sem mais se saber do seu destino.

A baronesa e a sua filha, alguns dias depois da morte de Rosa vieram para o Porto, venderam todos os bens e propriedades que possuíam e entraram ambas num dos conventos desta cidade. A última destas, D. Deolinda, ainda

há poucos anos se finou, e no convento onde permaneceu era olhada como um modelo de virtudes.

FIM